

**Representação alegórica de Angola em
Pepetela:**
Estudo comparativo de *O Cão e os Caluandas*
e *Sua Excelência, de Corpo Presente*

(Versão final após defesa)

Ambrósio Bento Calembela Nachilala

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Estudos Lusófonos
(2º ciclo de estudos)

Orientadora: Professora Doutora Cristina Maria da Costa Vieira

Dezembro de 2021

Dedicatória

Este trabalho de pesquisa é inteiramente dedicado à memória do meu pai, Frederico Wachilala. O maior incentivador das realizações dos meus sonhos cujos conselhos tornaram-me no homem que tenho o orgulho de ser hoje. O meu muitíssimo obrigado!

Esses mortos difíceis
Que não acabam de morrer
Dentro de nós; o sorriso
De fotografia,
A carícia suspensa, as folhas
Dos estios persistindo
Na poeira; difíceis;
O suor dos cavalos, o sorriso,
Como já disse, nos lábios,
Nas folhas dos livros;
Não acabam de morrer;
Tão difíceis, os amigos.

(Eugénio de Andrade, em *In Memoriam*)

Agradecimentos

“A massambala cresce a olhos nus”
Vieram muitos
à procura de pasto
traziam olhos rasos da poeira e da sede
e o gado perdido.
Vieram muitos
à promessa de pasto
de capim gordo
das tranqüilas águas do lago.
Vieram de mãos vazias
mas olhos de sede
e sandálias gastas
da procura de pasto.
Ficaram pouco tempo
mas todo o pasto se gastou na sede
enquanto a massambala crescia
a olhos nus.
Partiram com olhos rasos de pasto
limpos de poeira
levaram o gado gordo e as raparigas.
(Ana Paula Tavares)

Em primeiro lugar gostava de endereçar os meus mais profundos agradecimentos ao meu pai, Frederico Wachilala, cujo esforço e amor paternal contribuíram bastante para que pudesse ter força para seguir em frente. Nunca ouvi da sua boca que estava orgulhoso de mim; contudo, como qualquer pai dedicado, sacrificava a sua felicidade em prol da formação dos seus filhos e o meu único desejo é que estivesse presente para ver o seu desejo concretizado.

Agradeço também ao meu irmão, Alberto Wachilala, pelo carinho e apoio, bem como aos demais membros da minha família pelo apoio moral que enviam de Angola.

Ninguém cresce sozinho, ninguém caminha só. Exemplo vivo deste facto é a realização desta investigação académica que só foi possível graças aos conselhos e ao enorme auxílio da minha orientadora, a Professora Doutora Cristina Vieira, que durante o meu percurso

académico, tanto na licenciatura como no mestrado, demonstrou um amor materno não só para comigo, como também a todos os angolanos que lecionou, razão pela qual me apraz tanto ter tido a oportunidade de trabalhar com uma pessoa tão dedicada aos seus alunos quanto a Professora Cristina.

À Andreia Melo, a minha companheira de momentos tristes e de momentos eufóricos. É graças ao amor, confiança e grande apoio da Andreia que pude reunir forças para concluir esta dissertação. Sem dúvida alguma, o seu auxílio foi crucial no desenvolvimento deste trabalho dissertativo.

Foram muitas as pessoas que durante o meu percurso académico marcaram a minha vida no sentido mais positivo e penso que seria uma injustiça não imortalizá-los na minha vida, e é por esta razão que não me é possível deixar de agradecer, em primeiro lugar, aos meus padrinhos Rosa Matos, Filipe Alves, Patrícia Cunha e João Cunha, pela receção calorosa que me deram durante este percurso académico, especialmente porque sem a sua ajuda direta ou indireta não teria possibilidades de seguir com o mestrado. Nenhum gesto meu será capaz de retribuir toda a ajuda e carinho que me foram facultados até aos dias de hoje.

Nesta senda, gostava de agradecer aos meus afilhados Ana Fortuna, Jorge Ambrioso, Pedro Ramos, Eliane Silva e Pedro Prata, aos meus grandes amigos Boaventura Feuerbach, Filipe Tchitchi e Carina Soares e aos meus colegas da Licenciatura em Estudos Portugueses e Espanhóis e do mestrado em Estudos Lusófonos pelos momentos partilhados na Covilhã e pela contínua demonstração de amizade que seguramente estimarei pelo resto da minha vida.

Agradeço ainda à Tia Marta Romano e ao meu grande amigo Luís Fortuna pelo seu amor maternal e paternal, disponibilizando-se sempre para que me sentisse em casa em Portugal.

O meu percurso académico não começou cá em Portugal; é exatamente por isso que gostava de agradecer aos meus professores de Angola da Escola de Formação de Professores do Namibe Patrice Lumumba, em especial os professores André Muinguilo Júnior e Miguel André, pela formação que me deram e aos meus eternos amigos Arnaldo Stélio, Alfredo Wachilala, Gavino Alberto, Gelson Fernandes, Dário Laurentino, Fernando Nambalo e os demais colegas da turma do curso de Especialidade em Língua Inglesa.

Por último, mas definitivamente não menos importante, gostava de agradecer a mim próprio pelo esforço e energia que disponibilizei para não desistir de lutar. Pode até parecer presunçoso da minha parte estar a agradecer a mim próprio, neste que é um trabalho dissertativo elaborado por mim; contudo, creio que de nada adianta que os outros valorizem o nosso esforço sem que antes o valorizemos nós mesmos, porque só nós sabemos o quão desgastante e/ ou sacrificante realmente foi para se chegar onde chegámos, motivo pelo qual não posso deixar de agradecer a mim mesmo, por acreditar em mim, sendo cada vez mais resiliente, e seguir em frente.

Resumo

O presente trabalho dissertativo de investigação científica retrata a representação de Angola enquanto alegoria em duas obras de Pepetela, *O Cão e os Caluandas* e *Sua Excelência, de Corpo Presente*. O nosso objetivo passa por demonstrar como as duas obras são representações alegóricas de Angola de uma forma geral e, para tal, utilizamos o método comparativo com o intuito de demonstrar as semelhanças e as diferenças alegóricas não só entre as obras em si, mas também com a realidade que elas representam.

Optámos por cotejar as duas obras referidas em prol do seu alto teor sociopolítico, isto considerando o facto de uma das obras focar mais numa camada social média baixa e a outra focar-se essencialmente numa camada mais elitista. Além disso, a escolha de ambas as obras deve-se ao seu contexto contrastivo, na medida em que uma delas aborda Angola mais abertamente, *O Cão e os Caluandas*, e a outra retrata um país africano qualquer sem nome. Mas aceitamos o desafio de demonstrar que, na realidade, a narrativa de *Sua Excelência, de Corpo Presente* se refere igualmente a Angola. Contudo, é preciso ter um olhar agudo e conhecimento sobre a realidade angolana para demonstrar tal facto.

A fim de cumprirmos com os objetivos traçados, numa primeira instância abordamos a noção de alegoria e o seu papel na literatura de forma a comprovar como o seu uso se enquadra na nossa dissertação. De seguida, fizemos um estudo sinótico da História de Angola, o seu presente e a sua literatura, isto porque o nosso objetivo é verificar que as duas obras são representações de Angola, para que em próximos estudos a nossa obra possa ter um mínimo de conhecimento geral referente ao país, de forma a se relacionar com os nossos argumentos.

Optamos a seguir por abordar Pepetela, em concreto o seu olhar sobre a sociedade angolana propriamente dito sendo que o autor escreve maioritariamente, senão sempre, sobre Angola, sendo imprescindível saber qual é a visão que o mesmo tem face ao passado e ao futuro do seu país.

Ao analisarmos as obras pepetelianas e ao compararmos as nossas conclusões com outros estudos semelhantes sobre a visão do autor podemos então responder a uma das perguntas que compõem os nossos objetivos.

Por fim, analisamos comparativa e alegoricamente as duas obras e a realidade angolana. Em primeiro lugar, procuramos demonstrar como certos aspetos linguísticos bem como outros dados presentes nas duas obras apontam para a realidade em Angola. Posteriormente, abordamos as semelhanças, as diferenças alegóricas entre as obras e o país angolano, e a partir desses aspetos pudemos comprovar os nossos argumentos dissertativos alcançando assim os nossos objetivos.

Palavras-chave

Angola; Literatura; Pepetela; Alegoria; Representação alegórica.

Abstract

This dissertation work of scientific investigation portrays the representation of Angola as an allegory in two literary works by Pepetela, *O Cão e os Caluandas* and *Sua Excelência, de Corpo Presente*. Our main goal is to demonstrate how the two books are allegorical representations of Angola in general and, thus, we used the comparative method in order to show the allegorical similarities and differences not only between the books themselves, but also with the reality they represent.

We chose to compare the two books mentioned above in favor of their high sociopolitical content, by considering the fact that one of the literary works focuses more on a lower middle social class and the other focuses essentially on a more elitist stratum. In addition, we also chose the two books for their contrasting context, as one talks about Angola more openly, *O Cão e os Caluandas*, and the other talks about an unnamed African country, but we've accepted the challenge to demonstrate how in fact the narrative of *Sua Excelência, de Corpo Presente* also talks about Angola, however it takes a keen eye and knowledge of the Angolan reality to illustrate this fact.

In order to fulfill the objectives outlined in the first instance, we approached the notion of allegory and its role in literature in order to prove how its use fits into our dissertation study, then we made a general and simplified study on the history of Angola, its present and its literature, our purpose being to prove that the two books are representations of Angola and it's convenient for us that whoever comes to study our work has a bare minimum of general knowledge of Angola to be able to relate with our arguments.

We have chosen next to address Pepetela, to be more specific his view of Angolan society itself, as the author writes mostly, if not always, about Angola, it's essential to know what vision he has about the past and future of his country. By analyzing his literary works as well as comparing our conclusions with other similar studies on the author's view, we can then answer one of the questions that make up our goals.

Finally, we comparatively and allegorically analyzed the two works and the Angolan reality. First, we tried to demonstrate how certain linguistic aspects, as well as other data present in the books, point to the Angolan reality and then we discussed the allegorical similarities and differences between the works and the country Angola and from these aspects we were able to prove our dissertation arguments thus achieving our goals.

Keywords

Angola; Literature; Pepetela; Allegory; Allegoric representation.

Índice

Introdução	1
1. Justificação da escolha do tema	1
2. Objetivos	2
3. Metodologia	3
4. Noção de alegoria no campo literário	4
Capítulo 1: Angola de ontem, Angola de hoje	7
1. História de Angola	7
1.1. Situação etnogeográfica de Angola	7
1.2. A invasão dos Bantu e a formação dos reinos em Angola	8
1.2.1. Percurso dos povos Bantu	8
1.2.2. Formação do Reino do Kongo	9
1.2.3. Formação do Reino do Ndongo	9
1.2.4. Formação do Império Lunda-Luba	10
1.3. Os portugueses em Angola	11
1.3.1. Primeiros contactos e batismo da corte de Nzinga a Nkuvu	11
1.3.2. Independência total e paz efetiva em Angola	12
1.4. A literatura em Angola	12
1.4.1. Conceito de Literatura	12
1.4.2. História da literatura angolana	13
1.4.3. Periodização e cânone literário angolano	14
1.5. Representação de Angola na literatura portuguesa: o caso de <i>Em terra de pretos</i> , de Henrique Galvão	15
1.5.1. O Concurso de Literatura Colonial Portuguesa	16
1.5.2. Henrique Galvão e a representação alegórica dos angolanos pelos portugueses	17
Capítulo 2: Angola sob a ótica crítico-literária de Pepetela	20
2. Inter-relações na política e na literatura	20
2.1. Influência da política na literatura	21
2.1.1. A censura e o Estado Novo	21
2.1.2. Censura em Angola	23
2.2. Influência da literatura na política	24
2.3. Perspetivas histórico-políticas e utópicas	25
2.3.1. Breve abordagem sobre a utopia em Pepetela	26
2.3.2. Calpe: A cidade utópica de Pepetela	31

2.3.3. Nação e literatura: A escrita como mecanismo de (re)criação da nação em Pepetela	34
2.3.3.1. Conceito de Nação	34
2.3.4. A escrita de Pepetela e o sistema de reestruturação sociopolítica da nação	37
Capítulo 3: Representação alegórica de Angola em <i>O Cão e os Caluandas e em Sua Excelência, De Corpo Presente</i>	44
Preâmbulo	44
3. Abordagem genérica das obras	45
3.1. Semelhanças alegóricas entre <i>O Cão e os Caluandas e Sua Excelência de Corpo Presente</i>	46
3.1.1. Angola como pano de fundo	46
3.1.2. A alegoria da corrupção	53
3.1.3. Alegoria do governo de Angola	57
3.2. Diferenças alegóricas	66
3.2.1. Diferenças alegóricas entre os protagonistas	66
3.2.2. A alegoria da sociedade angolana	72
Considerações finais	79
Referências	81
1. Bibliografia ativa	81
2. Bibliografia Passiva	81
3. Bibliografia Geral	82
4. Sítios da Internet	83

Introdução

1. Justificação da escolha do tema

Quando falamos de uma alegoria não podemos deixar de referir uma das mais conhecidas, a “Alegoria da Caverna”, resultante de uma conversa entre Sócrates e Glauco, irmão de Platão, tendo este deixado por escrito tal diálogo na obra *A República*.¹ Ora, nesta alegoria, e através da explicação de Sócrates, Platão pretende que entendamos a sua teoria das ideias, que basicamente se resume numa tese de que a realidade existe em dois níveis ou mundos, sendo o primeiro o mundo visível, que é constituído pelas nossas perceções sensoriais, e o segundo o mundo intangível, isto é, o mundo das ideias. E para melhor explicar este conceito utiliza a “Alegoria da Caverna”, ou seja, uma imagem concreta de uma caverna em que estão fechados homens acorrentados, não podendo ter acesso à luz, sendo alumiados por candeias e vendo a sua sombra projetada nas paredes da caverna. Como a única realidade que conhecem é a sua sombra, estes homens tomam pela realidade a sombra e a luz das candeias, quando o real (inteligível) lhes é inacessível, a saber, o sol e o resto do mundo exterior, banhado por esta luz solar.

No trabalho dissertativo, iremos debruçar-nos mais do lado do ‘mundo das ideias’; contudo, é de ressaltar que o estudo não será direcionado sob uma perspetiva filosófica, mas sim no sentido da representação e de que forma uma sociedade ou uma realidade pode ser transportada para o papel.

Entendemos que muitos autores escrevem as suas obras usando referências da sociedade que os rodeia com objetivos variados, dentre os quais tentar fazer com que tanto os leitores como os narratários se identifiquem com o mundo literário que foi criado, a fim de que estes não se sintam alheados da história descrita e/ou narrada, pois, nas palavras de Antônio Cândido:

(...) só a podemos entender [a obra] fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra, em que tanto o velho ponto de vista que explicava pelos fatores externos, quanto o outro, norteado pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo. Sabemos, ainda, que o externo (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno.²

¹ Platão. *A República*, Livro IV.

² Antônio Cândido. *Literatura e Sociedade*. 9ª ed. Revista Ouro sobre Azul. Rio de Janeiro. 2006. p. 5-6.

A escolha das obras *O Cão e os Caluandas* (1985)³ e *Sua Excelência, de Corpo Presente* (2018)⁴, como objeto de estudo surge pelo seu alto teor sociopolítico, por retratarem dois níveis sociais diferentes, como será apresentado mais adiante, e por pintarem um quadro contemporâneo que representa uma Angola dos séculos XX e XXI, não querendo com isto dizer que as suas demais obras não representem os problemas atuais da sociedade angolana, mas sim pela perspectiva linguística, temporal e pelo panorama social destacados por Pepetela. Ambas as obras foram selecionadas por espelharem bem Angola, inserindo-se assim no objeto de estudo da presente dissertação.

2. Objetivos

Desafiamo-nos a realizar este tipo de estudo seguindo um grande objetivo pessoal, isto porque o autor, através da sua grande engenhosidade, traz-nos uma literatura rica sobre os mecanismos sociais angolanos da pós-independência, uma área de grande interesse para mim, como cidadão lúcido de Angola que entende ou compreende o drama sentido por Pepetela.

Há também um certo fascínio pela forma como Pepetela olha para aquilo que é a sua sociedade. Quando foi abordada a obra *O Cão e os Caluandas* em aulas do mestrado de Estudos Lusófonos, concretamente em Culturas Lusófonas Africanas, pudemos ver como, através deste livro, se trabalham de uma forma alegórica problemas da sociedade angolana pós-independência. Cada um de nós, enquanto leitores, vemos a obra literária pepeteliana e entusiasmo-nos com a narrativa ou com a forma como é narrada a história. Contudo, esquecemo-nos de fazer uma reflexão sobre o porquê de o autor escrever tal narrativa, sendo justamente esta a razão pela qual se torna objeto deste estudo.

Por outro lado, escolhemos comparar *O Cão e os Caluandas* com *Sua Excelência, de Corpo Presente*, pois considerámos que seria produtivo cotejar duas obras do mesmo autor, uma mais centrada no homem popular angolano e outra mais focada na elite de Angola. Os títulos, aliás, sugerem estratos sociais distintos: “caluandas” designa os habitantes de Luanda e “Sua Excelência” é um título honorífico.

³ Pepetela. *O Cão e os Caluandas*, 6.^a Ed. Publicações Dom Quixote. Alfragide, Portugal. 2014.

⁴ *Ibidem*. *Sua Excelência, de Corpo Presente*. Publicações Dom Quixote. Alfragide, Portugal. 2018.

Em sentido lato, o estudo proposto terá por objetivo demonstrar como o renomado escritor angolano Pepetela constrói um mundo literário para expor as lacunas que se encontram na sociedade angolana de forma alegórica. Pretendemos, além disso, demonstrar que, nas obras em abordagem, o autor tenta fazer com que cada um de nós, enquanto leitores, entenda a sua insatisfação com a realidade da sociedade angolana pós-independência pela qual lutou em sentido não apenas figurado, o que demonstra o patriotismo desencantado que o autor certamente sente pelo seu país, que desejava diferente.

No final do trabalho dissertativo proposto pretendemos responder às seguintes questões: 1) Que tipo de visão alegórica sobre Angola Pepetela demonstra nestas obras literárias? 2) Qual seria a Angola ideal aos olhos de Pepetela? 3) Que características presentes nas obras de Pepetela coincidem ou divergem com o país real, Angola, neste caso? 4) Porquê, enfim, a escolha da alegoria na representação das realidades ficcionadas nestes livros?

3. Metodologia

A perspetiva metodológica que seguimos nesta dissertação é necessariamente a comparativista, na medida em que cotejamos duas obras literárias. O método comparativo é muito produtivo no campo literário, pois o estudo de uma obra com a perspetiva de outra ilumina as duas quando em face uma da outra. Novos sentidos podem ser captados, e julgamos que essa vantagem foi entendida pela ensaísta que, desencadeou os estudos comparativos, Julia Kristeva, quando afirmou que “(...) todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto.”⁵

Com o método comparativo não se veem apenas semelhanças, mas também diferenças⁶, e de outro modo não poderia ser até com as obras de Pepetela escolhidas. Sobre este aspeto acautelam Francis Claudon e Karen Haddad-Wotling ao ressaltar que “(...) os textos são escolhidos, na maioria dos casos, em função do que os une, mas também do que os opõe.”⁷

⁵ Julia Kristeva. *Introdução à semanálise*. Trad. Lúcia Helena França Ferraz. Perspectiva. São Paulo. 1974. p. 46.

⁶ Helena Buescu, «Literatura comparada e Teoria da Literatura: relações e fronteiras», in Helena Buescu, João Duarte, Miguel Gusmão (Org.), *Floresta encantada: novos caminhos da Literatura comparada*, Lisboa, Dom Quixote, 2002, p. 88.

⁷ Francis Claudon e Karen Haddad-Wotling. *Elementos da Literatura Comparada*. Trad. Luís Serrão. Lisboa. Inquérito. 1992. p. 46.

O estudo dissertativo que propomos tem como objetivo principal demonstrar como Angola, enquanto sociedade, é vista e representada de forma alegórica a partir do olhar crítico de Pepetela, tal como já foi referido. Neste sentido, o estudo apresentado terá como intuito analisar essencialmente de forma contrastiva duas grandes obras do autor, *O Cão e os Caluandas* e *Sua Excelência, de Corpo Presente*, em função do tropo da alegoria.

Em termos metodológicos, deveremos começar pelo cotejo de possíveis definições distintas de alegoria para vermos depois a que melhor se adapta ao nosso termo. Faremos um primeiro capítulo que permita compreender melhor a um leitor menos familiarizado com a realidade angolana no seu todo as obras escolhidas de Pepetela, ou seja, o contexto pepeteliano. Assim, será retratada sucintamente a História de Angola, sobretudo a do século XIX até ao fim da Guerra Civil Angolana, por ser mais pertinente em função do temas. De seguida, pretendemos problematizar de forma sintética, também no primeiro capítulo, a literatura angolana devido à sua periodização e ao seu estado atual. Depois, procederemos a uma reflexão respeitante à forma como Angola é representada na literatura, com base em diversos estudos realizados por autores como Inocência Mata, entre outros.

No segundo capítulo, propomos abordar de que forma Pepetela descreve Angola em vários aspetos sociais, políticos e culturais, baseados nas suas vivências e sob o seu olhar crítico.

No terceiro capítulo analisaremos literariamente as duas obras selecionadas, onde, através do método comparativo, procuraremos demonstrar em que aspetos os dois livros convergem e divergem não só entre si, como também face à realidade que pretendem representar.

As nossas limitações de investigação para este estudo dissertativo passaram essencialmente pela falta de tempo por estar em regime de trabalhador-estudante e também pela falta de materiais referentes ao livro *Sua Excelência, de Corpo Presente*, isto por se tratar de um livro mais recente na bibliografia pepeteliana.

4. Noção de alegoria no campo literário

Antes de iniciar o nosso trabalho comparativista é necessário esclarecer o conceito de alegoria e as suas implicações na literatura.

Heinrich Lausberg, a partir dos trabalhos de Aristóteles, Cícero e Quintiliano, redefine assim a alegoria: “metáfora continuada como tropo de pensamento, [...] substituição do pensamento em causa por outro pensamento, que está ligado, numa relação de semelhança, a esse mesmo pensamento”.⁸

Massaud Moisés define a alegoria como “discurso acerca de uma coisa para fazer compreender outra.”⁹ Ou seja, o crítico brasileiro remete-nos para uma definição complementar à definição de Lausberg, ao afirmar que a alegoria é “uma linguagem que oculta outra, uma história que sugere outra. Empregando imagens, figuras, pessoas, animais, o primeiro discurso concretiza as ideias, qualidades ou entidades abstratas que compõem o outro.”¹⁰

Em *Alegoria: construção e interpretação da metáfora*, João Adolfo Hansen demonstra a origem grega da palavra alegoria, cujo significado, traduzido para o português, seria a junção de “outro” mais “falar”. Segundo Hansen, a alegoria “diz b para significar a”, ou seja, a alegoria é uma “modalidade da elocução, ornamento do discurso”¹¹. Nesta mesma senda, o autor explica-nos a existência de dois tipos de alegoria: uma alegoria construtiva ou retórica e uma alegoria interpretativa ou hermenêutica, descrevendo que ambas “(...) são complementares, podendo-se dizer que simetricamente inversas: como expressão, a alegoria dos poetas é uma maneira de falar e escrever; como interpretação, a alegoria dos teólogos é um modo de entender e decifrar.”¹²

O que há de comum nestas definições de alegoria? Ao uso reiterado de um sentido conotativo em algum lexema ou em alguma expressão que apenas na superfície textual tem um sentido denotativo ou parafraseando Hansen diz-se b para significar a.

Apesar de ser uma grande “arma” que tem vindo a ser utilizada na literatura ao longo do tempo, especialmente em literatura de alto teor político, nem toda a obra literária é uma alegoria, ainda que seja pelo sentido de alegoria como uma extensão da metáfora. Com isto, não queremos transmitir que não exista uma diversidade de obras literárias consideradas como alegoria de um conceito ou de certas figuras históricas.

⁸ Heinrich Lausberg. *Elementos de retórica literária*. Trad. R. Rosado Fernandes. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian. 2004. p. 226.

⁹ Massaud Moisés. *Dicionário de Termos Literários*. 12^a ed. São Paulo. Cultrix. 2004. p. 14

¹⁰ Lausberg cit. *apud* Moisés in *Ibidem*.

¹¹ João Adolfo Hansen. *Alegoria: construção e interpretação da metáfora*. São Paulo: Hedra. Campinas. Editora da UNICAMP. 2006. p. 7-8.

¹² *Ibidem*.

Exemplo de obra literária alegórica conhecida mundialmente O *Triunfo dos Porcos* (1945), de George Orwell, que é uma alegoria da revolução russa de 1917 na qual, e citando o artigo do jornal Observador:

Os animais de uma quinta conduzem uma revolução motivada pelas más condições de vida que lhes eram proporcionadas pelo proprietário da quinta. Ao assumirem o controle da quinta, os animais estabelecem e afixam publicamente as regras do novo regime que designam de *Animalismo*. Os sete mandamentos do *Animalismo* estabelecem que aquele que andasse em duas pernas era inimigo, o que andasse em quatro patas ou asas era amigo, nenhum animal deveria vestir roupas, dormir numa cama, beber álcool, matar outro animal e, por fim, que todos os animais eram iguais.¹³

Direcionando os nossos estudos para a literatura portuguesa, podemos encontrar um exemplo paradigmático de alegoria, no *Sermão de Santo António aos Peixes*, de Padre António Vieira. Nesta obra, o orador faz uso da alegoria ao usar sistematicamente os peixes para criticar os homens pelos seus hábitos. Assim, a título ilustrativo, os peixes são elogiados pelas suas qualidades genéricas no capítulo II, como a quietude, a devoção e o desprendimento do mundo, qualidades não observáveis na generalidade dos homens enquanto peixes concretos como os roncadores e os pregadores são referidos e analisados nos seus comportamentos para criticar, na realidade, respetivamente, os arrogantes e os parasitas sociais.

Nas palavras de Marcelle Ventura Carvalho, que melhor explica o enquadramento da alegoria nesta obra de António Vieira:

Todo esse sermão é alegórico, ou seja, Vieira diz b, para significar a. O orador critica a corrupção da humanidade, alegoricamente nomeada de “peixe”. A alegoria é construída a partir da analogia de atribuição estabelecida por Vieira, que transpõe o comportamento dos peixes para os homens. O que proporciona a alegoria é a agudeza do orador que aproxima conceitos distintos “peixe” e “homem”, criando a analogia de atribuição a partir de “supostas” semelhanças, visto que, no mar, alguns peixes grudam no corpo de peixes maiores para alimentar-se dos restos da refeição de seus hóspedes.¹⁴

Aquilo que nos atrai em particular nesta obra é a sua dimensão política, na medida em que Vieira usa o seu sermão para criticar a sociedade em que está inserido. De igual modo, mais adiante iremos analisar a mesma ideia na obra de Pepetela.

¹³ Domingos Freire de Andrade. “Dos Porcos Capitalistas ao Triunfo dos Porcos”. *Observador*. Disponível em <https://observador.pt/opiniao/dos-porcos-capitalistas-ao-triunfo-dos-porcos/>. (Acesso em 14/11/2020).

¹⁴ Marcelle Ventura Carvalho. “Vieira e a alegoria dos teólogos e do renascimento” in Aldinida Medeiros. *Travessias pela literatura portuguesa: estudos críticos de Saramago a Vieira*. Campina Grande: EDUEPB. 2013. p. 212-213.

Capítulo 1: Angola de ontem, Angola de hoje

1. História de Angola

A primeira parte desta dissertação baseia-se no trabalho de Oliveira Pinto, intitulado *História de Angola*¹⁵. Não obstante, isso não significa que nos iremos restringir somente a este autor ou a esta obra em particular, mas que reconhecemos ser este o livro que melhor se enquadra nos nossos objetivos e na ideia que queremos transmitir, isto é demonstrar sucintamente certos episódios que compreendemos serem os mais importantes da História de Angola, sem deixar de mencionar o facto de o autor conseguir expor a sua ideia de uma forma bastante clara, permitindo-nos explicar aquilo que procuramos retratar neste capítulo.

1.1. Situação etnogeográfica de Angola

Localizada na parte ocidental da África austral, a República de Angola é um país cujo nome deriva de “Ngola”, que provém de uma dinastia dos povos Ambundos. O país tem uma extensão territorial de 1.246.700 km², com uma costa marítima de 1.650 km e um total de 4.837 km de fronteira terrestre, limitada a norte pela República do Congo e uma parte da República Democrática do Congo (RDC); a sul pela República da Namíbia; a leste pela República da Zâmbia e uma outra parte da RDC e a Oeste pelo Oceano Atlântico¹⁶.

Angola é essencialmente marcada por duas estações climáticas: a das chuvas (húmida e quente e que geralmente decorre de setembro a abril) e a do cacimbo (seca e fria, que normalmente decorre de maio a setembro). Contudo, devido à sua extensão territorial, existem certas irregularidades climáticas que ocorrem de região para região, levando em consideração o facto de o litoral norte apresentar uma clima tropical seco e um clima desértico o litoral sul.

Os seus cursos de água têm origem na vertente ocidental e quase todos desaguam no Oceano Atlântico. Registam-se também no país cursos de águas com alimentação constante, mas os rios têm caudais que variam com as estações, destacando-se o rio Zaire pelo seu carácter geográfico (justificado pela sua localização numa zona de chuvas permanentes) e pelo seu contexto histórico deveras relevante para esse nosso primeiro capítulo mais adiante.

¹⁵ Alberto Oliveira Pinto. *História de Angola*. Lisboa. Mercado de Letras Editores. 2015.

¹⁶ Disponível em <https://www.consuladogeral-angola.pt/geografia/>. (Acesso em 23/10/2020).

Além do que já foi apresentado, o país dispõe de vários recursos minerais e florestais. Na parte mineral destacamos o petróleo e o diamante e na parte florestal destacamos principalmente a floresta do Maiombe, na província de Cabinda, pelo seu valor económico elevado devido às madeiras que se encontram na zona, como por exemplo o pau-preto, ébano, sândalo, entre outros. Além disso, também é importante por ter sido palco de grande revoltas na história de Angola e por servir de “musa” para o autor que abordaremos durante o nosso estudo dissertativo.

De acordo com os resultados preliminares dos censos populacionais realizados em 2014, Angola, com um território de 1.246.700 Km², conta atualmente com cerca de 24 milhões de habitantes, distribuídos por dezoito províncias administrativas.

Esta sociedade multicultural e multiétnica é constituída por dois grandes grupos étnicos, os de origem bantu e os de origem não-bantu. Os habitantes mais antigos do território angolano são os grupos não-bantu: os Khoisan (bosquímanos e hotentotes) e os Vátua (kwisi e kwepe). Atualmente, em Angola, os Khoisan estão segregados na zona sul e leste, e os Vátua, na zona sul, ambos reduzidos a pequenos grupos. Estima-se que cerca de 90 por cento da população seja de origem bantu, distribuída por nove grandes grupos étnicos. De acordo com Zau¹⁷, estes grupos são os seguintes: Bakongo (língua kikongo), Ambundo (língua kimbundu), Ovimbundos (língua umbundu), Lunda-Quioco ou Tucokwe (língua cokwe), Ganguela (língua nganguela), Nhaneka-Humbe (língua olunianeca), Ovambo (língua cuanhama), Herero (língua tchielelo), Okavango (língua oshindonga).

1.2. A invasão dos Bantu e a formação dos reinos em Angola

1.2.1. Percurso dos povos Bantu

A história dos povos Bantu será mencionada neste estudo levando em consideração que o povo angolano é na sua esmagadora maioria seu descendente, variando nas diferentes tribos do território angolano. Os Bantu foram os responsáveis por introduzir na região a que hoje chamamos de Angola elementos como a metalurgia, a agricultura e a cerâmica, que eventualmente acabariam por transformar as antigas sociedades autóctones das regiões em que se deslocavam, a partir da sua chegada por volta do segundo milénio

¹⁷ Filipe Zau. *Angola: Trilhos para o desenvolvimento*. Universidade Aberta. Lisboa. 2002. p. 59-67

a.C.¹⁸, acabando por originar nesses povos as lutas pela posse da terra, as formações étnicas e a formação e estruturação dos reinos.

Provenientes das regiões a que hoje correspondem os Camarões e a Nigéria oriental, os Bantu foram percorrendo ao longo de muitos séculos a África central, oriental e austral, criando várias etnias distintas no seu conjunto de valores, porém similares na sua estrutura sociopolítica e linguística, o que permitiu que fosse mapeada uma origem comum, e que em Angola resultou nos vários grupos etnolinguísticos da população atual, a saber: Ambundo, Bakongo, Ganguela, Herero, Nyaneca-Humbo, Ovambo, Okavambo e Ovimbundo.¹⁹

1.2.2. Formação do Reino do Kongo

Na base da formação do Reino do Kongo está o mito de Nimi a Lukeni, conhecido como o rei ferreiro, que depois de ter assassinado a sua tia foi obrigado a exilar-se como criminoso, percorrendo pela região do Kongo, aliando-se a vários reinos e tornando os reis em seus vassalos conhecidos como Muana que, por sua vez, daria origem ao termo ‘Mani’.²⁰

Segundo o mesmo mito, Nimi a Lukeni funda a cidade de Mbanza Kongo Dya Ntotila²¹ (ou só Mbanza Kongo) e neste processo acaba por formar coligações com reinos vassalos em volta da bacia hidrográfica do rio Kongo, evoluindo assim para Kongo Dya Ntotila, traduzindo, ‘Kongo unificado’.

1.2.3. Formação do Reino do Ndongo

A fim de compreendermos a história de Angola é necessário que se conheça a história do Reino do Ndongo, visto que o nome do país não só deriva desse reino, mas levando em consideração também que grande parte da história do país acontece em torno da população desse reino e dos seus descendentes.

Conta-se que Ngola-Mussuri (o rei ferreiro) teve várias mulheres, mas só a uma concedeu o título de ngana-inene, a “grande senhora”, porque foi a única que procriou, dando-lhe

¹⁸ Alberto Oliveira Pinto. *História de Angola*. Lisboa. Mercado de Letras Editores. 2015. p. 37.

¹⁹ René Pélissier. *História das Campanhas de Angola*. Vol. 1. Lisboa. Editorial Estampa. p. 21-23.

²⁰ Alberto Oliveira Pinto. *História de Angola*. p. 57. Nesta mesma página, o autor, possivelmente referindo-se a Adriano Pereira, explica-nos que o termo ‘mani’ é uma forma deturpada do termo posterior e que significa filho da linhagem com que se aliou, o que nos demonstra que, e, segundo o autor, na base da fundação do Reino do Kongo não estão conquistas através das guerras, mas sim através de alianças.

Alguns especialistas consideram o vocábulo ‘mani’ como sinónimo da palavra kimbundo *Mwene* (o mesmo que senhor), restando saber se o termo ‘mani’ é ou não um neologismo. Mais informações em Adriano Pereira. *Dicionário Glossográfico e Toponímico da documentação sobre Angola*. Séculos XV-XVII. Lisboa. Editorial Estampa. 1990. p. 87-88.

²¹ Que significa “cidade onde reside o poder do rei”.

três filhas: Zunda-dia-ngola, Tumba-dia-ngola e uma terceira cujo nome é desconhecido. O facto da esposa – ngana-inene – não lhe ter dado um filho varão, levou-o a casar a sua primeira filha com um escravo e nomeou-o “vice-rei”. No entanto, este acabou por matar Ngola-Mussuri e é assim que Zunda-dia-ngola, a primogénita de Mussuri, se tornou rainha, afirmando-se que governou bem até à velhice, porém de uma forma triste por não ter filhos. Daí que invejasse Tunda-dia-ngola, sua irmã, mãe de dois rapazes, casada com “Ngola Kiluanji”. A rainha escolheu um dos sobrinhos para herdeiro e durante algum tempo dedicou-se a prepará-lo para a sucessão. Mas a partir de uma determinada altura, receando que este a destituísse do poder, mandou-o matar. Em represália, sua irmã Tunda e seu cunhado Ngola Kiluanji acabaram por diligenciar também a sua morte. Com o apoio das populações, Tunda foi proclamada rainha e procurou dividir o poder com o seu marido, mas este declinou tais responsabilidades. De comum acordo, resolveram coroar o filho de ambos, “Ngola Kiluanji Kiassamba”, isto nos meados do século XV²².

1.2.4. Formação do Império Lunda-Luba

Baseando-se no que é descrito pelo explorador Henrique de Carvalho, Oliveira Pinto conta-nos que na base do império Lunda-Luba estão algumas gerações anteriores à de Lueji, porém é nesta que nos iremos debruçar no presente ponto pela sua importância histórica e por se retratar uma história que viria a ser (re)contada por Pepetela, assim sendo começaremos por referir o que sucedeu para que Lueji se tornasse rainha.

Eis que certo dia Kunguri e Kiniama, filhos de Yala Muaku, o rei da Lunda e pai de Lueji, chegaram a casa alcoolizados e encontraram o pai a tecer uma das esteiras que se usavam para dormir tendo ao seu lado um pote de água turva que usava para tornar as fibras mais flexíveis. Sucedeu-se que os filhos, confundido a água turva com o vinho de palma, exigiram que o pai lhes desse o pote para beber. Contudo, após a óbvia negação do pai os dois filhos bateram-lhe tanto que acabaram por matá-lo, porém não antes de entregar o Lukano²³ a Lueji por esta o ter vindo socorrer e como forma de vingança contra os filhos, pois inicialmente seria dado a um deles.

Mais adiante, enquanto passeava no rio com a sua comitiva, Lueji acaba por conhecer um caçador do Reino Luba e decidiu ajudá-lo oferecendo-lhe e aos seus companheiros sal para conservar as carnes dos animais que caçaram. Lueji e Ilunga (o caçador)

²² Alberto Oliveira Pinto. *História de Angola*. p. 102-105.

²³ Bracelete tecida com veias humanas que encarnava a suprema autoridade política dos Lunda. Neste caso, o rei acabou por transferir o poder que seria de um dos irmãos por direito a Lueji. In *ibidem*. p. 110-118.

acabaram por se apaixonar e casar, pelo que Lueji entrega ao marido o Lukano tornando-o assim no novo soberano do Reino Lunda.²⁴

1.3. Os portugueses em Angola

1.3.1. Primeiros contactos e batismo da corte de Nzinga a Nkuvu

Não se pode negar que os primeiros contactos estabelecidos foram amistosos. Segundo Oliveira Pinto,²⁵ Diogo Cão, intitulado o “descobridor de Angola”, teria navegado no rio Kongo na sua canoa durante a sua expedição em 1482 quando avistou um pescador que o teria levado até à corte do Mani Soyo e este ordenou que os seus homens o levassem a Mbanza Kongo a fim de conhecer o rei.

Posteriormente, quando Diogo Cão conheceu o soberano do Kongo Nzinga a Nkuvu, regressou a Portugal com alguns jovens aristocratas do reino do Kongo, que foram mandados para receberem instrução, serem batizados e doutrinados de acordo com os preceitos religiosos da época. Importa salientar que alguns dos homens de Diogo Cão teriam ficado neste reino sob a custódia de Nzinga a Nkuvu.

Os portugueses teriam enviado, em 1491, uma terceira embaixada para o reino do Kongo (conta-se que Diogo Cão teria regressado àquele reino) a fim de converter o rei do Kongo e o seu povo, começando pelo Mani Soyo, que após o batismo mudou de nome para Dom Manuel, e depois partiram para Mbanza Kongo onde se procedeu com o batismo de Nzinga a Nkuvu, tendo este sido batizado com o nome cristão de João, o mesmo do soberano português da altura, D. João II, praticamente sete anos após Diogo Cão ter chegado à foz do rio Zaire.

Segundo o cronista Rui de Pina, o próprio rei do Kongo havia pedido ao rei de Portugal lavradores para domesticarem bois e ensinarem a amassar a terra, e no caso das mulheres ensinaram-nas a amassar o pão. Mestres de carpintaria e de pedraria foram também solicitados com o intuito de construir igrejas e outras casas de oração e residências. O desejo do rei do Kongo era o de ter as mesmas coisas do reino em Portugal. Mas, posteriormente, os lucros resultantes do comércio de escravos rapidamente levaram os portugueses a modificarem o tipo de relações de cordialidade e de respeito que vinham mantendo, acabando por conquistar e colonizar todo este território.

²⁴ Uma outra fonte conta-nos que Lueji teria estado no seu período menstrual, pelo que, de acordo com a tradição dos Lunda, durante este período uma mulher não pode ostentar nenhum tipo de joias ou ornamentos e Lueji seguindo essa tradição entregou a joia “o poder” ao marido e este apareceu com o mesmo em público, o que significava uma transferência de poder. In João Baptista Abreu Manassa. *Lunda: História e Sociedade*. Luanda. Mayamba Editora. 2011. p. 28.

²⁵ Alberto Oliveira Pinto. *História de Angola*. p. 133-146.

1.3.2. Independência total e paz efetiva em Angola

A independência de Angola ocorreu no dia 11 de novembro de 1975, pelas 23h, quando Agostinho Neto, na altura presidente do MPLA e primeiro presidente do país, proclamou “(...) perante a África e o mundo a independência de Angola”²⁶. Começaremos por comentar que o processo não foi tão fácil como se faz parecer. Por trás deste capítulo histórico estão certos antecedentes que se podem caracterizar como o alicerce a partir do qual se construiu este marco tão importante.

Entre os antecedentes destacam-se a independência do Brasil,²⁷ a abolição da escravatura em Portugal, em 1878, a Conferência de Berlim e o Ultimato Inglês, e a Implantação da República a 5 de outubro 1910 que tornou Portugal num país mais democrático. A Revolução dos Cravos também é um antecedente deveras importante para a independência de Angola, porquanto o golpe de estado organizado pelos militares portugueses acelerou o cessar-fogo das lutas pela independência dos PALOP.

Após o cessar-fogo com Portugal, os três movimentos protagonistas na guerra pela independência de Angola reuniram-se em Mombaça com o objetivo de se negociar a autonomia da até então colónia portuguesa através da formação de um governo de transição e de acordos de paz entre os dois países. Todavia, este processo apenas se estabeleceu com o Acordo de Alvor a 15 de janeiro de 1975²⁸.

A guerra civil angolana começou assim que foi proclamada a independência de Angola com objetivo de tomar o poder de governar o país, e durou até 2002, com a morte do presidente da UNITA, Jonas Savimbi. É de salientar que não foi uma guerra ininterrupta; pelo contrário, houve imensas pausas, sendo que o período mais importante iniciou com as primeiras eleições presidenciais do país, em 1992, das quais o MPLA saiu vitorioso. Dada a morte de Savimbi²⁹, realizou-se a assinatura do acordo de paz, no dia 4 de abril de 2002, que é até hoje celebrado como o Dia da Paz e da reconciliação nacional.

1.4. A literatura em Angola

1.4.1. Conceito de Literatura

O lexema ‘*literatura*’ tem como origem etimológica o termo latino *litteratura*. Segundo Aguiar e Silva, a definição de literatura pode ser um conjunto da produção literária de

²⁶Proclamação da independência de Angola por Agostinho Neto. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=6NAYCTCkfwu>.

²⁷Boris Fausto. *História do Brasil*. s/l, s/d/. Disponível em [https://www.intaead.com.br/ebooks1/livros/hist%F3ria/12.Hist%F3ria%20do%20Brasil%20-%20Boris%20Fausto%20\(Col%F4nia\).pdf](https://www.intaead.com.br/ebooks1/livros/hist%F3ria/12.Hist%F3ria%20do%20Brasil%20-%20Boris%20Fausto%20(Col%F4nia).pdf) (Acesso em 03/12/2020).

²⁸Alberto Oliveira Pinto. *História de Angola*. p. 727.

²⁹*Ibidem*. p. 766.

uma época ou região; conjunto de obras que se particularizam e ganham feição especial; ou ainda uma bibliografia existente sobre um determinado tema.³⁰

1.4.2. História da literatura angolana

O nascimento da imprensa em Angola aconteceu com a primeira edição do *Boletim do Governo-Geral da Província de Angola*, no dia 13 de setembro de 1845³¹. Este momento centralizado quase exclusivamente em Luanda e Benguela permitiu que houvesse uma intensa atividade jornalística, não só em língua portuguesa, mas também nos idiomas nativos.

Com o nascimento do jornalismo em Angola sucede também o nascimento da literatura com a publicação do primeiro livro de um autor autóctone, *Espondaneidades da minha alma*, de José da Silva Maia Ferreira, publicado em 1849. Com o passar do tempo, tanto a literatura quanto o jornalismo tornaram-se frentes de oposição ao colonialismo português durante os finais do século XIX e o início do século XX, nas então colónias portuguesas em África.

Devido às publicações racistas e supremacistas contidas num artigo do jornal *Gazeta de Loanda*, único jornal local, onze intelectuais da época - António José Nascimento, Pachcoal Jé Martins, Francisco das Necessidades Castelbranco, Mário Castanheira Nunes, Carlos Sartunino, Augusto Silvério Ferreira, Carlos Botelho de Vasconcelos, José Carlos Oliveira Nunes, Eusébio Velasco Galiano Júnior, João de Almeida Campos e Apolinário Van-Dúnen - reuniram-se e publicaram, em 1901, a coletânea *Voz de Angola clamando no deserto*, como forma de resposta ao artigo³². Importa mencionar este livro porque “contém já as sementes de uma luta que, mais tarde enriquecida de conceitos ideológicos, daria lugar à luta armada que terminaria pela derrota do colonialismo e a libertação do povo angolano”³³ e viria servir de inspiração aos jovens que protagonizaram a criação de movimentos culturais angolanos.

Em 1948, um outro grupo de jovens intelectuais criou o movimento denominado “Vamos descobrir Angola”, com o intuito de estudar o país nos vários campos científicos, desde o seu povo até à composição do seu solo. Subjacente a este objetivo estava um sentimento ufano de se ser angolano, contrariando a desvalorização do olhar colonialista. Carlos

³⁰ Vítor Manuel de Aguiar e Silva. *Teoria da Literatura*. Coimbra. Portugal: Edições Almedina. 8ª ed. 2011. p. 7.

³¹ Carlos Ervedosa. *A literatura angolana: resenha histórica*. 2ª ed. Edição da Casa dos Estudantes do Império. Lisboa. 1963. p. 10.

³² Sob o título “Contra a Lei, pela Grei”.

³³ Autores variados. *Voz de Angola clamando no deserto*. Lisboa. Edições 70. 1984. Contracapa.

Ervedosa afirma que, para que isso fosse possível, teria de haver uma literatura que “fosse o veículo das suas aspirações, uma literatura de presença (...) uma literatura que fosse verdadeiramente angolana”³⁴. É neste sentido que nasce o MNIA, “Movimento dos Novos Intelectuais de Angola”, criado por poetas cujo foco é o povo, as suas angústias e a sua esperança.

1.4.3. Periodização e cânone literário angolano

Ao longo dos estudos realizados sobre a História e o desenvolvimento da literatura angolana, muitos foram os investigadores que propuseram uma periodização, como o caso de Carlos Ervedosa, contudo, é o trabalho de Pires Laranjeira que mais se destaca relativamente a este tema.

No seu livro *Literaturas africanas de expressão portuguesa*, Pires Laranjeira identifica sete períodos da literatura angolana, a saber: 1) As origens (até 1848): período muito extenso e de escassa produção; 2) Primórdios 1849-1902: período marcado pela publicação de *Esportaneidades da minha alma* e de *Nga Mutúri*; 3) Prelúdio (1903-1947): período marcado por autores como Tomaz Vieira da Cruz, António de Assis Júnior e Geraldo Bessa Victor; 4) Formação (1948-1960): período de grande importância e para a autonomia da literatura angolana em relação à literatura portuguesa, nasce a partir de movimentos como o MNIA (Vamos Descobrir Angola), CEI, Edições Imbondeiro, Revista *Mensagem*, etc.; 5) Nacionalismo (1961-1971): com a emergência de autores como Alexandre Dáskalos e Agostinho Neto; 6) Independência (1972-1980); 7) Renovação (1981-1993): Publicação de obras incómodas para o poder político.³⁵ É neste último período que se integram as obras de Pepetela, um autor hoje conhecido e premiado fora das fronteiras angolanas.

Todavia, o cânone literário angolano ainda não está completamente definido. O projeto está num processo de intenso estudo numa cooperação entre o Ministério da Educação, o Ministério da Cultura e a União dos Escritores Angolanos. Contudo, o programa *Amo Angola* apresentou em 2013 um projeto intitulado “Onze clássicos da literatura angolana”³⁶ e que pode ser considerado o cânone literário angolano. De acordo com o programa mencionado, os livros foram selecionados segundo os seguintes critérios: 1) aspetos estéticos e formais de um texto; 2) importância para a História da literatura

³⁴ Carlos Ervedosa. *A literatura angolana: resenha histórica*. 2ª ed. Edição da Casa dos Estudantes do Império. Lisboa. 1963. p. 33-34.

³⁵ Pires Laranjeira. *Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa* (vol. 64). Lisboa. Universidade Aberta. 1995. p. 36-43.

³⁶ Disponível em http://jornaldeangola.sapo.ao/cultura/livros/classicos_da_literatura_angolana_de_leitura_obrigatoria

angolana; e 3) referência crítica nacional e internacional. Portanto, os livros que sobreviveram a essa luta social foram os seguintes: *Espontaneidades da minha alma, às senhoras africanas*, de José da Silva Maia Ferreira; *Delírios*, de Joaquim Dias Cordeiro da Mata; *Nga Mutúri*, de Alfredo Troni; *Quem me dera ser onda*, de Manuel Rui Monteiro; *Sagrada Esperança*, de Agostinho Neto; *Luuanda*, de Luandino Vieira; *Maiombe*, de Pepetela; *Mestre Tamoda*; de Uanhenga Xitu, *Terra Morta*, de Castro Soromenho; *Segredo da Morta*, de António de Assis Júnior; e *Trajectória Obliterada*, de João Maimona.

Importa ressaltar que o cânone literário angolano é algo que tem sido debatido em Angola há décadas. Um dos grandes defensores do cânone angolano é o escritor Luís Kandjimbo, que reconhece que a criação de uma lista canónica angolana servirá de base para a compreensão da História de Angola e, também, como arma na luta pela literacia em Angola e, como angolano, não podemos deixar de ser complacentes com esse desejo, visto que seria uma mais-valia para a cultura angolana, ao valorizar os diferentes conteúdos que esses autores angolanos nos tentam mostrar.

1.5. Representação de Angola na literatura portuguesa: o caso de *Em terra de pretos*, de Henrique Galvão

Neste ponto iremos debruçar-nos sobre a representação de Angola e dos angolanos na literatura portuguesa, mais concretamente focaremos o nosso estudo na obra de Henrique Galvão, *Em Terra de Pretos* (1929), que do nosso ponto vista é a que melhor representa o pensamento europeu da época em que foi escrita, em particular o português, e de Angola enquanto colónia.

Sendo que o tema da dissertação se centra na alegoria de Angola representada na literatura (de Pepetela), ponderamos estudar a representação do país em questão não somente aos olhos de um angolano, mas também internacional, ou seja, como a diáspora vê ou via e representou Angola na literatura. A escolha deste autor surge devido à sua inserção num período histórico em que havia um grande contacto entre portugueses e angolanos, isto é, durante o período em que Angola não passava de mera colónia portuguesa. Além disso, sendo que nos encontramos na área académica de Estudos Lusófonos, convém relacionar ou mencionar a visão de um autor pertencente a uma outra realidade lusófona que abordamos na presente dissertação.

1.5.1. O Concurso de Literatura Colonial Portuguesa

Não podemos mencionar Henrique Galvão sem antes ilustrar em que contexto histórico e literário o autor se inseria, e é precisamente por esta razão que pretendemos abordar o concurso de literatura colonial da Agência Geral das Colónias.

Durante muito tempo Portugal passou por uma fase de desinteresse pela literatura de exploração, apesar da existência de inúmeras obras de prestígio escritas por autores portugueses, como Fernão Mendes Pinto ou Luís de Camões.³⁷ Portugal na altura detivera grandes territórios colonizados que ainda careciam de explorações e com grandes potenciais de riquezas e aventuras, ou seja, um leque de possibilidades para “aqueles que por obras valerosas vão da lei da morte libertando”³⁸.

É precisamente neste contexto apresentado que se cria em 1926 um concurso anual denominado de Concurso de Literatura Colonial, uma estratégia de propaganda da Agência Geral das Colónias, a fim de despertar o interesse público dos portugueses pelas suas colónias africanas e com o intuito servir de estímulo à leitura³⁹.

No primeiro concurso as obras vencedoras foram *África Portentosa*, de Gastão de Sousa Dias, e *Pretos e Brancos*, de Manuel Brito Camacho, por ordem de posição.⁴⁰

Em 1932 sucedeu-se a segunda fase do concurso, já no período do Estado Novo. Esta fase, conhecida como a fase “do Império”, ficou marcada por algumas alterações sendo a de maior destaque a criação de três categorias de premiação, a saber: 1) Obras que se enquadram no âmbito de contos, ficção, narrativas, novelas, romances e relatos de aventuras; 2) Obras de carácter biográfico, etnográfico, histórico e de viagem; e 3) Obras de carácter científico.

No ano de 1935, na nona edição do concurso, as obras premiadas sobre Angola foram *Angola Intangível*, de Alberto Teixeira, e a *Gramática de Quimbundo*, de José Quintão.⁴¹

Devido a uma crise na produção de livros sobre a temática tropical e outros aspetos sobre a regulamentação do concurso não se realizaram os concursos de literatura da Agência Geral do Ultramar nos anos de 1952 e de 1953. Como se pode calcular, esta não é a

³⁷ “Serviços da Agência Geral das Colónias – Concurso de Literatura Colonial”. In: *Boletim da Agência Geral das Colónias*. Ano II. janeiro de 1926. Nº 7. p. 169.

³⁸ Luís de Camões. *Os Lusíadas*. “Canto I”.

³⁹ “Serviços da Agência Geral das Colónias – Concurso de Literatura Colonial”. In: *Boletim da Agência Geral das Colónias*. Ano II. janeiro de 1926. Nº 7. p. 169.

⁴⁰ “Serviços da Agência Geral das Colónias...” *ibidem*. Boletim nº 14. agosto de 1926. p. 157-158.

⁴¹ “Concursos de Literatura Ultramarina”. In: *Boletim da Agência Geral do Ultramar*. Ano XLV. março de 1969. Nº 525. p. 35-41.

primeira vez em que não foi realizado o concurso; contudo, foi este o precedente principal que fez com que se reestruturasse o concurso em si.⁴²

Portanto, é com este propósito que em 1954 se publica uma reestruturação do concurso de literatura colonial com quatro novos prémios que recebiam nomes de autores proeminentes da literatura portuguesa que devotaram as suas obras ao ultramar. Assim sendo, as obras de poesia receberam a premiação Camilo Pessanha, os ensaios recebiam o prémio Frei João dos Santos, as novelas, romances e contos recebiam o prémio Fernão Mendes Pinto e as obras de história eram galardoadas com o prémio João de Barros.⁴³ Estes novos prémios foram continuamente atribuídos com bastante regularidade, com exceções para o ano de 1959 e de 1965 por falta de obras de qualidade e autores de destaque.

Alguns anos mais tarde, foram instauradas duas novas formas de atribuição de prémios para o concurso de literatura colonial, sendo elas o Prémio D. João II, em 1960, para obras que representassem a união e a grandeza de Portugal⁴⁴ e o Prémio de Reportagem em 1969, tendo sido Pêro Vaz de Caminha o escolhido para esta modalidade.⁴⁵

1.5.2. Henrique Galvão e a representação alegórica dos angolanos pelos portugueses

Durante a fase do “império” da Agência Geral das Colónias, um militar ganha fama literária. Trata-se de Henrique Galvão, e toda a sua visão colonialista está patente no livro *Em Terra de Pretos* que o mesmo apresentou na segunda fase do Concurso de Literatura Colonial. Um livro de crónicas do tempo em que Henrique Galvão esteve em Angola, descrevendo as suas impressões relativas à população residente, entre 1927 e 1929. Esta obra acabou por ser excluída do IV Concurso de Literatura do Ultramar de 1929 pela sua falta de carácter patriótico, segundo Cortesão⁴⁶. De forma resumida, neste livro o autor tece fortes comentários controversos acerca dos portugueses, exalta os estrangeiros de outros países em Angola e denigre ainda mais os nativos negros e mestiços de Angola. Apesar de ser mais importante referir somente o último ponto

⁴² *Ibidem*.

⁴³ “*Ibidem*, Portaria nº 14.691” In: *Boletim da Agência Geral do Ultramar*. Ano XXIX. janeiro de 1954. Nº 343. p. 113-117.

⁴⁴ “Prémio <<D. João II>>” In: *Prémios Literários da Agência Geral do Ultramar*. Editora Gráfica Portuguesa, Lda. 1969. Lisboa. p. 7-12.

⁴⁵ “Concursos de Literatura Ultramarina - Obras Premiadas- 1926 a 1968 – ano de 1965” In: *Boletim da Agência Geral do Ultramar*. Ano XLV. março de 1969. Nº 525. p. 44-45.

⁴⁶ Armando Cortesão, “Quarto concurso de literatura colonial” In: *Boletim da Agência Geral das Colónias*. Ano VI. janeiro de 1930. Nº 5. p. 163.

citado, é igualmente importante explicar os dois primeiros a fim de se poder compreender melhor a visão literária de Henrique Galvão sobre Angola.

Pode-se considerar *Em Terra de Pretos* como uma obra literária alegórica devido à ideologia nela presente e tendo em conta o propósito do autor, ou seja, com o objetivo de representar uma Angola que condissesse com a realidade, bem como tentar despertar o interesse dos portugueses e dos estrangeiros por esse país, o autor acaba por pintar uma realidade exagerada e negativa aos olhos dos críticos portugueses.

Conforme já foi referido, o objetivo do Concurso de Literatura do Colonial era atrair mais o interesse dos portugueses para as suas colónias, neste sentido convinha que se exaltasse o povo português que “nobrememente” levava a “civilização” para África. Porém, Henrique Galvão faz exatamente o oposto na obra em questão. É a partir do segundo capítulo desta crónica que o autor começa por tornar pública a sua opinião sobre os portugueses que residiam em Angola, na qual, segundo o autor, os colonos portugueses em Angola não passavam de alcoólatras e de “donzelas’ quarentonas” que saíam de Portugal em busca de uma nova vida e possível riqueza em África.⁴⁷

No caso dos estrangeiros, isto é, os bóeres e os ingleses, não faltam palavras para que Henrique Galvão elogie e venere toda e qualquer atitude que estes tenham perante os angolanos nativos. Para o autor, um colono deve tratar os nativos negros e mestiços com o maior desprezo possível e subjugar-los à servidão. Henrique Galvão nesta obra chega até mesmo a criticar as autoridades administrativas portuguesas por tratarem os ingleses como se fossem membros da alta burguesia em Angola.

É essencialmente por estes aspetos que *Em Terra de Pretos* causa enorme controvérsia no público português. Era completamente inconcebível naquela altura que um português tendo todas as suas capacidades cognitivas em pleno funcionamento criticar os portugueses e o seu nome enquanto colono. Contudo, importa-nos mais referir a forma como Henrique Galvão representa o povo angolano.

No capítulo intitulado “Coisas de Pretos”⁴⁸ o autor aborda Goncho, um Nyaneka-Humbe, com o intuito de caracterizar alegoricamente o povo angolano nativo da altura. Esta alegoria está presente na obra em forma de caracterização de Goncho, desde a sua casa, a sua esposa até à sua cultura. Na obra, Goncho é reduzido a um selvagem zoomorficado por viver numa cubata com as suas três esposas e pelo seu aspeto físico. Além disso, o

⁴⁷ Henrique Galvão. *Em Terra de Pretos. Crónicas de Angola*. Edição do Autor. Lisboa. 1929.

⁴⁸ *Ibidem*. p. 123-133

autor sem ter em consideração o relativismo cultural critica o facto de Goncho ser supersticioso e polígamo.

Henrique Galvão é ainda mais pejorativo quando descreve a mulher nativa angolana: o autor zoomorficava o homem negro, objetificava e repulsava a mulher negra.

Este tipo de visão de Henrique Galvão sobre os angolanos nativos era precisamente o que se pretendia numa obra de propaganda colonial e, além deste tipo de pensamento coincidir com o que se pensava dos africanos na altura, esta é a razão pela qual na maioria das obras de literatura colonial portuguesa os negros são vistos como selvagens ou como objetos sexuais sem qualquer tipo de civilização e, por isso, cabia aos portugueses a engenhosa missão de os “levar à luz”.

Capítulo 2: Angola sob a ótica crítico-literária de Pepetela

2. Inter-relações na política e na literatura

Neste artigo pretendemos abordar acerca da relação ou da influência da política na literatura e vice-versa. Decidimos seguir esta abordagem como uma introdução do segundo capítulo do nosso trabalho dissertativo porque, segundo o que pudemos constatar, nas obras pepetelianas há uma forte e inegável relação entre a política e a sua literatura.

Portanto, queremos com este artigo aprofundar de modo a perceber se realmente a sua literatura é influenciada pelo seu contexto político e se esta chega a influenciar esse mesmo contexto, para tal é necessário que primeiro nos questionemos sobre essa possível influência mútua entre a política e a literatura. Neste sentido procurarmos saber se a literatura seria um produto da força política e social que atua no contexto da sua produção, ou se a literatura seria uma área que atua por ser indiferente do contexto político na qual se insere, ou ainda se seria sequer possível que houvesse qualquer relação entre a política e a literatura e, caso haja, se é coesa ou não.

Num artigo intitulado “*Literatura e Política, uma meditação à margem*”⁴⁹ da autoria de Helena Isabel Jorge, a investigadora procura continuar com a “meditação” de Carlos Selvagem sobre esta relação. Helena Jorge começa o seu artigo citando as palavras de Carlos Selvagem acerca da ideologia de Platão em que se afirma que a política e a poesia contrastam entre si, visto que, “a poesia, como sinónimo de literatura, era considerada nefasta para a ordem interna de uma cidade” e, segundo Carlos Selvagem, “o homem de letras é por constituição psíquica o negativo cliché positivo do homem de ação, do político militante”. Ou seja, enquanto a literatura é feita por homens que vivem no mundo das ideias e que procuram usar as suas ideias para melhorar a vida de todos na caverna “a política é feita e conduzida [...] por homens de carne e de nervos”⁵⁰, isto é, homens que não têm medo de “sujar as mãos” para sair da caverna.

Helena Jorge não toma um partido particular no que concerne a esta discussão, na realidade a investigadora termina o artigo dizendo que o seu texto

⁴⁹ Helena Isabel Jorge. *Literatura e Política, uma meditação à margem*. Disponível em https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/29082/1/helena_jorge.pdf (Acesso em 13/12/2020).

⁵⁰ *Ibidem*.

Representa também uma meditação à margem como a de Selvagem, porque, de facto, a nossa sociedade não tem pensado nem agido de outro modo para tentar tornar obsoletas algumas das interrogações e pensamentos que continuam a pôr em causa a existência da Literatura e a sua relação com a Política.⁵¹

Em suma, desde Platão, passando por Carlos Selvagem até Helena Jorge que existe esta crença na tese de que a política e a literatura são duas realidades antípodes, contudo há que se frisar algo que podemos constatar que tanto um autor quanto o outro deixou de focalizar que é a definição de política não somente como atividade de pessoas que se ocupam de assuntos públicos e militares, mas também com a organização, a administração e a composição social dos estados nacionais e/ou internacionais.

A segunda definição que nos referimos no parágrafo anterior é em si a resposta que procuramos para podermos formular o nosso argumento de que tudo é político, isto porque, de acordo com Aristóteles “(...) o homem é, naturalmente, um animal político (...)”, ou seja, os humanos são criaturas que vivem em sociedade, que se preocupam com a organização e a administração social do contexto onde estão inseridos e é exatamente por esta razão que podemos afirmar que a literatura partilha uma relação simbiótica com a política, contudo ao afirmarmos esta ideia não queremos somente a afirmar que a literatura é um produto da política, mas que há uma influência mútua conforme poderemos observar mais adiante e em especial nas obras de Pepetela.

2.1. Influência da política na literatura

Não podemos deixar de mencionar um dos maiores exemplos de inter-relações entre política e a literatura como sucedeu com a censura política de obras que tentam influenciar através da literatura, não sendo necessariamente uma influência positiva, e os livros distópicos de certos autores como George Orwell, Gabriel García Márquez, Yevgeny Zamyatin, Ray Bradbury, Dostoiévsky, entre outros.

2.1.1. A censura e o Estado Novo

Quanto à censura, talvez o episódio mais memorável para muitos seja o da ditadura portuguesa durante o regime do Estado Novo que entrou em vigor em 1933 e que só foi dissolvido em 1974 através de um golpe de estado.

A censura não é mais do que uma forma de ocultar, parcial ou integralmente, a informação à sociedade e é por esta razão que Mário Soares afirmou que “de todos os

⁵¹ *Ibidem.*

mecanismos repressivos, a Censura foi sem dúvida o mais eficiente, aquele que conseguiu manter o regime sem alterações estruturais durante quatro décadas.”⁵²

Este tipo de prática ganha o seu ápice em sistemas governamentais ditatoriais e o Estado Novo não foi a exceção. Fazendo uso do seu poder, as autoridades sob as ordens do Governo de Salazar riscavam a azul, cortavam e carimbavam todo o tipo de informação que não era de agrado com “Autorizado”, “Autorizado com Cortes”, “Cortado” ou “suspenso” e por esta razão o símbolo da censura em Portugal se tornou o Lápis Azul.

Salazar e o seu governo compreendiam o mal que a censura poderia causar na sociedade portuguesa, aliás, o deputado Castilho de Noronha aludindo às palavras de Salazar menciona que a censura é “odiosa” e irritante, nas suas palavras:

A censura é já de si odiosa. A censura irrita. Disse-o uma vez o Sr. ^o Dr. Oliveira Salazar ao jornalista que o entrevistava, e declarou nessa ocasião que ele próprio foi em tempos vítima da censura, o que o magoou, o irritou a tal ponto que chegou a ter pensamentos revolucionários. A censura irrita, porque — disse-o S.^a Exa. — não há nada que o homem considere mais sagrado do que o seu pensamento, a expressão do seu pensamento. A censura — acrescentou S.^a Exa. — é uma instituição defeituosa, violenta por vezes, sujeita ao livre-arbítrio dos censores, às variantes do seu temperamento, às consequências do seu mau humor. Uma digestão laboriosa, uma simples discussão familiar podem influir, por exemplo, no corte intempestivo de uma notícia ou da passagem de um artigo. Nem mais nem menos. Não se podia dizer melhor nem podíamos ter testemunho mais autorizado. Poderia eu, em confirmação destas palavras do Sr. ^o Dr. Oliveira Salazar, relatar aqui casos do meu conhecimento e em alguns dos quais fui diretamente interessado. Temos, pois, que a censura é um mal. Mas, pelo que S.^a Exa., em justificação do estabelecimento da censura, disse logo a seguir às palavras que acabei de citar, é um mal necessário.⁵³

A censura agia no sentido de proteger uma imagem fictícia de Portugal, em particular as suas figuras e instituições, tendo como objetivo salvaguardar uma propaganda de integridade num país que vivia de aparências, vendendo tanto para o exterior como para o interior a ideia de que Salazar e o seu governo eram os instrumentos para a salvação de Portugal, por esta razão, neste país fictício não havia desemprego, nem promiscuidade, nem fome.

Como forma de fugir à censura, certos jornalistas, escritores e outros artistas praticavam a autocensura ao antecipar no ato do seu processo criativo o que poderia ou não ser

⁵² Flávio Moura. *A propaganda no estado novo: Uma abordagem de ensino/aprendizagem construtiva e cooperativa*. Relatório de Mestrado em Ensino da História no 2º e ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário. Universidade de Coimbra. 2018. p. 27. Disponível em https://eg.uc.pt/bitstream/10316/81905/1/FlavioMoura_versaofinal.pdf (Acesso em 07/11/2020).

⁵³ Diário das Sessões, no 88, da Assembleia Nacional, de 17 de março de 1951. *Apud*. Livros Proibidos no Estado Novo. Op. cit. p. 11.

censurado, o que de certa forma condicionava e represava o intelecto e a cultura portuguesa.

Em resposta ao Estado Novo surgiu o Neorrealismo⁵⁴, um movimento artístico, literário e filosófico de ideologia socialista que, inspirado em movimentos norte-americanos, focava-se essencialmente nas preocupações sociais e relatos da vida política portuguesa.

O Neorrealismo associou-se à história da resistência antifascista como expressão de solidariedade ao povo que sofria de forma agravada, pela forma precária como viviam e a sua situação desfavorecida, para tal este movimento artístico servia como a arma da cultura perante uma guerra social e política através da denúncia do sofrimento do povo.

2.1.2. Censura em Angola

Em Angola a censura ainda atua nas diversas áreas sociais. O episódio mais marcante para todos os angolanos, com ecos a nível internacional, é sem dúvida o caso “Angola 15+2”, onde 17 jovens ativistas foram presos em Luanda por suposto golpe de estado⁵⁵. Estes jovens ficaram conhecidos pelas suas manifestações em prol da liberdade contra o governo de José Eduardo dos Santos, ex-presidente de Angola.

Segundo consta em vários artigos jornalísticos, em junho de 2015 a polícia angolana deteve 13 defensores de direitos enquanto participavam de uma reunião. Estes ativistas estavam a ler o livro de Gene Sharp, *From Dictatorship to Democracy*, e a discutir os melhores métodos pacíficos de protesto, sendo que dias depois, mais dois ativistas foram detidos. As autoridades também apresentaram acusação formal contra duas mulheres ativistas de direitos humanos, Laurinda Gouveia e Rosa Conde – mas não as detiveram. O grupo de defensores/as de direitos humanos ficou conhecido como Angola 15+2 e dentre eles estavam Domingos da Cruz, Afonso Mayenda (também conhecido como Mbanza Hamza), Luaty Beirão, Manuel Nito Alves e Albano Bingo.

Em suma, e concordando parcialmente com o já mencionado artigo de Helena Jorge, a influência ou tentativa de influência da política na literatura ocorre de diversas formas; contudo, importa-nos apenas mencionar a censura devido o seu alto impacto político e

⁵⁴ O Neorrealismo pode ser definido como “movimento literário, surgido em Portugal, no terceiro decénio do séc. XX, que, inspirado na literatura norte-americana de preocupações sociais e no romance regionalista brasileiro, procurou instaurar uma literatura comprometida com os princípios do realismo socialista, tematizando sobretudo as condições de vida dos camponeses.” Confira Neorrealismo em *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2003.

⁵⁵ S/A. “Histórico do caso: Angola 15+2”. *Frontline Defenders*. Disponível em <https://www.frontlinedefenders.org/pt/case/case-history-angola-15> (09/02/2020).

as possíveis consequências que surgem na literatura em forma de resposta perante esta situação.

2.2. Influência da literatura na política

Quando falamos da influência da literatura na política não poderemos olhar de lado para o riquíssimo leque bibliográfico existente sobre este género de temática. Neste sentido, vamos abordar certas obras que são bastante conhecidas pelo seu alto teor político e que surgiram como resposta a certos contextos políticos ou como forma de tentar influenciar a sociedade sobre possíveis formas de governação que poderiam corromper ou até mesmo destruir a sociedade da altura e até mesmo a atual, ou seja, vamos trabalhar na hipótese da literatura como indução de mudança política.

No caso da Rússia, por exemplo, deparamo-nos com autores como Gogol ou Dostoiévski que criticavam a situação em que o seu país se encontrava, no caso de deste último que escreveu uma obra intitulada *Besy* (Os Demónios) onde é descrita o contexto social russo no final dos anos 1860 por causa do alto nível incomum de agitação política causada por grupos de estudantes influenciados por ideias liberais, socialistas e revolucionárias e especialmente no assassinato de Ivan Ivanov na Academia Agrícola de Petrovskaya em Moscovo.

Embora um ataque satírico implacável a várias formas de pensamento e ação radical, *Demons* não guarda muita semelhança com os romances anti niilistas típicos da época (como encontrados na obra de Nikolai Leskov, por exemplo), que tendiam a apresentar os niilistas como vilões enganosos e totalmente egoístas num mundo moral essencialmente preto e branco. [Frank, Joseph. *Dostoevsky: A Writer in His Time*. p. 612.] Os niilistas de Dostoiévski são retratados como a fraqueza humana comum, atraídos para o mundo das ideias destrutivas por meio da vaidade, da ingenuidade, do idealismo e da suscetibilidade da juventude. Ao repensar a orquestração do assassinato por Nechayev, Dostoiévski estava a tentar "retratar aqueles motivos diversos e variados pelos quais até mesmo o mais puro dos corações e as pessoas mais inocentes podem ser levadas a cometer uma ofensa tão monstruosa"⁵⁶

⁵⁶ Fyodor Dostoevsky. *A Writer's Diary*. Trad. Kenneth Lant. Northwestern University Press. 1994. p. 67. Tradução Nossa.

Em Inglaterra deparamo-nos com George Orwell e as suas obras sobre distopias como *A Revolta dos Animais* ou *1984*, obras essas que servem para alertar sobre o perigo da corrupção do poder e o perigo dos estados totalitários.

Em *A Revolta dos Animais* a mensagem é clara: o poder corrói, mesmo quando coberta de idealismo. Tal como já referimos, a obra é uma alegoria à Revolução Russa de 1917, em que os Bolcheviques derrubaram os Czar e instauraram o regime comunista com a ideologia de libertar o povo oprimido e garantir a igualdade em massa, não tardou muito para que a União Soviética se transformasse num estado totalitário onde reinava a propaganda, a brutalidade e só uma pequena fação de privilegiados possuía poder e conforto. De igual modo, na obra, os porcos, que antes acreditavam na igualdade entre os animais, ansiavam por mais poder, enchiam-se de privilégios e hierarquias ao ponto de começarem a agir como os humanos que tinham derrubado.

Em Portugal podemos mencionar duas obras que a nosso ver têm um alto teor político. A primeira *O Livro* de Cesário Verde, que contém poesias que denunciam a sociedade desumana e injusta e de intervenção social que retratam sobre as desigualdades sociais, burguesia e povo, criticando o poder do mais forte e solidarizando-se com os fracos e desfavorecidos. Cesário Verde foi um autor que, apesar de ter sido ignorado no seu tempo, posteriormente chegou a obter o reconhecimento e a admiração que merecia. A segunda é *A Jangada de Pedra* de José Saramago, que satirizava as autoridades políticas e os jogos de poder, tendo a obra sido publicada no ano em que tanto Portugal como Espanha aderiram à Comunidade Económica Europeia, atual União Europeia.

2.3. Perspetivas histórico-políticas e utópicas

A utopia é um tema bastante presente nas obras pepetelianas sendo que o próprio autor se considera “um socialista utópico”. Convém distinguir este socialismo utópico com que Pepetela se identifica do socialismo utópico proudhoniano, isto é, que Proudhon teorizou no século XIX a partir de obras como *Filosofia da Miséria* (1816) ou *O que é a Propriedade* (1840). Para Proudhon, a propriedade é a origem da desigualdade e a sua abolição (que ele sabe ser utópica) traria a justiça social.

Baseando-se nesta razão, e tendo em conta que o segundo capítulo deste trabalho dissertativo se foca nas perspetivas de Pepetela, entendeu-se que seria pertinente proceder a uma breve abordagem sobre a utopia.

A palavra utopia foi criada a partir da justaposição dos termos gregos antigos "οὐ" (prefixo de negação) e "τόπος" (lugar), podendo significar um "não lugar" ou talvez um

sentido mais apropriado seria “lugar inexistente”. O termo inventado por Thomas More, serviu de título para a sua obra de maior destaque, escrita em 1516.

De acordo com Sargent⁵⁷, apesar do termo ter sido cunhado por More, o conceito de utopia é muito mais antigo, sendo às vezes confundido com um outro termo (*eutopia*) que significa o bom lugar, o que fez com que o termo utopia, segundo o ensaísta, ganhasse o sentido de ‘lugar perfeito inexistente’⁵⁸.

O livro é, em resumo, uma obra que trata do seu longo diálogo com Rafael Hitlodeu, um viajante que navegou com Américo Vespúcio nas suas viagens de descobrimento, o qual afirma que conheceu uma ilha socialmente justa e perfeita, apesar das ideologias patriarcais resultantes da época em que o autor estava inserido.

A obra está dividida em duas partes. Na primeira parte, Thomas More tece várias críticas à sociedade da altura, criticando essencialmente o facto de camponeses serem exilados dos campos para a cidade, a justiça cega e cruel, perseguições religiosas, a sociedade belicosa, entre outros. A segunda parte da obra foca-se na narração de Rafael na ilha perfeita que conheceu com todos os pormenores: a organização política, social, a organização familiar, a divisão dos trabalhos, as cidades, a alimentação, a saúde, entre outros. Nesta ilha, todos vivem felizes dada a abundância moderada dos materiais para suprir as suas necessidades.

O que deve ser levado em consideração é o facto de esta obra indicar ter surgido, por um lado, com o objetivo de repensar sobre o contexto social e político que se vivia na altura, e por outro, para ser usado como mecanismo de fuga da realidade para o imaginário alimentado pela fantasia do melhor que há de vir, algo que, como poderemos observar, será bastante característico nas obras de Pepetela e que vai de encontro com o que diz Sargent quando argumenta que “as pessoas sempre que se encontravam em situação de descontentamento com as suas condições, têm vindo sempre a criar ilusões de uma vida melhor e mais duradoura.”⁵⁹

2.3.1. Breve abordagem sobre a utopia em Pepetela

Num artigo intitulado *Notas sobre a Utopia, em Pepetela*⁶⁰, escrito por Benjamin Abdala Junior, o ensaísta compara o mito de Ícaro e de Dédalo às obras de Pepetela e sugere que

⁵⁷ Lyman Sargent. *Utopianism: A very short introduction*. Oxford University Press. Oxford. 2010.

⁵⁸ *Ibidem*, p. 40.

⁵⁹ *Ibidem*, p. 44.

⁶⁰ Benjamin Abdala Jr. “Notas sobre a utopia, em Pepetela”. In Rita Chaves e Tânia Macedo (org.). *Portanto...Pepetela*. Chá de Caxinde. Luanda. 2002.

a literatura de Pepetela pode ser analisada seguindo a ideologia do mito. Segundo o que é narrado no mito⁶¹, Dédalo era um incrível inventor, que trabalhava com o seu sobrinho Talo, do qual estava encarregue da educação. Talo, um dia, após passear pela praia, viu o esqueleto de um peixe e usou-o de inspiração para criar a primeira serra. Dédalo, com inveja da invenção do sobrinho, tentou matar este, atirando-o de um precipício. Contudo, antes que atingisse o chão, os deuses intervieram, e o jovem foi transformado numa perdiz, que voou para evitar a desgraça iminente. Culpado de homicídio, foi obrigado a abandonar a cidade natal, indo refugiar-se em Creta, acolhido pelo seu amigo, o famoso rei Minos. Aí, foi incumbido de construir um labirinto, onde o Minotauro viria a ser aprisionado.

Depois de um ato de traição, Dédalo seria, mais tarde, impedido de deixar esta ilha, e foi por esta altura em que concebeu a sua mais famosa invenção, umas asas que lhe permitiriam voar. Pretendia, juntamente com o filho, usá-las para escapar da ilha. No entanto, as coisas não correram bem para Ícaro, que, ignorando os conselhos de seu pai acerca de voar muito alto perto do sol ou muito baixo perto do mar, voou demasiado alto, o que fez com que a cera que prendia as asas derretesse, precipitando-o no mar. Quanto ao triste pai, escapou da sua prisão e passou a viver na ilha da Sicília sem o que fazer senão chorar a morte do filho.

De acordo com Abdala Junior:

É assim que podemos ler a obra de Pepetela em sua trajetória artística, quer focalizemos as atitudes das personagens, quer o desenvolvimento do conjunto de sua obra” isto porque, segundo o ensaísta e seguindo a sua teoria de que Ícaro representa “os nossos sonhos embalados” pelo seu sonho de poder voar, “embalado por um sonho equivalente ao de Ícaro, Pepetela constrói imagens literárias, que podem ser situadas como materialização de um sonho prospectivo, certamente latente na própria realidade.”⁶²

O ensaísta segue a sua asserção justificando que a sua ideia é devida a escrita de *Mayombe* ser uma escrita com descrições aéreas, o que permite ao autor ver todo o cenário da obra e criar uma imagem que constava “a ideia de um estado-nação que contemplasse dialogicamente a diversidade dos povos angolanos e também a ideia de que o próprio processo de luta pela independência pudesse aplinar as diferenças entre eles (...).”⁶³

⁶¹ Disponível em <https://www.worldhistory.org/Daedalus/>.

⁶² Benjamin Abdala Junior. “Notas sobre a utopia, em Pepetela”. p. 199-201.

⁶³ *Ibidem*. p. 202.

Continuando o seu estudo comparativo, Abdala Junior afirma que Pepetela acredita na possibilidade de realização de uma utopia literária, sem que a mesma seja necessariamente abstrata, isso porque “como no voo de Ícaro, de cima, ele tem condições de entender as configurações dos labirintos sociais e políticos, historicamente construídos pelos próprios pais.”⁶⁴

O mito de Dédalo e Ícaro foi uma excelente escolha de análise comparativa por parte do ensaísta não somente por abordar o desejo humano de liberdade ou da criatividade como pudemos observar, mas também por conter características que compõem a escrita utópica de Pepetela. De forma resumida, podemos afirmar que essas características se baseiam na ideia do sábio ou gênio que em última instância se isola numa ilha refugiando-se da tristeza pelo seu sonho que não pode ser concretizado.

Abdala Junior chega mesmo ao ponto de descrever a “ilha” - no caso de *Mayombe* e não só, de acordo com a nossa interpretação - como núcleo simbólico do conjunto do país onde se situa a integridade psicológica do autor e as suas aspirações libertárias.⁶⁵

A seguir, o ensaísta foca-se no caso do sábio que se isola e, em comparação tanto com *Mayombe* como com o mito de Ícaro, Abdala Junior diz que Aníbal, o protagonista de *A Geração da Utopia* terá uma trajetória que irá contra os labirintos de Ícaro e que irá ser motivado por gestos similares ao da personagem central de *Mayombe*, contudo “o seu destino vai ser outro, entretanto: ele sobreviverá, mas continuará um herói de *tragédia*, (...)” A tragédia de que fala Abdala Junior tem a ver com o facto de Aníbal ter-se exilado para o sul do país, mas a sua sobrevivência deve-se essencialmente por este ter a habilidade de poder viver com a sua integridade pessoal na sua ilha.

Ainda segundo o ensaísta, esta característica pode ser o que define Pepetela, pois, na sua opinião o autor “por embalar-se na corrente “quente” da utopia, não aceita arremedos. Sonha com um futuro autêntico, que não encontrava na práxis dos atores políticos da Angola liberta.”⁶⁶

Um outro estudo bastante pertinente sobre a utopia na obra de Pepetela foi feito por Inocência Mata, no seu livro *Ficção e História na Literatura Angolana: O Caso de Pepetela*, onde a ensaísta “intenta desvelar as estratégias e o modo como, através da obra

⁶⁴ *Ibidem*. p. 202.

⁶⁵ *Ibidem*.

⁶⁶ *Ibidem*. p. 203.

de Pepetela, a utopia se reescreve na própria escrita, substituindo essoutra revolucionária de matriz político-social.”⁶⁷

Nesta obra a ensaísta começa por abordar como a esperança e a utopia funcionavam como instâncias mediadoras entre o que se buscava e a realidade, ou seja, entre a busca pela liberdade e o presente “sufocante” que se vivia no presente, o que vai de encontro com a opinião de Karl Mannheim que argumenta que “quando a imaginação não encontra sua satisfação na realidade existente, busca refúgio em lugares e épocas desiderativamente construídos”.⁶⁸

Seguindo a opinião de Inocência Mata, o que se quer afirmar com a opinião de Mannheim é que a imaginação utópica surge como resposta a um estilo de vida insuportável, servindo como fonte de ignição às ideias libertárias. Como exemplo desta teoria temos os nacionalistas africanos que lutaram durante anos pela independência dos seus países porque “nasceram de uma “carência”, de um vazio. E esse vazio resultante da servidão colonial, com o corolário da perda de autoestima cultural, mais do que espiritual, é sobretudo de natureza psicocultural.”

Nesta mesma senda, Mannheim considera utopias “todas as ideias situacionalmente transcendentais (não apenas projeções de desejos) que, de alguma forma, possuam um efeito de transformação sobre a ordem histórico-social existente”⁶⁹

Inocência Mata não se restringe somente a definição original grega de Utopia que literalmente pode ser traduzido como um “não-lugar”, mas também sugere duas possibilidades de definição para o termo, sendo a primeira “um lugar bom no futuro a que se chega por via de mudanças previstas e realizadas no presente” e a segunda como sendo um lugar de “simples estratégia de discussão filosófica sobre a sociedade ideal e os meandros da realização do projeto.”⁷⁰

De acordo com Inocência Mata a utopia e o sonho estão interligados no sentido em que o sonho funciona como “(...) válvula de escape face ao peso da realidade (...)” que motiva o ser humano a tornar “tópico” o seu sonho, ou seja, tornar concreto o sonho num espaço e num tempo determinado, geralmente no futuro. Contudo, a ensaísta alerta-nos que “à força do sonho há que juntar a faculdade de espera, que se nutre de uma energia

⁶⁷ Inocência Mata. *Ficção e História na Literatura Angolana: O Caso de Pepetela*. Edições Colibri. Lisboa. 2010. p. 237.

⁶⁸ Karl Mannheim *apud ibidem*. p. 238

⁶⁹ *Ibidem*.

⁷⁰ *Ibidem*. p. 239.

direcionada para o futuro e que o antecipa em termos de uma projeção das possibilidades objetivas de transformação do presente”, isto para que se possa se possa chegar no *locus amoenus*.⁷¹

Mata ainda nos diz que foi Karl Mannheim, em *Ideologia e Utopia* (1960), que

se aproximou a conceptualização de utopia da de ideologia, pois, para este filósofo, a imaginação utópica não se limita a aspirar à mudança, mas também a proporcionar opções processuais com vista à ação política. Portanto, a utopia, enquanto força impulsionadora, só será eficaz se pressupuser a possibilidade à realização – Mannheim fala, por isso, de mentalidade utópica.⁷²

A fim de que melhor se entenda sobre a utopia é necessário que se saiba da sua relação com os mitos. De acordo com Inocência Mata “o modelo utópico, que convocou à projeção de sonhos e esperanças, aliou a ideia de herói, a entidade que concentra em si valores da comunidade, à de mito;” já que, de acordo com Eduardo Lourenço, “uma interpretação que perdura, transforma-se em mito.”⁷³

Ainda segundo a ensaísta, enquanto o mito funciona como um impulso para o passado, a utopia funciona da mesma maneira para o futuro, além de que o mito revitaliza a utopia, e citando Frederico Moraes, Inocência Mata concorda que “o mito cresce quando a utopia se desfaz, desaparece. Cresce em momentos de decadência (...) ou de desesperança (...). O mito recupera a utopia. O sonho”.

Através do mito alegórico ou histórico, Pepetela, na sua obra, revisa a história com o intuito de formular uma nova interpretação, conforme já se constatou anteriormente, pois, nas palavras do escritor, “o mito é o que fica da História, o que permanece. E é através dele que talvez melhor se possa interpretar aquilo que, de facto, se passou (...). Tudo é traduzido, interpretado através de uma realidade atual (...)”⁷⁴

Em suma, Inocência Mata afirma que o discurso mítico se constitui, nas literaturas africanas, a partir de leituras da luta e da resistência e da independência. Para a ensaísta, “o discurso mítico da atualidade articula-se em torno da história da resistência nacionalista e da narração da nação.” Isso porque, sendo que o mito está relacionado com os acontecimentos do passado, “a sua essência atemporal assimila uma *transtemporalidade* que determina a significação intrínseca de entidades míticas.”⁷⁵

⁷¹ *Ibidem*. p. 240.

⁷² *Ibidem*.

⁷³ Eduardo Lourenço *apud ibidem*. p. 246.

⁷⁴ *Ibidem*. p. 247.

⁷⁵ *Ibidem*. p. 248.

2.3.2. Calpe: A cidade utópica de Pepetela

Inocência Mata, na sua obra que em análise, destaca em Pepetela fases da sua utopia, na qual a ensaísta refere que o autor numa “primeira fase” aborda sobre uma cidade utópica cunhada pelo autor, Calpe. Ora, de acordo com o mesmo estudo feito pela ensaísta, Inocência Mata revela-nos que Calpe não é uma ilha “natural nem construída”, mas sim uma cidade perdida que acaba por ser descoberta (p. 249). Calpe de Pepetela não é, porém, “um *não-lugar*, sem chão nem tempo, como Amaurota, a capital da ilha moriana”, é também o “mundo dos homens”. Calpe é o lugar onde “A ação das personagens – *ele*, o rapaz, e *ela*, a rapariga cor de mel torrado – que a procuram implica modos determinados de construir o lugar perfeito, “o Mundo oval, coerente e perfeito” (*Muana Puó* p. 26), e a comunidade de homens que um dia foram morcegos e lutaram contra os corvos e os venceram.”⁷⁶

Segundo Inocência Mata, Calpe funciona essencialmente mais como “projeto *tópico* e menos como proposta utópica (sem lugar) ou *ucrónica* (sem tempo)” dado que neste projeto “o espaço e o tempo são determinados pela consciência do saber e da previsão da substância do futuro (...).”⁷⁷

O narrador de *Muana Puó* apresenta Calpe como um mundo perfeito, com um regime comunitário e igualitário, mas ditado, significativamente, pela carência: “Ainda não havia carros para todos. *Por isso* eram utilizados igualmente.”

Calpe, a cidade do sonho, era uma sociedade perfeita, “mas que subvertia a ordem natural e social do mundo físico”, pelo o facto de as raízes nascerem em cima e as folhas buscarem-lhes os alimentos, diz Inocência Mata, e ainda havia também outras subversões como “parques líquidos, onde peixes se sentam em bancos”, “museus em que as estátuas falam e contam a sua história, em que os quadros se recompõem a partir de telas nuas” (*Muana Puó* pp. 119-120); e também uma perfeição de ordem socioeconómica, já que em *Muana Puó* o escritor descreve que os personagens tinham a possibilidade de ir a qualquer lado e poderiam verificar a riqueza do país:

Descobriram Calpe. Viram fábricas em que os homens não suavam, porque havia ar condicionado por música; e não se sujavam, pois as máquinas estavam dentro de chuveiros platinados que tudo lavavam.

Viram os hotéis, os lugares de fazer medo, nas feiras, monstros horríveis, diante das quais as pessoas riam. Viam os cais, onde veleiros submarinos movidos a néon atracavam e partiam, zumbindo, para portos perdidos. (*Muana Puó*, p.127).⁷⁸

⁷⁶ *Ibidem*. p. 249.

⁷⁷ *Ibidem*. p. 250.

⁷⁸ Pepetela *apud ibidem*. p. 251.

Pouco a pouco, porém, era inevitável que Calpe se fosse tornando no “mundo dos homens: cada vez mais real e, por isso, mais amargo.”⁷⁹ Tão amargo que na mesma parte onde Calpe surge descrita como lugar perfeito, em que “a ovalidade começa a desenhar o seu princípio de organização, a descoberta de certos recursos naturais como o urânio, o plutónio e o berílio, que aliás deveriam “funcionar como potencialidades da nova sociedade”, coincidiu com aparecimento de enfermidades como o cancro, as doenças de nervos, do coração e dos olhos, antes arrumadas no gabinete de objetos perdidos, que se juntaram à radioatividade” (*Muana Puó* p. 116).⁸⁰

Inocência Mato apresenta-nos uma grande hipótese sobre a utopia pepeteliana no sentido em que o autor não constrói nacionalidades, mas sim cidadãos na sua utopia, e é este um fator fundamental que nos leva a interpretar Calpe como sendo, de facto, um projeto social, pois, nas palavras da ensaísta, “este projeto está mais próximo do de cidadania do que do de nacionalidade, com exigências mais de ordem cívica do que política, pelo que se pode entrever, em *Muana Puó*, a ampliação e a superação do projeto político-social – tal como em *Utopia*.”⁸¹

Além disso, O segmento do “Futuro” é todo ele descrição de Calpe que, apesar de não ser um futuro de certeza, é um futuro de probabilidade, em *Muana Puó*, segundo Inocência Mata “Calpe surge como lugar de sonho tornado realidade, que os dois jovens buscam”, ou seja, cidade ideal é aqui entendida menos como “um lugar que por fim foi encontrado”⁸².

Inocência Mata diz-nos ainda que Calpe pode ser o primeiro *lugar* simbólico que referencia a Angola independente, não só pelo facto de Pepetela ter-se baseado numa ideia concreta de um país em sofrimento, neste caso Angola, país do qual a realidade o autor conhece melhor, mas também por conter proposições ou dimensões enunciadas como propriedades do “país novo”⁸³. “Amor, bem-estar e paz”, “Paz e tolerância”, “Verdade”, “Justiça”, "Igualdade", "Solidariedade e fraternidade", "Direito à diferença” e “Progresso”.

É imprescindível que se note que, a partir, de um certo ponto na literatura de Pepetela, Calpe deixa de ser um lugar que se buscava para um lugar cujas qualidades utópicas

⁷⁹ *Ibidem*

⁸⁰ *Ibidem*. p.252.

⁸¹ *Ibidem*.

⁸² *Ibidem*.

⁸³ *Ibidem*.

começam por se dissipar, e, segundo Inocência Mata, isto deve-se ao fato desta cidade ser “salpicada pelo imobilismo”, fazendo assim com que Calpe passe de “cidade de sonho” ao “mundo dos homens”⁸⁴. Devido a esse imobilismo, Calpe quando reaparece, década e meia depois, em *O Cão e os Caluandas*, o autor “manifesta indícios de uma degeneração funcional”, ressurgindo como sendo “um lugar marginal, onde se refugia um escritor para quem escrever “é um vício pior que o do fumador””, efetivando, desse modo, o seu epíteto como “cidade dos homens”⁸⁵.

Uma outra referência onde podemos encontrar ensinamentos de Pepetela acerca de Calpe como a sua nação ideal é na obra *O Quase Fim Do Mundo*, em que o escritor faz com que toda a espécie humana desapareça, ou melhor, quase toda a espécie humana sobrando simplesmente alguns africanos que se dirigem numa pequena ilha chamada Calpe.

Se noutras narrativas de Pepetela Calpe surgia como um lugar mais utópico do que físico propriamente dito, neste romance, o autor transformou essa cidade num lugar existente que serve de *rendez-vous* onde os personagens sobreviventes escapam para poder começar assim a sua utopia ou a sua comuna.

De acordo com Robson Dutra, e numa referência a textos de Edward Said e de Bhabha, constatou-se que as diferenças entre as personagens servem para comprovar a inexistência do conceito de identidade pura e que, por isso, “deve valorizar o multiculturalismo resultante do hibridismo, o contacto e o diálogo entre as diversas culturas que integram a África.”⁸⁶

Dutra aborda ainda um outro assunto bastante pertinente sobre a utopia em Calpe: na obra todos os personagens usam como língua comum o Swahili, que, segundo o mesmo, pode ser interpretado como uma alegoria à união africana, tendo em conta que a língua em questão além de ser “o único idioma com raízes linguísticas exclusivamente africanas”⁸⁷, também serve como “uma língua de ligação em vários países africanos.”⁸⁸

⁸⁴ *Ibidem.* p.255.

⁸⁵ *Ibidem.* p. 257.

⁸⁶ Robson Dutra. “Literatura e nação - Pepetela e a história de Angola”. *Revista de História Comparada*. Rio de Janeiro. Vol. 5-1. 2011. p. 167. Disponível em <https://revistas.ufrj.br/index.php/RevistaHistoriaComparada/article/view/71/65> (Acesso em 12/12/2020).

⁸⁷ *Ibidem.*

⁸⁸ *Ibidem.*

Nesta obra há uma ligação entre os monumentos do passado e as pessoas que vivem no presente, ou seja, Pepetela induz-nos o pensamento que para que realmente haja história é preciso que haja pessoas que se lembrem dela e, para tal, é necessário que haja certos “lugares de memória”⁸⁹ a fim de perpetuar o passado.

A história de Angola também está amplamente ligada na obra da construção da nação de Pepetela, isso porque, na obra *O quase fim do mundo*, o autor cria mudanças histórico-sociais que servem de alegoria à história social de Angola e é por esta razão que “Calpe passa de espaço de fundação da nação para o de enunciação do desencanto que acompanhou a evolução do país por décadas, até se reafirmar como loucos de reconfiguração não apenas de Angola, mas do mundo literalmente novo que *O quase o fim do mundo* retrata.”

Concordando com o que foi comprovado por Inocência Mata, Robson Dutra afirma que Calpe funciona “como um projeto cuja proposta não se dá no lugar sujeito a limitações espaço-temporais”, mas que vai se tornando aos poucos na cidade dos homens, o que se comprova na obra em análise, tendo em conta que, no final, a cidade também “vai, gradativamente, se desertificando.”

2.3.3. Nação e literatura: A escrita como mecanismo de (re)criação da nação em Pepetela

2.3.3.1. Conceito de Nação

Barbosa, no seu artigo “Nação, um discurso simbólico da modernidade”⁹⁰, propõe uma reflexão sobre o conceito de nação e as suas implicações e, neste sentido, a ensaísta aborda sobre duas perspectivas entre as quais, a perspectiva histórica, que se dá a partir das discussões de Benedict Anderson e Eric Hobsbawm e uma segunda que se preocupa com a questão da temporalidade da nação e afirma-se nas ideias de Homi Bhabha em *O local da cultura*.

A ensaísta sugere que devemos pensar em nação enquanto narração cultural, pois “amplia as possibilidades de articulações simbólicas deste evento com diferentes categorias como raça, género, classe, e diferença cultural”⁹¹. Neste caso, uma nação pode ser vista como “um sistema classificatório”, pelo que se evidenciam categorias “que ligam o Estado a seus membros e estes entre si”. O território e a língua são categorias que sustentam um sentimento de pertencimento e lealdade entre os

⁸⁹ *Ibidem*. p. 169

⁹⁰ Márcia Barbosa. “Nação, um discurso simbólico da modernidade”. *Revista Crítica Cultural*. Vol. 6. p. 203, 216. disponível em http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Critica_Cultural/article/view/734 (Acesso em 12/02/2021).

⁹¹ *Ibidem*. p. 204.

membros de uma nação, segundo Barbosa, assim como a ideia de uma “tradição cultural” comum. Este pensamento vai ao encontro com o pensamento de Benedict Anderson que analisou os sistemas culturais que precederam o aparecimento do nacionalismo em fins do século XVII, concluindo que “as comunidades religiosas e o reino dinástico estabelecem seus laços referenciais pelos quais as comunidades eram imaginadas antes das nações modernas, através das línguas sagradas e de um sistema político único (a monarquia).”⁹²

Anderson define a nação como "(...) uma comunidade política imaginada - e imaginada como sendo intrinsecamente limitada e, ao mesmo tempo, soberana" (2008, p. 32). “Imaginada porque seus membros nunca conhecerão todos os demais [...] Limitada porque a nação é limitada em suas fronteiras por outros territórios. [...] E soberana porque o surgimento do nacionalismo, segundo Anderson, está relacionado ao declínio dos sistemas tradicionais de governabilidade.”⁹³

Barbosa diz que, de acordo com os estudos de Hobsbawm, o nacionalismo é o uso da nação enquanto símbolo para “a realização de um projeto político”. Isso porque, segundo o que foi constatado por Hobsbawm,

a desintegração do movimento revolucionário europeu em segmentos nacionais e o surgimento das classes média e inferior, as quais representavam as categorias profissionais, administrativas e intelectuais, propiciam a maior evolução dos movimentos nacionalistas conscientes depois de 1830.⁹⁴

Segundo o autor, até antes desta data, a religião era o fator determinante que unia e distinguia os europeus em geral.

Barbosa, ao refletir ainda sobre a questão da nação e da identidade nacional, tendo em conta o que se analisou nos parágrafos anteriores, afirma que as culturas nacionais não devem ser pensadas como “sistemas unificados”, mas sim como “sistemas constituídos por divisões profundas calcadas em diferenças, sejam elas, étnicas, sociais ou culturais”⁹⁵, porque, no seu entender, a cultura é capaz de estabelecer identidades a partir de relações de poder, concluindo que é a ligação ou, na sua terminologia, “costura” das diferenças que cria a identidade cultural.

⁹² Benedict Anderson. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras. 2008. p. 39.

⁹³ *Ibidem*. p. 32.

⁹⁴ Márcia Barbosa. “Nação, um discurso simbólico da modernidade”. p. 204-205.

⁹⁵ *Ibidem*. p. 206.

De acordo com a ensaísta, a narrativa da nação que encontramos nas literaturas e nas histórias nacionais constrói imagens recorrentes de uma tradição que possibilitam a formação de uma identidade nacional que fica marcada pelos mitos de origem. Através dos estudos de Edward Said, Barbosa denota esse processo de criação de novas tradições nacionais que surgem a partir da elaboração das imagens puras e através do esquecimento de elementos culturais indesejáveis. Sobre esta questão da nação e a identidade nacional, Barbosa conclui que “a tradição age como estratégia de unificação entre um passado historicizado (seletivo), às vezes mítico, e um presente ativo para a construção de uma identidade nacional”⁹⁶ que é um fenómeno bastante recorrente na literatura pepeteliana, conforme vamos retratar mais adiante.

No caso de Homi Bhabha, a ensaísta aborda como o autor se foca na questão da raça e da diferença cultural como forma de entender o discurso da modernidade através de dois tempos que o mesmo denomina de o pedagógico e o performático. Neste sentido, segundo Barbosa, Bhabha “trabalha o discurso da raça como signo cultural produtor de uma temporalidade histórica de sobreposição, que se afirma num entretempo”⁹⁷. A ensaísta afirma que, de acordo com Bhabha, a ideia de raça “forneceu à modernidade uma justificativa para a hierarquia cultural”, o que fez com que fosse possível que as narrativas do progresso viessem à tona.

Paul Gilroy também aborda as questões relativas à raça e racismo. Segundo Barbosa, o autor defende a ideia de que a configuração da cultura moderna resulta dos “contradiscursos que surgiram dos encontros brutais entre europeus e os povos que colonizaram e escravizaram”, acreditando que “as histórias de subordinação tenham um lugar legítimo na história moral do ocidente como um todo, pois não são eventos únicos e discretos de uma minoria, mas sim determinantes forças modernizadoras”⁹⁸. Neste sentido, a sua ideia coincide com a de Homi Bhabha, no sentido em que consideram as manifestações de opressão racial, como a escravatura, segundo o exemplo da ensaísta, “como posições únicas e descentradas”.

Em conclusão deste preâmbulo, Barbosa aconselha-nos a repensar na nação, ou seja, “pensar na força emergente da nação enquanto discurso da modernidade que se afirma em temporalidades diversas”, pensar na nação como “articulação de diferenças culturais”, e, além disso, pensar na nação como “expressão coletiva e paisagem interior

⁹⁶ *Ibidem.* p. 207.

⁹⁷ *Ibidem.* p. 213.

⁹⁸ *Ibidem.*

da identidade nacional que nos leva a pensar a nação enquanto espaço de negociações das diferenças”.

A presente análise sobre a nação é baseado nos estudos de Márcia Barbosa, servindo o propósito de nos guiar pelos caminhos para a compreensão do significado de nação para Pepetela, pois, conforme se poderá constatar nos subcapítulos que se seguirão, Pepetela, na sua ideologia sobre a nação, integra muitas dessas características abordadas até este ponto.

2.3.4. A escrita de Pepetela e o sistema de reestruturação sociopolítica da nação

Manuel Scorza, romancista peruano, uma vez disse que todas as obras literárias “fueron siempre políticas y toda la literatura lo es por lo que dice o por lo que calla. Y todos los escritores vivimos en un mundo político.”⁹⁹ Isto significa que, segundo o autor, toda a escrita em si é um ato político e é exatamente essa a premissa que nós pretendemos demonstrar nesta fase do nosso trabalho dissertativo. Através dos estudos de Robson Dutra, Frank Marcon e de outros autores como Inocência Mata, iremos estudar como Pepetela constrói a nação através da sua escrita, pelo que o autor apresenta nelas características “nacionalistas e plurais”.

Antes de existir Angola enquanto país, a escrita literária assinalou o engajamento de intelectuais a movimento cujo série era, mais uma vez, a idealização de uma nação unida, coesa e livre do jugo colonial, próxima, por conseguinte, da definição feita por Benedict Anderson.

De acordo com os estudos do Robson Dutra sobre a literatura, existe um preceito teórico de que um facto histórico é suscetível de duas narrações ou modalidades e “essas modalidades discursivas, ou seja, a histórica e a ficcional, tem como marca a relação de complementaridade resultante do fato dos seus discursos terem como objetivo comum oferecer uma imagem verbal da realidade.”¹⁰⁰ O que pode ser constatado na obra literária de Pepetela, em especial obras que se debruçam sobre a formação mítica de Angola, como

⁹⁹ S/A. “Toda la literatura es politica”. (Entrevista a Manuel Scorza). *Semana*. Disponível em <https://www.semana.com/toda-la-literatura-es-politica/3108-3/> (Acesso em 01/12/2020).

¹⁰⁰ Robson Dutra. “Literatura e nação - Pepetela e a história de Angola”. *Revista de História Comparada*. Rio de Janeiro. Vol. 5-1. 2011. p. 149-178. Disponível em <https://revistas.ufrj.br/index.php/RevistaHistoriaComparada/article/view/71/65> (Acesso em 12/12/2020).

por exemplo *Lueji* e *A Gloriosa Família* no nível espaço-temporal ou sobre a história de Angola em si e os seus acontecimentos atuais, isto porque

A escrita de Pepetela, em forma de herança herdado de outras escritas antigas, reflete também sobre a importância dos mitos para a manutenção do presente, quer na utilização dos termos nativos, quer na interrogação constante da história e na construção de uma consciência nacional crítica que se debruce sobre Angola.¹⁰¹

Esta ideia de duas leituras de um acontecimento histórico será analisada com mais profundidade num outro artigo em que iremos abordar a relação entre a História e a literatura.

Pepetela afirma ainda, numa entrevista ao jornal português *Diário de Notícias*, que defender a luta pela independência “era para criar uma sociedade mais justa e não para substituir uma elite (colonial) por outra. E aconteceu que uma classe dominante substituiu a outra classe dominante. O capitalismo selvagem que temos em Angola não leva a lado nenhum, tal como dantes não levava.”¹⁰²

No seu livro *A Geração da Utopia* (1992), Pepetela na voz de Aníbal, o sábio, faz uma crítica à elite que nunca soube aliar-se às elites rurais tradicionais e cujos agentes foram intermediários da colonização embora gritando contra ela. Na obra, toda a insatisfação do rumo da política de Angola é refletida em Aníbal, que foi um herói que se retirou da cena daquele país que lutou embalado pelas utopias do passado ao acreditar num país mais justo e retirou-se da cidade para uma ilha mantendo um relacionamento com um povo que reconhece características idênticas acho que lhe valeram alcunha de “sábio”. Além disso, Aníbal, no seu retiro adquire um autoconhecimento da tradição angolana através da sua busca pelo passado histórico deste país.

Esse pressuposto da ideia de que é necessário um refúgio fora da urbe de um sábio para que haja paz também é retomado em *A Montanha de Água Lilás*, fábula para todas as idades (2000) de Pepetela. Nesta mesma narrativa o escritor aborda a união existente entre dois opostos que compõem o mundo visível e o invisível africano, neste caso o idoso e as crianças como pontos limítrofes entre ambos os mundos.

Um outro estudo sobre a construção da nação em Pepetela é o de Frank Marcon em que o autor constata a versatilidade narrativa do escritor, pelo que o ensaísta cita uma entrevista de Pepetela a um jornal português em que revela que o segredo dessa versatilidade narrativa é o seu estudo extensivo e intencional da tradição oral aplicado

¹⁰¹ *Ibidem.* p. 157.

¹⁰² *Ibidem.* p. 157-158.

nas suas obras. O autor (Pepetela) explica-nos que “quando está alguém a contar é fácil entenderem-se as passagens: há a presença do gesto, há a riquíssima mímica do contador de histórias...”¹⁰³. É desta modalidade da experiência apurada com as narrativas da “tradição oral” que Pepetela diz ter desenvolvido tecnicamente seus jogos de linguagem para contar histórias escrevendo romances.

Segundo o ensaísta, tal versatilidade narrativa foi utilizada muito articuladamente com a experiência de Pepetela como historiador e cientista social, sendo que foi a partir dessas investigações que surgiu a decisão do autor em tornar a história narrada em *Yaka* [1984], por exemplo, o mais próximo possível da “história”, baseando a sua pesquisa não só em fontes portuguesas como também em outras fontes estrangeira com o intuito de reescrever a história sob o ponto de vista dos marginalizados, ou seja, dos que não tinham a possibilidade de as contar. Acerca deste assunto, diz Pepetela:

Fiz a pesquisa sobre a história e procurei ser o mais próximo possível da história. Aliás, demasiado próximo. Foi a única vez que eu estive muito próximo da história mesmo. Documentos, livros que havia, todos coloniais, praticamente portugueses, ou estrangeiros ligados ao colonial. Aí, então, a tentar reinterpretar, uma coisa que fui apreendendo desde a Argélia, a reinterpretar a história a partir dos textos de relatos coloniais. Importante tentar descrever uma história nacional. O *Yaka* é do ponto de vista de uma perspectiva nacional, apesar de estar a contar a história de uma família colonialista. Para isto tive que estudar bastante a documentação que existia na época ou eu tinha disponível.¹⁰⁴

Segundo a nossa perspectiva, Frank Marcon procura com este seu artigo transmitir-nos a ideia de que Pepetela constrói a nação através da reinvenção da história, quanto a isso o ensaísta diz que

Pepetela diz reconhecer que esteve ainda assim muito próximo da “história” – de nomes, fatos e contextos – foi com sua escrita, ao fim dela, que ele diz ter aprendido a ficar mais à vontade com relação à “história” e “tranquilo para criar”, no sentido de escapar às noções de “factualidade” e de “veracidade” vinculadas aos documentos como que efeitos de um “mundo real”, capaz de ser evidenciado e reproduzido pela escrita.¹⁰⁵

O ensaísta, continuando a sua teoria, apresenta-nos duas discussões sobre a veracidade histórica e o intuito de Pepetela através de vários diálogos entre Lu e Herculano, personagens de *Yaka*, uma vez que nesta obra Lu está a escrever um roteiro artístico sobre o reino da Lunda e pede auxílio a várias pessoas e, dentre elas, Herculano, que é o historiador da narrativa e que de imediato reprime Lu pela ousadia de manipular a veracidade histórica. Segue dizendo o seguinte:

¹⁰³ Frank Marcon. Os romances de Pepetela e a imaginação da nação em Angola. *História Revista*. Vol. 16. N1. 2011. p. 31-51. Disponível em <https://doi.org/10.5216/hr.v16i1.14703> (Acesso em 13/12/2020).

¹⁰⁴ *Ibidem*. p. 37- 38.

¹⁰⁵ *Ibidem*. p. 38.

Na discussão, Herculano teoriza sobre a questão da “tradição oral” e suas versões contraditórias, dizendo que a versão “tradicional” é sempre ideológica. Ele argumenta que para chegar a uma “versão científica” é necessário se comparar todas as versões contraditórias ou não e ver o que há de comum nelas. Enquanto Herculano enfatiza que a “verdade deve estar no meio” das diferentes versões, como uma síntese, Lu defende o seu roteiro e responde que toda narrativa sobre a história de Lueji e o nascimento de um império lunda é uma outra interpretação das várias versões narrativas existentes, sejam as orais ou escritas.¹⁰⁶

Ainda sobre a questão da veracidade histórica, o ensaísta, tal como outros pesquisadores das obras pepetelianas, aborda sobre a questão de “História” *versus* “mito”, explicando sobre a possibilidade de o autor tentar subverter a noção de ambos os conceitos ao desestabilizar a postura do historiador Herculano sobre “ficção” e “verdade”, ou a sua postura em si. O ensaísta entende que não é exatamente a intenção de Pepetela o de estabelecer “qualquer entendimento de hierarquização de valores de uma modalidade narrativa sobre a outra, seja o “mito”, o “romance” ou a “historiografia””, mas sim o de contribuir para que se possa entender “a opção do autor pelo romance como um “campo de expressão” privilegiado para falar da “nação” como que constituída num dado “processo histórico”, tributária de uma ancestralidade específica.”

Na medida em que Marcon defende a criação da nação através da reconstrução da história em Pepetela, o mesmo chega a mencionar sobre o romance *A Gloriosa Família* para defender a sua teoria, tendo em conta que nesta narrativa também temos a presença do tema da história, que por sua vez, é narrada por um marginalizado, isto é, sob a perspectiva do escravo que observa o dia-a-dia da vida da família Van-Dunem durante o período colonial da ocupação holandesa. Diz o ensaísta a cerca deste propósito:

Se, por um lado, a narrativa mais antiga de que se tem conhecimento sobre os acontecimentos dos tempos da ocupação holandesa de Luanda e de Benguela é o livro escrito por Oliveira Cadórnega (1972), um português que viveu em Luanda no século dezassete, Pepetela, por outro lado, subverte o formato colonial daquela narrativa e a imagina recriada na voz de um escravo nascido no reino da rainha Jínga. O romance se torna uma versão que desarranja a narrativa histórica e documental, subvertendo a autoridade colonial do texto de Cadórnega, imaginando o que poderiam ter pensando, dito ou visto, outras pessoas daquele tempo, principalmente aquelas que não dominavam a escrita, como o escravo narrador no romance.¹⁰⁷

Segundo o ensaísta, “a opção pelo romance para falar deste tema, como de outros, é um exercício crítico de liberdade e aprendizado sobre a nação e sobre o que Pepetela considera o passado desta.” Continuando, o ensaísta afirma ainda que “a “temática histórica” se torna uma estratégia de leitura a contrapelo de outros textos canónicos,

¹⁰⁶ *Ibidem*.

¹⁰⁷ *Ibidem*. p. 39-40.

principalmente os textos coloniais, que são a grande maioria das fontes históricas escritas disponíveis sobre Angola.”¹⁰⁸

Quando Pepetela convoca Cadórnega ou quando utiliza outras fontes e bibliografias portuguesas dos tempos coloniais, como os expedicionários Henrique de Carvalho, Capello e Ivens e Serpa Pinto, em romances como *Yaka* [1984] e *Lueji* [1989], é para minar a perspectiva colonial do passado, contrapondo-a com uma perspectiva que ele considera como sendo angolana.

Em conclusão sobre o artigo de Frank Marcon, importa-nos mencionar que o ensaísta acredita que a escrita de Pepetela é legítima por ser uma escrita que “verbaliza e sistematiza algo reconhecível pelos leitores, ao mesmo tempo em que está imbuído de uma certa autoridade para narrar a nação em virtude da trajetória biográfica do escritor”.¹⁰⁹ O mesmo menciona ainda que a estratégia que o autor usou ao questionar a existência de uma formação social com o intuito de antecipar a nação através de “um projeto de convergência cultural da nação como se esta já estivesse em curso antes mesmo do colonialismo português”. Além disso, o ensaísta acredita também que a estratégia de reescrever a história da nação sob uma perspectiva angolana é uma forma de contrapor a perspectiva colonial do passado.

Uma outra perspectiva sobre a (re)construção da nação a partir das obras Pepetelianas é a de Inocência Mata, que num sentido geral aborda como a reescrita da história por Pepetela faz com que seja possível ter duas leituras dos acontecimentos históricos de Angola. Neste sentido, e baseando-nos essencialmente no seu artigo *intitulado* “Pepetela: a Releitura da história entre gestos de reconstrução”¹¹⁰, destacamos o facto de a ensaísta afirmar que a literatura constitui um outro polo do saber em Angola devido à incipiência da sua academia, o que faz com que seja possível obtermos duas leituras da história do país já que há uma forte relação entre a história e a ficção, fazendo-se cumprir desta forma, segundo Inocência Mata, “o preceito teórico de Hayden White de que um acontecimento histórico é aquele que é suscetível de, pelo menos, duas narrações da sua ocorrência¹¹¹ (...)”, ou seja, a partir da história factual e a da história ficcional podemos assim obter duas leituras para narrar um acontecimento.

¹⁰⁸ *Ibidem*. p. 39.

¹⁰⁹ *Ibidem*. p. 40.

¹¹⁰ Inocência Mata. “Pepetela: a releitura da história entre gestos de reconstrução”. In Rita Chaves e Tânia Macedo (org.). *Portanto...Pepetela*. Chá de Caxinde. Luanda. 2002.

¹¹¹ Hayden White *apud ibidem*. p. 224.

Durante o período da Geração da Mensagem, certos autores angolanos decidiram fazer uso da literatura não só como arma contra o colonialismo, mas também como arma para a construção de uma grande narrativa do passado que serviria base na construção da sua nação imaginada, a isso deve-se o facto de que “a literatura angolana parece inverter a perspectiva *evenemencial* daquela “grande narrativa” da nação que a “história nacionalista” fixou,”¹¹² tornando possível que o passado de Angola fosse exaltado e o futuro previsto ficasse aberto.

A necessidade de se criar uma grande narrativa para o país, de acordo com François Furet, provém da ideia de que um país grande precisa de uma componente heroica a fim de afirmar a sua grandeza e garantir o seu futuro, e é exatamente este sentimento ufanista que fez com que o contexto da “escrita literária de representação histórica se aproximasse da narrativa histórica científica por ambas serem teológicas, pois a finalidade e a função estavam envolvidas pela edificação moral e pelo dever patriótico.”¹¹³

Segundo Inocência Mato, a escrita de Pepetela também é motivada por esses conceitos; contudo, o autor procura redefinir o conceito de nação e nacionalidade a partir da sua obra, fazendo com que a perspectiva ideológica se disperse e haja “configurações identitárias diferentes”, pois nesse equilíbrio entre a expressão e a sua substância que “reside a instância centrifugadora de aspirações que tem vindo a dominar a escrita de Pepetela”, razão pela qual Inocência Mato considera a obra de Pepetela como “reescrita do “canónico” discurso literário da *nação*, visando a construção de uma cultura da diferença: diferença de condições e existência culturais, linguísticas, ideológicas...”¹¹⁴, e é por esse motivo que a ensaísta acredita que a escrita do autor “antecipa discussões com que a sociedade se confrontará ou que o discurso oficial (político ou científico) quer rasurar ou omitir (...).”¹¹⁵

Neste estudo da reescritura da História de Angola, Inocência Mata constatou que a literatura de Pepetela tem funcionado “(...) com uma lógica antiépica que acaba por referenciar os ideais agónicos da revolução e do espírito nacionalista animado pela imaginação utópica, ideais construídos sobre uma mística do heroico e do épico.”¹¹⁶ Isto porque segundo a ensaísta “(...) narrar a *nação* angolana pressupõe a textualização de um passado de guerras e falar da guerra como força motriz das transações cíclicas”, além

¹¹² *Ibidem.* p. 225.

¹¹³ *Ibidem.* p. 226-227.

¹¹⁴ *Ibidem.* p. 227.

¹¹⁵ *Ibidem.* p. 228.

¹¹⁶ *Ibidem.* p. 230-231.

disso ,a ensaísta reconhece também que é a guerra que “(...) marca o ritmo da periodicidade, com a desestruturação social, a sua reordenação implicando reajustamentos de mentalidades e instituições, significadores importantes de mudança dos ciclos históricos.”¹¹⁷

Numa altura em que a sociedade angolana discute a “eficácia” da guerra e a sua funcionalidade como fatora de paz, a obra de Pepetela revela-se campo bastante para uma discussão especulativa sobre ela, cumprindo o preceito da sua pensatividade, ou seja, da meta-historicidade e funcionando para além da sua ficcionalidade.¹¹⁸

Ainda segundo Inocência Mata, a guerra tem sido um recurso muito usado na sua obra, tendo como principal objetivo revelar "uma forma de passagem a nível diegético e discursivo que aponta para novos ciclos históricos ou configurações culturais"; ou como “significante escatológico (fome, mortes, fuga, destruição), com consequência regeneradora num quadro mais amplo.”¹¹⁹

Apesar de toda essa situação na literatura pepeteliana, não devemos pensar que a sua utopia está em crise ou em declínio, conforme nos adverte a ensaísta, mas que “à desmistificação da utopia (da nação e do homem novo) segue-se a sua revitalização (da utopia) e a dos caminhos épicos atrás trilhados” através da construção de um outro tipo de utopia que, segundo a ensaísta “ora consiste numa deslocação do centro para a margem, da sombra para a luz, do monólogo para o diálogo, do mesmo para o diferente (...)”.¹²⁰

¹¹⁷ *Ibidem.* p. 232.

¹¹⁸ *Ibidem.* p. 231.

¹¹⁹ *Ibidem.* p. 232-233.

¹²⁰ *Ibidem.* p. 235.

Capítulo 3: Representação alegórica de Angola em *O Cão e os Caluandas* e em *Sua Excelência, De Corpo Presente*

Preâmbulo

Neste último capítulo iremos abordar propriamente sobre o que nos propusemos a comprovar nos objetivos do nosso trabalho dissertativo, mais concretamente, relativamente às duas obras em abordagem que se tratam na realidade da representação alegórica de Angola, para tal, o trabalho baseia-se na ideia de que direta ou indiretamente Pepetela tenha escrito as obras em análise considerando os problemas sociais de Angola, como o governo, a corrupção e o seu combate, bem como os problemas das lixeiras. Como é comum no autor, fez uso do melhor método para poder representá-los e é exatamente com este tipo de propósito em mente que a sua alternativa mais favorável seria a de refugiar-se no uso do sarcasmo e do humor para poder tecer as suas críticas sobre a sociedade angolana, a alegoria aqui surge como o veículo para dar vida ao seu propósito, já que, segundo indícios da obra e daquilo que pudemos observar, o mesmo escreve A para significar B ou C, ou até mesmo D. A sua escrita pode remeter a várias interpretações e é exatamente por esta razão que afirmamos que a alegoria faz parte das suas obras literárias.

A alegoria, dentro das figuras de linguagem retórica utilizadas pelo autor, não é uma novidade dentro da literatura pepeteliana, uma boa parte da sua bibliografia contém esquemas alegóricos como estratégia de melhor transmitir o seu pensamento, independentemente de qualquer interpretação que possa ser feita.

Há, por exemplo, ensaístas que defendem que *Muana Puó* seja uma alegoria do sonho utópico da independência de Angola, onde Pepetela, ao fazer uso das suas técnicas de escrita, acaba por materializar o seu sonho e o de muitos outros angolanos de ver um país livre, justo e de igual oportunidade para toda a população, o que vem suportar uma outra ideia de que todas as obras pepetelianas estejam interligadas por um fio ideológico sobre Angola e o seu rumo, neste caso, segundo este ponto de vista, o livro *A Geração da Utopia* seria uma continuação de *Muana Puó*, onde o livro todo seria a alegoria da desilusão do povo angolano em relação ao seu sonho utópico que não pode ser concretizado dado à realidade vivida naquele país, e essa alegoria estaria representada principalmente na personagem de Aníbal. O ensaísta Robson Dutra é quem melhor aborda esta questão ao destacar o seguinte:

O processo de desencantamento com os rumos da política de Angola refletem-se em Aníbal e, simultaneamente, assinalam o caso do herói, ou seja, a retirada de cena daquele que lutou embalado pelas utopias do passado ao acreditar em um país mais justo. Apartado do mundo externo, a não ser por visitas esporádicas à cidade, a personagem mantém um relacionamento sistemático com o povo, que reconhece características idênticas às que lhe valeram a alcunha de “Sábio” (Dutra, 2011, p. 158).

Em *A Revolta na Casa dos Ídolos* observa-se uma clara representação alegórica do Nitismo ou o Fraccionismo de 27 de maio de 1978, em que uma pequena fração da população se revolta contra o governo opressor pacificamente em busca de melhor qualidade de vida e o mesmo acontece com os Fraccionistas do MPLA, que se revoltaram contra o governo deste partido em busca de melhores condições de vida e de oportunidades para o povo angolano. Ainda neste ponto sobre a alegoria na literatura pepeteliana pode se afirmar também que a água miraculosa em *A Montanha da Água Lilás* seja uma alegoria à liberdade, pois segundo aponta Robson Dutra,

Pepetela, com isso, alegoriza a liberdade que, tal como a *Água Lilás*, é uma descoberta que tem que ser provada, estudada e comprovada para que se possa crer e aproveitar convenientemente. (...), na tentativa vã de saciar a fomes dos jacalupis. grandes quantidades da substância são trocadas por produtos supérfluos, como ossos de animais que servem de ornamento; penas de aves que, usadas na cabeça, distinguem e hierarquizam o jacalupi-capitão do restante da população lupi (*ibidem*, 2011, pp.162-163).

Assim sendo, neste capítulo iremos demonstrar as semelhanças e diferenças alegóricas entre as duas obras selecionadas, bem como comparar essas semelhanças e diferenças com a realidade vivida em Angola a fim de comprovarmos a ideia sobre a qual nos propusemos dissertar.

3. Abordagem genérica das obras

Na obra *O Cão e os Caluandas*, publicado originalmente em 1985, tendo como título *O Cão e os Calus*, Pepetela apresenta episódios da realidade de uma Angola pós-independência sob a perspectiva de um cão pastor-alemão que, nas suas perambulações, de forma direta ou indireta, acaba por intervir na vida dos vários personagens moradores de Luanda. Ao utilizar sagazmente um autor desconhecido que recolhe os contos das diversas versões da vida do cão e as suas aventuras, Pepetela acaba por retratar Angola na sua plenitude, descrevendo de igual modo assuntos bastante controversos da década de oitenta assentes até à atualidade.

A obra é constituída por vinte e um capítulos, escrita de forma diversificada, em termos estruturais, pelo que nos deparamos com textos escritos em géneros literários diferentes. A presente obra integra mais dez histórias intercaladas com os capítulos mencionados no parágrafo anterior que versam sobre uma menina que escreve um diário intitulado *A*

Buganvília. No final do livro, não só confirmaremos uma história exuberante, mas também poderemos notar que tanto as histórias do cão pastor-alemão como as histórias d'A *Buganvília* estarão conectadas, não somente pelo facto de, na obra, as histórias estarem intercaladas, mas também pela presença dos próprios personagens.

Tal como foi frisado na introdução deste trabalho dissertativo, a escolha do livro *O Cão e os Caluandas* deve-se ao seu alto teor político e o seu alto teor representativo ou de proximidade com o que foi e é a realidade angolana, principalmente por focar-se na representação tanto da classe média como da baixa. Já no caso de *Sua Excelência, de Corpo Presente*, Pepetela apresenta-nos um cenário completamente insólito em que um ditador africano morto dentro de um caixão num salão presidencial não só consegue ouvir e ver tudo à sua volta, como chega a adivinhar os pensamentos de outras pessoas e até mesmo a ter conversas telepáticas com o seu antigo servo mais fiel.

Ao construir *Sua Excelência, de Corpo Presente*, Pepetela, de forma irónica e sarcástica, tece críticas aos vários países africanos cujo sistema governamental é o da ditadura, onde reinam a corrupção e o nepotismo. O livro também é constituído por duas histórias que se intercalam, tratando-se do presente e do passado do protagonista, ou seja, se num capítulo vemos aquilo que o ex-ditador nos narra em relação ao que acontece ao seu redor, noutro capítulo é nos apresentada a narração do seu passado, desde a sua infância até ao momento em que se torna presidente. A razão da escolha desta obra é semelhante à de *O Cão e os Caluandas*; porém, o foco desta obra é essencialmente na classe média ou média alta, bem como nas críticas ironizadas da sociedade angolana em geral.

Ao selecionarmos estas duas obras, o intuito passa por focar essencialmente em quatro ideias-chaves que, a nosso ver, remetem-nos a uma interpretação de que estamos perante uma representação alegórica de Angola, a saber: Angola como contexto comum; a corrupção e a má governação do país, a problemática do lixo e os aspetos insólitos.

3.1. Semelhanças alegóricas entre *O Cão e os Caluandas* e *Sua Excelência de Corpo Presente*

3.1.1. Angola como pano de fundo

Em primeiro lugar, antes de cotejarmos as duas obras no que tange aos outros pontos de convergência e divergência, convém demonstrarmos que as mesmas se referem ao país Angola e que o seu foco e/ou base de inspiração é o mesmo país, e porque não dizer a mesma cidade, tendo em conta que, a partir de certos excertos de ambas as obras, o autor nos fornece pistas de que realmente a narrativa em ambos os livros partilha do mesmo espaço físico, ou seja, a cidade de Luanda.

Sobre a obra literária *O Cão e os Caluandas* não é necessário que se façam grandes comentários ou pesquisas exaustivas para provar que, de facto, o autor se refere a Angola, levando em consideração o próprio título, que remete para as vivências do povo de Luanda. Além disso, logo no epílogo da sexta edição, o autor dirige uma advertência aos leitores de que

As cenas que se vão narrar passaram no ano de 1980 e seguintes, nessa nossa cidade de Luanda. No século passado, portanto. Século sibilino. [...] Trata-se pois de estórias dum cão pastor-alemão na cidade de Luanda. Também se trata de uma toninha, ser todo de espuma, algas como cabelos, que talvez só tenha vivido na minha cabeça. E na do cão, claro. Será mesmo só isso? Responda o leitor.

Mais previno que qualquer dissemelhança com factos ou pessoas pretendidos reais foi involuntária.

Calpe, ano de 2002.¹²¹

Portanto não restam quaisquer dúvidas de que Pepetela, ao escrever esta obra, quis representar o país Angola, contudo no decorrer desta obra não nos deparamos apenas com a cidade de Luanda como espaço físico, uma outra cidade angolana citada no livro é a de Benguela. concluimos que o facto desta cidade aparecer na obra de forma tão recorrente tem como justificativa ser a cidade natal do próprio autor. Não obstante, convém notar que, semelhante ao que foi mencionado no capítulo anterior no final do “Aviso ao leitor”, *post scriptum* em relação ao livro, Pepetela insinua que terminou de escrever o livro em Calpe, mas, conforme pode-se comprovar, Calpe é um lugar imaginário que aparece em vários livros da bibliografia pepeteliana.

Neste sentido, a existência de Calpe nesta obra serve-nos de pista de que o autor ao escrever estas histórias sobre os luandenses (Caluandas) não teve qualquer intenção de escrever literalmente sobre Angola, tal como o mesmo sempre defendeu, mas sim de a representar alegoricamente, a fim de que este povo não só pudesse rever os seus hábitos e atitudes nos diversos personagens, bem como os problemas sociais ironizados ao longo da obra, razão pela qual o autor se sentiu na obrigação de terminar a advertência dizendo que “qualquer dissemelhança com factos ou pessoas pretendidos reais foi involuntária”.

Ora, quanto à verdadeira função deste aviso ao leitor, Rouanet em *Riso e Melancolia* assera que “enquanto elemento paratextual, «prefácios», «avisos ao leitor» e «advertências» têm por função assegurar ao texto uma boa leitura”. Mas em *O Cão e os Caluandas* a função da advertência não é clara, na medida em que o texto

mais confunde do que esclarece, sobretudo se considerarmos a primeira edição de *O Cão e Os Caluandas*. (...) O “aviso ao leitor”, oscilando em um espaço entre o texto e o

¹²¹ Pepetela. *O Cão e os Caluandas*. 6ª ed. Publicações D. Quixote. Alfragide, Portugal. 2014. p. 9-10.

paratexto, põe por terra o “esforço documental” a que o texto aspira, ao apresentar-se como um “inquérito rigoroso”, sustentado em “documentos escritos ou gravados”.¹²²

O problema não para simplesmente na existência de Calpe na obra, um outro assunto que iria dificultar a possibilidade de interpretação da obra é o ano em que o pseudoautor diz ter concluído a obra, isto é, em 2002, contudo isto não condiz com a realidade considerando o verdadeiro ano da primeira edição. Uma possível explicação para esta situação surge num artigo de Aulus Martins que, ao comparar a obra em análise com a tradição luciânica, defende sobre o distanciamento do autor/ narrador como estratégia narrativa, segundo o ensaísta,

ao falar do presente como se passado fosse, o narrador/autor neutraliza o caos social e político instalado na jovem República de Angola, sugerindo a superação da crise no futuro, numa possível metamorfose de Luanda em Calpe.¹²³

Porém, ainda sobre a problemática de Calpe numa obra supostamente verídica, no mesmo parágrafo o ensaísta reflete sobre a questão de o autor estar em Calpe e não em Luanda, reforçando “o sentimento distópico de ruína do ideais revolucionários”, mas ainda assim defende a ideia de que qualquer que seja a justificativa ou caso se trate de uma das situações explicadas por si, na realidade nada muda o facto de ser uma estratégia narrativa por parte do autor/narrador.

O autor/narrador não quer que ao longo de toda a obra os leitores sejam passivos, isto é, quer que os leitores participem da história, que deem a sua opinião sobre cada uma das histórias presentes no livro e que sejam criativos com elas. Em relação a isso, e quando questionado sobre o porquê de entregar a função criativa ao leitor Pepetela diz que

“já dá um trabalhão danado escrever um livro. E o leitor lê apenas, e quando lhe apetece, sem contribuir nada para a obra? Não me parece justo. Por isso o incito a continuá-la pensando nela...(...)”.¹²⁴

Além disso, sobre o facto de misturar a história com a ficção, Pepetela afirma que “gosta de manipular e provocar o leitor, colocando-o perante dúvidas e incertezas”, bem como torná-lo ativo na história ao dar voz aos leitores, pois, nas palavras de Laura Padilha,

¹²²Aulus Mandagará Martins. “Sátira, Utopia e Distopia em O cão e os caluandas de Pepetela”. In *Anais do XI Congresso Internacional da ABRALIC - Tessituras, Interações, Convergências*, São Paulo: 13 a 17 de julho de 2008. Disponível em https://abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/076/AULUS_MARTINS.pdf.

¹²³*Ibidem*.

¹²⁴Fernanda Castro. “Entrevista a Pepetela”. *Navegações*, 7 (2). Funchal, Portugal. p. 213, disponível em <https://doi.org/10.15448/1983-4276.2014.2.21054>.

é preciso fazer o falar o povo - Cada novo grito-texto vem juntar-se a outro e todos se dedicam à tarefa de construir o esperado momento em que, de objeto, o homem angolano se possa fazer também sujeito da História.¹²⁵

Quanto à obra *Sua Excelência, de Corpo Presente*, deparamo-nos com uma situação em que se torna mais desafiante demonstrar que estamos perante um contexto situacional de Angola, principalmente se tivermos em conta o último parágrafo da contracapa da primeira edição do livro da editora D. Quixote, onde nos é informado que um ditador africano jaz “num enorme salão cheio de flores, deitado num caixão forrado a cetim branco (...)” e que o livro é

Uma crítica mordaz ao abuso de poder e aos sistemas de governo totalitários disfarçados de democracias, escrita com um sentido de humor inteligente, e em que qualquer semelhança com a realidade é pura coincidência.¹²⁶

Portanto, a partir da citação acima mencionada, pode-se obter algumas informações relevantes sobre a obra, informações essas que tanto nos servem de alicerce como também de muralha consoante o que estamos a dissertar. Em primeiro lugar, obtemos a informação de que o contexto de *Sua Excelência, de Corpo Presente* desenrola-se num país africano, porém não sabemos ao certo qual o país, além disso, Pepetela afirma que qualquer semelhança com realidade “é uma pura coincidência” estabelecendo desde cedo que não existe forma alguma de termos a certeza de fixarmos a obra num país em concreto, e não só, sempre que questionado sobre que país a obra aborda ou no contexto de que país no qual o autor se baseou, o mesmo encontra sempre alguma forma de desviar-se da questão ou deixar o mais claro possível de que a história em questão não tem qualquer semelhança com Angola, diferentemente das suas obras anteriores cujos conteúdos abordam sempre algum problema social ou recontava a história desse país sob um outro tipo de perspectiva.

Contudo, ao cotejarmos esta obra não pudemos deixar de reparar em certos traços que decididamente nos indicam que a mesma aborda deveras sobre Angola, o seu governo e os seus problemas sociais.

Tendo afirmado isso, uma questão bastante pertinente merece resposta antes que possamos continuar com o nosso raciocínio sobre *Sua Excelência, de Corpo Presente*, por que razão Pepetela insiste sempre que não há qualquer relação entre a obra e o país Angola? Pois bem, a nossa primeira hipótese foi a do medo da censura, por outras

¹²⁵ Laura Padilha *apud* Carlos Menezes. “Entre dribles e máscaras: a construção do mosaico em o cão e os caluandas”. *Mulemba*, vol. 12. Rio de Janeiro, Brasil. 2015. p. 40. Disponível em <https://doi.org/10.35520/mulemba.2015.v7n12a5022>

¹²⁶ Pepetela. *Sua Excelência, de Corpo Presente*. Publicações Dom Quixote. Alfragide, Portugal. 2018. contracapa.

palavras, supomos que Pepetela não queria que a história desta obra se passasse em Angola devido às implicações políticas que eventualmente surgiriam e que acabariam por censurar o seu livro no país. Por outras palavras, a nossa primeira teoria é que se tratava de uma autocensura, e, conforme explica o próprio autor na qualidade de um ex-vice-ministro da educação, nunca houve censura literária pelo governo angolano em termos de publicação de livros.¹²⁷

Apesar de que essa nossa suposição, por mais infeliz que possa ser, tenha maior potencial para o nosso trabalho dissertativo, é a segunda hipótese que tem mais possibilidades de ser a verdadeira, na medida em que ao não nomear o país nesta obra e de generalizar como sendo um país qualquer de África, terá sido uma estratégia do autor para poder abordar face a um problema que com muito pesar é vivido em África no geral e não só. Aliás, numa conversa com Rita Chaves, Pepetela chega inclusive a reiterar que não queria situar a história em Angola porque os problemas denunciados em *Sua Excelência, de Corpo Presente* podem e acontecem em todos os países de África.

Apesar de depararmo-nos com esse tipo de “barreira”, mantemo-nos firmes na ideia que nos propusemos a abordar no início deste capítulo e sobre a qual nos vamos debruçar, essencialmente em dois nomes citados na obra e no fator linguístico que é o mais evidente por toda a obra.

O primeiro nome que nos remete a Angola é o nome da base militar em que o personagem principal passou maior parte do seu tempo enquanto major do exército, “*Nindal*”. Contudo, nem mesmo através de uma pesquisa exaustiva pudemos encontrar qualquer tipo de relação com Angola enquanto país, acrescentar ainda que a menção deste nome deu-se pelo próprio Pepetela que afirmou que o nome é o único detalhe dentro da obra que poderá remeter para a história de Angola.

Apesar da afirmação dada pelo autor no parágrafo anterior, enquanto cotejávamos a sua obra, não pudemos deixar de reparar num nome particular de um personagem bastante importante, trata-se da alcunha que o ex-ditador deu à sua primeira-dama, “*Palanca Negra*”. Pois bem, aqui Pepetela foi bastante astuto, o que não deveria ser surpreendente para nós tendo em conta que esta é uma das suas características enquanto autor, mas assim o foi na medida em que, no percurso da narrativa, quase não disse “palanca negra gigante”, animal simbólico do país Angola, no entanto, após uma releitura pudemos

¹²⁷ Na verdade, Pepetela chegou inclusivamente a afirmar que não há censura literária em Angola bem recentemente, porém consideramos que o autor não tenha levado em conta o caso “Angola 15+2” que abordamos no princípio do segundo capítulo no subtópico da censura em Angola.

confirmar que o autor se descuida e chega de mencionar o animal, como podemos ver no capítulo décimo primeiro em que o narrador diz o seguinte:

A palanca negra talvez tenha sido o exemplar mais elaborado, para usar uma expressão machista. Ora porra!
Ninguém me ouve é apenas o de-um-olho-só pode perceber o que penso, não corro perigo ao me exprimir livremente.
Exemplar, sim, **um exemplar perfeito de palanca negra gigante, um dos últimos mitos do nosso território**, nascido de mitos e espero que continue assim.¹²⁸

Parece-nos impossível que Pepetela tenha escolhido dar esta alcunha por mero acaso, ainda por cima se levamos em conta que dentro da narrativa quem escolhe a alcunha é a figura política máxima de um determinado país africano. Portanto, pelo facto de sabermos que a história se passa num país do continente africano, bem como o facto de a palanca negra gigante ser o símbolo nacional angolano e tendo em consideração o que é dito no excerto acima sobre este animal ser um mito neste país africano sem nome, não nos resta outra alternativa a não ser concluir que o país em causa realmente se trata de Angola.

Caso ainda restarem algumas dúvidas sobre a conclusão do parágrafo anterior, podemos reforçar o nosso argumento com o factor linguístico dentro da obra, para tal, atente-se no seguinte excerto:

Bem gostaria de soltar uma boa gargalhada e pôr esta malta toda a fugir daqui o chefe morto riu, o chefe morto riu, um **mujimbo** que percorreria as vertentes desta coluna onde suponho devemos estar, mujimbo se distribuindo e multiplicando pelas ruas da cidade, atemorizando todos, é chegado o tempo dos **cazumbi**, melhor tapar as cabeças com cobertores, não olhar para não cegar, os videntes sempre prometeram durante todas as gerações conhecidas, vem aí a estação das trevas e do mal.¹²⁹

Portanto, ao analisarmos o excerto acima, por si só ou na íntegra dentro da obra, obtemos marcas linguísticas que nos remetem ao país Angola. Antes de procedermos com o nosso argumento convém contextualizar o excerto. Pois bem, a passagem em análise insere-se precisamente no fim do primeiro capítulo da obra em que o narrador intradieético, enquanto personagem principal, descreve que está morto dentro de um caixão no meio do palácio presidencial e, desta feita, vai descrevendo tudo o que ocorre ao seu redor, como se encontram as pessoas e o que pensam.

O excerto faz parte da narração do presidente que está morto, enquanto é descrita toda a situação anteriormente enunciada e que em tom de humor, vai satirizando o estado em

¹²⁸ Pepetela. *Sua Excelência, de Corpo Presente*. p. 250 (negrito nosso).

¹²⁹ *Ibidem*. p. 24 (negrito nosso).

que se encontra, o que é, aliás, como diz o autor, característico dos angolanos (fazer escárnio da sua própria desgraça).

Procedendo com o nosso argumento, o excerto referido demonstra-nos algumas características que apontam a história ao contexto angolano, em primeiro lugar, o facto de o narrador/protagonista falar ou contar a história em português é um ponto crucial a nosso favor, uma vez que reduz o espaço geográfico que teríamos que percorrer a fim de identificar o país em que decorre a narrativa, com isso restam-nos apenas cinco possíveis países africanos, integrantes dos PALOP¹³⁰, onde a história poderá se situar. Ao analisarmos as palavras em destaque no excerto concluímos que o país em questão é, definitivamente, Angola, mas uma Angola alegorizada, isto porque o termo “mujimbo” provém do quimbundo *njimbu*¹³¹, que tem o sentido de ‘boato’ em português, e “cazumbi” também provém do quimbundo, neste caso da palavra *kanzumbi*, diminutivo de *nzumbi*, que em português tem o sentido de ‘espírito, alma ou fantasma’.¹³²

Tal como já foi referido no primeiro capítulo deste estudo dissertativo, o quimbundo é uma das línguas nacionais de Angola, ocupando uma posição bastante elevada no panteão cultural angolano quanto ao seu uso¹³³, tanto que algumas de suas palavras deram origem a várias palavras hoje entendidas como portuguesas, tendo, especialmente, na variante do português angolano uma presença muito forte, ao ponto de ser inserido em obras literárias, como é o caso da obra em questão.

O nosso argumento, neste caso do âmbito linguístico, baseia-se no princípio de que o autor e o narrador são seres distintos em teoria literária, ou seja, o autor, seja ele empírico/histórico ou implícito difere do narrador, na medida em que o narrador é apenas uma invenção do autor implícito e este também é uma invenção do autor empírico ou histórico, isto é, um autor que existe. Quem explica melhor esta distinção entre estes três seres é Aguiar e Silva na sua obra *Teoria da Literatura*, onde consta que

É necessário, porém, distinguir adequadamente entre o autor enquanto sujeito empírico e histórico, cujo nome civil figura em regra na capa e no frontispício das suas obras - um cidadão juridicamente identificável, com um determinado estatuto social, profissional, etc. - e o emissor que assume imediata e especificamente a responsabilidade da *enunciação* de um dado texto literário e se manifesta sob a forma e a função de um eu

¹³⁰ Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa.

¹³¹“mujimbo”. In Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha]. 2008-2021. Disponível em <https://dicionario.priberam.org/mujimbo> (Acesso em 26/06/2021).

¹³²“cazumbi”. In Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha]. 2008-2021. Disponível em <https://dicionario.priberam.org/cazumbi> (Acesso em 26/06/2021).

¹³³Lewis, M. Paul (2009). *Ethnologue: Languages of the World* (em Inglês) 6.^a ed. Dalas, Texas: SIL International. ISBN 978-1-55671-216-6

oculta ou explicitamente presente e actuante no *enunciado*, isto é, no próprio texto literário.¹³⁴

De acordo com este princípio, não devemos confundir o autor com o narrador porquanto, e usando esta obra como exemplo, Pepetela não é um ex-ditador morto com poderes telepáticos. Uma vez que o narrador/personagem principal não é o autor, e este não só fala o português angolano, como também usa expressões originárias de uma das principais línguas nacionais angolana, pode-se concluir que nesta obra é feita uma representação alegórica do totalitarismo cuja base contextual é o país Angola.

3.1.2. A alegoria da corrupção

Tendo sido demonstrado que as duas obras se ocupam de representar alegoricamente a realidade angolana, podemos com isso proceder com as nossas comparações alegóricas com mais certeza e abordar assuntos que sustentem ainda mais o nosso argumento dissertativo, nesta sequência, iremos demonstrar como as duas obras abordam o tema da corrupção em Angola, tema, aliás, bastante recorrente nelas.

Em *Sua Excelência, de Corpo Presente* a corrupção é um dos temas com maior destaque, podendo representar um estado totalitário, deste modo, o tema da corrupção não poderia deixar de estar de lado já que ambos andam “de mãos dadas”, como se diz coloquialmente, principalmente nos estados totalitários disfarçados de democráticos. Aqui encontra-se a descrição da corrupção a que mais estamos habituados a ouvir falar, ou seja, pelo facto de ser um texto em que se foca fundamentalmente numa classe social média-alta, isto é, dos que dirigem diretamente a estrutura capitalista do país, a corrupção aqui descrita é aquela com a que mais estamos familiarizados, como por exemplo, o fisiologismo, o nepotismo, o clientelismo, a extorsão, o suborno e o peculato.

Logo no terceiro capítulo do livro encontra-se uma situação que coloca o estado ali descrito como cleptocrático, posto que o ex-ditador morto narra um caso de corrupção com o seu amigo de infância Vidal, onde se discute sobre a criação de uma empresa fantasma para enriquecer os altos dirigentes do partido, com o intuito de facilitar os votos para se perpetuar no poder, conforme é mencionado no seguinte excerto:

A ideia dele era criarmos uma empresa do nosso glorioso partido, com quotas pequenas, mas numerosas e divididas pelos dirigentes de confiança. Essa empresa seria o conglomerado de muitas outras, sediada em vários países estrangeiros, de preferência em paraísos fiscais, cujas quotas eram distribuídas pelos tais dirigentes. (...) Com esse fundo, sempre a engordar por causa dos juro e os negócios a serem feitos ao ritmo dos nossos desejos e necessidades, podíamos comprar pessoas, instituições, tribunais, armas, exércitos de mercenários, assassinos a soldo e tudo que fosse útil para nos mantermos à

¹³⁴ Victor Aguiar e Silva. *Teoria da Literatura*. 8ª ed. Edições Almedina. Coimbra, Portugal. 2011. p. 222.

tona. (...) As campanhas eleitorais eram caras, mesmo para escolhas viciadas, cada vez mais difíceis. Só com muito dinheiro se ganhava com certeza. Derrotar o inimigo por ser o bolso mais recheado sempre foi a melhor estratégia.¹³⁵

Portanto, está-se perante um caso bastante aguçado de corrupção e que só não foi a avante devido à doença que o ex-ditador chegou a contrair.

Já no caso de *O Cão e os Caluandas* temos diversos temas alegóricos que vão desde a pobreza, o totalitarismo, o racismo, a corrupção, por exemplo, no caso da Buganvília temos uma clara alegoria da luta contra a opressão de um estado burocrático, neste caso na imagem de uma planta “cujos galhos, em crescimento avassalador, estão destruindo a casa angolana”¹³⁶

Portanto, o tema da corrupção é mais proeminente no segundo capítulo “O Primeiro Oficial” e no quarto capítulo “Acta”. No segundo capítulo seguimos a história de um primeiro oficial de uma repartição que conta ao autor/narrador como tem abusado da sua posição para realizar os seus esquemas de corrupção, deixando-se corromper a fim de obter troca de favores e diversos produtos da população a custo quase ou mesmo zero. Observemos o seguinte excerto:

Malandro, não é?, o camarada também quer entrar no esquema. Seja! Lá na fábrica de cervejas tenho um cliente. Coisa de nada. O rapaz estava atrapalhado, precisava dum papel da Repartição, aí combinámos: arranjei-lhe o papel em dois tempos e ele passa-me duas grades de cerveja por semana. Grátis, grátis, claro. O papel também foi de borlex e salvou-lhe a vida, ou quase. Sem esse papelito, nenhuma transferência para o exterior e ele tem a mãe na Melói, deve mandar-lhe dinheiro todos os meses. Compreende? (...) Como dizia, eu é que mando realmente no serviço, por isso consegui arranjar imediatamente o documento. O chefe olhou-me de lado, a desconfiar, mas eu sou muito diplomata e relembrei-lhe umas operaçõezitas nada católicas que ele tinha feito ou deixado fazer, vai dar ao mesmo, bastou dar-lhe a entender que me lembrava delas e zás, a assinatura do chefe estava lá no papel. Bendita assinatura, vale-me duas grades por semana. Oh, também tenho um esquema para a carne, o peixe, as verduras, a roupa... Porque essas lojas oficiais não têm nada. Entro nos nossos tempos, não estamos no socialismo esquemático? Estou bem governado, a minha mulher não entra numa bicha, não. E agora já esquematizei para um aparelho de televisão. A cores? Ainda não, ainda ando pelo esquema nacional, não entrei na importação.¹³⁷

Ora, tal como já referimos no primeiro capítulo, a escolha de *O Cão e os Caluandas* como uma das obras de análise para o nosso trabalho dissertativo advém do seu conteúdo representativo da população angolana nas diversas camadas desta sociedade, especialmente por retratar personagens de nível social médio-baixo. Neste sentido, o excerto acima demonstra-nos a representação da corrupção no seio angolano desta

¹³⁵ Pepetela. *Sua Excelência, de Corpo Presente*. p. 60-61.

¹³⁶ Benjamin Abdala Jr. "Notas sobre a utopia, em Pepetela". In *Portanto... Pepetela*. Org. Rita Chaves e Tânia Macedo. Edições Chá de Caxinde. Luanda. 2002. p. 204.

¹³⁷ Pepetela. *O Cão e os Caluandas*. p. 19-20.

camada. É de notar que estamos perante um cenário deveras pertinente, uma vez que a nível internacional, quando se fala da corrupção em Angola, principalmente através dos meios de comunicação em massa, pensa-se que é um problema apenas recorrente no mais alto escalão da sociedade, porém, conforme se pode observar, a realidade é que a questão da corrupção é um problema enraizado no cerne da sociedade deste país desde a sua génese enquanto nação, isto se considerarmos o facto de estarmos perante um livro representativo da sociedade angolana dos anos oitenta, momento representativo de uma sociedade que obteve a sua independência cinco anos depois.

A justificação apresentada na obra sobre o facto de a corrupção estar tão enraizada na sociedade angolana dá-se no quarto capítulo intitulado de “Acta”, em que nos é descrito que, de acordo com uma das personagens, a culpa é do colonialismo que falhou na parte da educação dos angolanos.

Perguntado pelo Cda Coordenador da Comissão Sindical, que presidia à reunião, porque não avisou a Direcção do seu desconfianço, o Cda Venâncio disse houve vários motivos. Como todos viam, ele era branco. Que teve medo de lhe acusarem de colono, porque estava a acusar sem provas. E que por outro lado tinha pena do Adriano, com família numerosa, explorado e humilhado no tempo colonial, porque a culpa no fundo não era do Adriano se queria aumentar o que ganhava na fábrica com o desvio de panos, mas do colonialismo que não tinha educado as pessoas.¹³⁸

À vista do que foi mencionado por parte das duas obras acerca da corrupção convém clarificar que estamos perante uma representação alegórica e literária da realidade angolana e para ser uma representação de algo é necessário que tenha uma base. Assim sendo, quais são as bases da corrupção que inspiraram e têm inspirado as narrativas pepetelianas?

Angola é um país que possui um sistema a que podemos chamar de cultura da corrupção. Tal como descrito nas duas obras, a corrupção não só acontece nos níveis mais altos da sociedade, mas também no seio da população de menor rendimento de vida, tanto que chega a ser comum ouvir-se histórias de alunos que subornam os professores para poderem transitar de ano letivo, ou então de agentes de trânsito que cobram um valor simbólico aos automobilistas em geral,¹³⁹ a fim de não os multar nem de os revistar para constatar se têm todos os documentos e materiais obrigatórios para circular na rodovia, ou ainda de pacientes que dão um certo valor simbólico (ou médicos que cobram um valor simbólico)¹⁴⁰ para terem um atendimento de maior privilégio dentro das clínicas e

¹³⁸ *Ibidem*. p. 36-37.

¹³⁹ Disponível em <https://novojournal.co.ao/sociedade/interior/policia-nacional-suspende-operacoes-stop-por-tempo-indeterminado-101031.htm>

¹⁴⁰ Disponível em <https://www.jornaldeangola.ao/ao/noticias/detalhes.php?id=404376>.

hospitais, etc., é por essas e outras razões não citadas que podemos concluir que em Angola se vive numa cultura da corrupção.

O jornalista angolano e ativista dos direitos humanos Rafael Marques é o que melhor aborda esta questão, sendo uma pessoa que desde muito cedo tem estado na vanguarda que luta para salvaguardar o bem-estar de todos os seus conterrâneos. Num artigo do jornal *Maka Angola*, Rafael Marques afirma que

Em Angola, a corrupção tornou-se um sistema de poder. Os outrora detentores do poder resolveram, como a melhor maneira de o manter, promover um sistema de saque dos bens públicos (e também privados). Com essa pedra-de-toque, o titular máximo do poder arbitrava as quantidades de saque permitidas e ao dispor de cada um. Assim, o polícia tinha toda a impunidade para exigir a sua “gasosa” ao cidadão, o ministro a sua comissão ao empresário e, mais acima, cada um dividia os espólios do país como queria. Este fenómeno de organização do poder político para o saque originou a “captura do Estado”.¹⁴¹

O maior caso de corrupção sucedeu-se no fim de 2019, numa investigação que veio a ser conhecida por *Luanda Leaks*, em que vários jornalistas de órgãos de informação de países distintos, incluindo Portugal, neste caso o Jornal *Expresso* e a *SIC*, cooperaram durante oito meses através do Consórcio Internacional de Jornalismo de Investigação (ICIJ), analisaram trezentos e cinquenta e seis gigabytes de dados que somam os documentos sobre os negócios de Isabel dos Santos entre mil novecentos e oitenta e dois mil e dezoito, revelando um esquema de desvio de cento e quinze milhões de dólares da petrolífera estatal Sonangol para a uma conta sua no Dubai e o esvaziamento de todo o saldo da companhia numa conta do EuroBic Lisboa, onde é a principal acionista, um dia antes da sua demissão. Em resposta, a procuradoria geral da república de Angola (PGR) decretou o arresto preventivo de contas bancárias pessoais de Isabel dos Santos, do marido, Síndika Dokolo, e do português Mário da Silva.

A corrupção está tão enraizada na sociedade angolana que o povo quase não se importa com isso, chegando mesmo a aceitar este problema como algo que faz parte da sua cultura, pois o conformismo com os problemas vividos é tanto que a população criou um *slogan* nacional “não liga, isso é Angola!”¹⁴², *slogan* esse que serve para incentivar a população a esquecer-se dos seus problemas, porquanto estão em Angola, e ali os problemas são normais.

¹⁴¹ Rafael Marques. *O perigo do excesso de normativismo do combate à corrupção*. Disponível em <https://www.makaangola.org/2021/06/o-perigo-do-excesso-de-normativismo-no-combate-a-corrupcao/>

¹⁴² Disponível em https://novojournal.co.ao//opinioao/interior/nao-liga-isso-e-angola---porque-aqui-e-normal-os-mambos-nao-funcionarem-e-nos-aceitarmos-e-pausarmos-uma-boa-36622.html?seccao=NJ_Opi.

Apesar de toda esta situação, nos últimos anos a população angolana tem vindo a ganhar mais consciência da forma como vive e tem procurado dar a sua opinião mais abertamente sobre a vontade de melhorar a sua situação; contudo, isso não fez com que a corrupção em Angola deixasse de existir, além de que ainda há medo entre a população de expressar na totalidade os seus desejos de melhoria e de serem subjugados pelos que detêm o poder em Angola, porém, conforme ressaltou Rafael Marques,

Os líderes angolanos subestimam a crescente tomada de consciência social sobre as consequências da corrupção no quotidiano dos cidadãos e ao mais alto nível. As forças militares, policiais e de segurança não são imunes às críticas do público. As condições deploráveis em que os oficiais intermédios, os soldados e os agentes policiais são obrigados a trabalhar estão a produzir uma linha de fractura, sobre a qual assenta a estabilidade do regime.¹⁴³

Um exemplo claro que ilustra a ideia do jornalista tem a ver com o trágico caso do médico que foi morto por um agente da polícia angolana por não usar máscara de proteção no seu carro.¹⁴⁴ Além disto, outras questões como o desemprego e a situação salarial do país acabaram por criar um ambiente de repúdio na população, culminando assim nas ondas de protestos públicos por cidadãos em Angola e na diáspora, o que não só demonstra uma maior tomada de consciência, mas também um aumento exponencial da união entre si.

3.1.3. Alegoria do governo de Angola

Podemos verificar a alegoria do governo angolano em *O Cão e os Caluandas* representado no primeiro capítulo (“Tico, o Poeta”) e no quarto capítulo (“O mal é da televisão”), capítulos estes que retratam sobre a situação do jovem governo de Angola após a independência.

Logo no primeiro capítulo da obra, deparamo-nos com Tico, um jovem parasita social e autointitulado de poeta que vive às custas do trabalho pouco rentável da mãe. Numa conversa com uma conhecida sua, Tico humoradamente goza com o facto de não haver eletricidade dentro das casas e aconselha que se usem os frigoríficos como cofres de sapatos.

- Contigo não dá mesmo para conselhar. Vou nas compras.
- Vai encontrar?
- Disseram-me ali tem uma bicha. Vou ver o que está andar a sair.
- Ali na esquina?

¹⁴³ Rafael Marques de Morais, “Corrupção em Angola, Branqueamento de Capitais em Portugal e Impacto sobre os Direitos Humanos”, *Maka Angola*, Luanda, 2013, disponível em <http://www.makaangola.org/wp-content/uploads/2013/05/CorrupcaoAngolaPortugal.pdf>.

¹⁴⁴Disponível em <https://www.dn.pt/mundo/medico-angolano-apanhado-pela-policia-sem-mascara-na-rua-morre-na-esquadra-12630867.html>.

- Sim, atrás do Banco.
- Geleiras, já vi.
- Geleiras? Sukua! Não tenho luz em casa.
- Compre na mesma, tia. Dá pra guardar os sapatos enquanto não tem a luz.
- Sempre a brincar, não é? Julgas eu vim do mato ontem? Meu pai já nasceu nesta cidade de Luanda...¹⁴⁵

Portanto, a partir deste excerto, e considerando o primeiro capítulo na sua totalidade, podemos fazer uma leitura alegórica que nesse caso seria o da pobreza refletido nas informações que obtemos sobre a falta de eletricidade e o desemprego, problemas que competem ao governo resolver, contudo, de acordo com o quarto capítulo “O mal é da televisão”, esses problemas não serão resolvidos tão cedo visto que os representantes do governo estão mais preocupados com a sua imagem do que com a resolução dos problemas do estado.

O capítulo “O mal é da televisão” em si serve como alegoria dos políticos angolanos, na medida em que se ocupam demasiado nas discussões dos problemas que afligem a sociedade do que na resolução dos mesmos, preocupados apenas com a sua imagem enquanto negligenciam o que é de vital importância e Pepetela sarcasticamente ilustra demasiado bem e com bastante humor toda essa situação como se pode observar no excerto a seguir:

- Possas! Já que queres, vou dizer-te, embora seja confidencial. Numa decidimos que vamos organizar um seminário de sensibilização para as massas. Claro que terei de ir abrir o seminário, fazer o discurso. Se calhar, também o encerramento. Mas aí pode ser que vá outro, duma estrutura superior.
- E mais?
- Noutra decidimos que a situação está difícil. Abastecimentos insuficientes, falta de transportes, etc... Conheces bem demais o que vai por aí.
- Portanto não descobriram nada de novo. Se foi para descobrir o que eu já conheço... E que decidiram?
- Que vamos fazer uma reunião mais ampla para analisar as causas objectivas e subjectivas e depois talvez fazer um seminário para se estudar as medidas a tomar.¹⁴⁶

Ainda neste mesmo capítulo também é refletida a pobreza que o governo negligenciou e, pelo que se pode perceber, só é rico quem entra em esquemas de qualquer tipo ou faz parte do governo, e António Radiador, por se negar a fazer parte de tais esquemas, leva uma vida paupérrima, sendo obrigado a viver debaixo de uma árvore:

“O António é um bom mecânico, mas tem dificuldades em trabalhar por falta de peças para os carros. Vai pois fazendo uns biscates, em baixo dum imbondeiro, que o deixam viver mas mal. Diz que podia enriquecer, se quisesse. Bastava entrar no esquema dos carros roubados. Aceitar desmontá-los para os refazer com outras carcaças. Ele é honesto e nunca aceitou entrar nisso. Continua pobre, como muitos.”¹⁴⁷

¹⁴⁵ Pepetela. *O Cão e os Caluandas*. p. 12-13.

¹⁴⁶ *Ibidem*. p. 44-45.

¹⁴⁷ *Ibidem*. p. 44.

Já no caso de *Sua Excelência, de Corpo Presente*, conforme se pode comprovar, o livro é holisticamente uma alegoria sobre o governo angolano. Aliás, audaciosamente pode-se dizer que o livro é uma alegoria ao sistema governamental “eduardista”¹⁴⁸ e, para tal, iremos dissertar com base nessa premissa.

Tratando-se a narrativa de uma obra alegórica não se pode esperar que esteja lá escrito que a obra se refere a José Eduardo dos Santos; contudo, o livro apresenta algumas semelhanças que simplesmente não se podem deixar de lado, semelhanças essas que tanto a relacionam com o ex-presidente de Angola, como com o seu governo em si, representados de forma a que com uma interpretação cautelosa se chegue a essa conclusão, sem implicar, no entanto, que essa tenha sido necessariamente a intenção do autor, porém, nota-se perfeitamente que é a partir deste enquadramento em que se baseia a história da obra.

Em primeiro lugar, importa-nos referir a semelhança do tempo governamental. De acordo com a leitura feita da obra pode-se concluir que se está na presença de um governo com mais de trinta anos, isto é, o ex-ditador detinha o poder daquela nação desde a sua entrada até ao seu último eterno “descanso”, e pode-se calcular esta cronologia através de Nhonho e de Isilda, os filhos favoritos do ex-ditador, dos quais que no decorrer da obra é possível acompanhar os seus crescimentos etários.

Enquanto o ex-ditador ia trabalhar ao seu quartel-general ou no Estado-Maior deixava Nhonho com os seus avós por este ser menor de idade, possivelmente teria nove anos quando o seu pai entrou na presidência quando ainda era um recém-casado com a Palanca Negra.

- Mas agora sou adulto. Tenho já mais de trinta anos e tu com dezasseis.
- A idade não interessa. A propósito, tenho dezoito, esqueceste?... Vieste do estrangeiro para a festa... (...) Pois, as idades tinham avançado, **o Nhonho já tinha uns trinta e dois anos, por aí. E ela dezoito.** Estou velho. Não agora, **pois esta cena tem muitos anos**, antes de ela ir estudar para a Alemanha, pouco antes, aliás. E ele já tinha regressado da Inglaterra.¹⁴⁹

¹⁴⁸ Relativo ao ex-presidente da República de Angola, José Eduardo dos Santos.

¹⁴⁹ Pepetela. *Sua Excelência, de Corpo Presente*. Publicações Dom Quixote. Alfragide, Portugal. 2018. p. 235-236.

A partir do excerto acima pode-se obter algumas revelações que ajudam o argumento proposto de que estamos perante um governo de longa data. Pois bem, partindo do pressuposto de que para ser-se presidente de um país é preciso que o candidato tenha mais de 35 anos e Nhonho foi um dos candidatos a substituir o seu pai na presidência¹⁵⁰, supõe que ele tenha uma idade maior à que é requerida para no mínimo ser nomeado, mas o nosso argumento baseia-se essencialmente no facto de que a cena narrada ter acontecido muitos anos antes do momento presente na obra.

No momento da narrativa Isilda já é uma mulher formada e trabalhadora no governo de seu pai e tinha dois filhos, o que indica que desde o sucedido narrado no excerto acima até a morte do ex-ditador já se tenham passado, pelo menos, dez anos, considerando que a discussão dos dois irmãos aconteceu antes de Isilda ter ido estudar numa universidade na Alemanha, que levaria no mínimo quatro anos e por esta ter um filho de seis anos¹⁵¹. Apesar disso, os nossos cálculos apenas concluem que Isilda teria no mínimo vinte e oito anos no momento da morte de seu pai, contudo isso só seria verdade se consideramos o caso mais extremo possível que é o de ela ter engravidado do primeiro filho e logo tenha voltado para o seu país, o que é muitíssimo improvável dado o seu perfil descrito na obra. Neste caso, decidiu-se arredondar a sua idade aos trinta anos no momento da morte do ex-ditador.

Ora, talvez quem leia o nosso trabalho dissertativo questiona-se onde é que se quer chegar com todas essas especulações sobre a idade dos filhos do ex-presidente morto e acontece que, de acordo com a informação que se obtém a partir da obra, Nhonho conheceu Isilda quando esta tinha dois anos de idade, e enquanto Nhonho nasceu quando o seu pai ainda trabalhava como militar, Isilda nasceu de uma relação extraconjugual quando o seu pai já era o presidente da república, e estas teorias suportam o nosso argumento de que estamos perante um ex-presidente que esteve no poder por mais de trinta anos, o que faz jus ao seu título de ex-ditador totalitarista.

Em virtude do que foi constatado em *Sua Excelência, de Corpo Presente*, convém demonstrarmos o porquê de esta obra ser uma alegoria do governo angolano eduardista.

¹⁵⁰ *Ibidem*. p. 211.

¹⁵¹ *Ibidem*. p. 227.

Tal como o ex-ditador, José Eduardo dos Santos também foi conhecido como um “casanova”, sendo progenitor de vários filhos com diferentes mães. Na obra, este tipo de situação é satirizado no ex-ditador, na medida em que o mesmo é apresentado como um namoradeiro com inúmeras amantes e ainda mais filhos

Até o papa, que devia ser mais lúcido e prudente, chegou a enviar um emissário camuflado para investigar se era verdade o mujimbo de eu ter uma dúzia de bastardos, como um pasquim divulgou. (...) Bastardos? Filhos. Sim, muitos filhos dispersos por várias mães. Não se deve deixar tudo para uma. É como o dinheiro no banco, não se põe inteiro numa conta única. Filhos, FILHOS, isso sim. Legalizados com o meu nome, batizados na capela do palácio com a família e a corte completa a testemunhar. Nunca tive vergonha de reivindicar honrosos feitos bélicos.¹⁵²

Tal como o ex-ditador, José Eduardo dos Santos ou Zédu (alcunha atribuída ao ex-presidente de Angola) também teve relações amorosas com uma grande figura internacional, do qual saiu um fruto, no caso de José Eduardo dos Santos, o seu amor foi a sua primeira esposa e xadrezista russa, Tatiana Kukanova, e desta relação nasceu Isabel dos Santos. Já no caso do ex-ditador, desconhece-se tanto o nome do seu amor internacional quanto o nome do fruto dessa relação, mas sabe-se apenas que é uma canadiana alta figura das nações unidas enviada no país com o intuito de averiguar se as eleições presidenciais são justas.

A canadiana já lá estava a fiscalizar o ato eleitoral. Na minha cama, televisão ligada. Foi esse o dia da conceção, tenho a certeza porque foi o único em que estivemos juntos, sozinhos. Ela disse levar para a sua terra recordações maravilhosas das eleições, tão justas e livres foram. Claro, carregou no ventre uma semente de luxo, sei o que valho, não me estou a gabar. A palanca acabou por saber do nascimento, mais tarde a mãe e filho vieram para o batizado. A primeira-dama não compareceu na cerimónia, emburrou.¹⁵³

Tanto o ex-presidente na obra, como o ex-presidente José Eduardo dos Santos ascenderam à presidência não por vontade própria, mas sim pela vontade e nomeação dos membros dos seus partidos que eles próprios não se podiam candidatar e que achavam que poderiam controlá-los. Observe-se este artigo do Jornal de Negócios onde um ex-membro do MPLA retrata sobre esta questão

¹⁵² *Ibidem.* p. 14.

¹⁵³ *Ibidem.* p. 20.

Justino Pinto de Andrade, que foi membro do MPLA e actualmente é líder do partido Bloco Democrático, pintou assim, em 2013, ao site esquerda.net, o processo de substituição de Agostinho Neto. "Passado o transe, começou então a falar-se insistentemente nas diversas hipóteses para ocupar o lugar deixado vago por Neto: Lúcio Lara? Ambrósio Lukoki? Pascoal Luvualu? José Eduardo dos Santos? José Eduardo dos Santos era demasiado enigmático. Pouco se lhe ouvia falar", uma característica que o ajudou. "Todos pensaram que facilmente poderiam influenciá-lo. Os outros potenciais candidatos à sucessão de Agostinho Neto possuíam perfis polémicos ou eram demasiado previsíveis." Enganaram-se. O transitório passou a definitivo e José Eduardo dos Santos acabou por se impor no intrincado tabuleiro estratégico angolano.¹⁵⁴

Tal como foi afirmado, tanto José Eduardo dos Santos como o ex-ditador chegaram ao poder através da vontade dos membros que detinham maior poder dentro do partido e que estavam impossibilitados de elegeram-se a si próprios, conforme é possível notar no excerto do nono capítulo, onde consta o seguinte:

— Queres mesmo saber. Tens direito... Bem, a verdade é que além de seres alguém com prestígio, que realmente tens, que é capaz de se atirar para a frente quando é preciso, tens uma coisa que nenhum de nós tem. Não tens rivais. Coisa que não acontece com todos nós que, por uma razão ou outra, andámos a criá-los ao longo das carreira. Unia-nos a necessidade de acabar com a autoridade do velho decrépito, mas cada um tem suas preferências e ambições. E inimigos. Portanto, és o único que, sem ser a primeira escolha, podes obter a unanimidade no nosso grupo. E é o nosso grupo que decide, como sabes. (...)
— Outra razão ligada com esta é que todos pensamos que podemos influenciar-te. O que é um motivo muito forte.¹⁵⁵

Mediante os dois excertos em comparação, bem como os outros pontos do nosso argumento, restam poucas ou nenhuma dúvida de que em *Sua Excelência, de Corpo Presente* estamos perante uma alegoria do governo angolano e, em particular, do governo de José Eduardo dos Santos, marcados pelo seu alto índice de corrupção, bem como medidas extremas e totalitaristas que caracterizaram o governo eduardista como sendo ditatorial dentro de uma democracia.

Além do que foi mencionado no parágrafo anterior, algo que é vitalício mencionar é o facto de ambos os presidentes terem deixado de lado as suas funções enquanto líderes estatais, apesar de se tornarem ex-presidentes por motivos completamente diferentes, o facto de o livro ter sido publicado em 2018, dois anos após José Eduardo dos Santos anunciar que iria abandonar o poder, é um grande detalhe que suporta o nosso argumento dissertativo.

¹⁵⁴ Disponível em <https://www.jornaldenegocios.pt/weekend/detalhe/o-adeus-de-jose-eduardo-dos-santos-38-anos-depois>.

¹⁵⁵ Pepetela. *Sua Excelência, de Corpo Presente*. p. 217-218.

Outro grande problema abordado nas duas obras e que tem a ver com a temática da má governação de Angola é sobre os média e em particular sobre o jornal impresso e a televisão no que tange ao código de ética do jornalismo angolano. Presume-se que o principal problema neste caso reside no facto de a maioria dos órgãos de comunicação deste país fazerem parte do estado diretamente, ou indiretamente, isto quando se tratam de órgãos de comunicação social privados que pertencem a certos elementos que fazem parte da elite dentro do governo de Angola.

Uma crítica clara aos jornais em Angola surge no décimo terceiro capítulo de *O Cão e os Caluandas*, onde temos a história de um operário que aspira a ser um pequeno-burguês para conseguir manter o seu esquema de extravio de materiais da fábrica alimentar onde trabalha, conforme pode-se observar no excerto:

Desculpe! Ah, está bem, já disse não é jornalista. Pois o sacana do jornalista veio, quando são precisos nunca aparecem, nunca que foram fazer reportagem na fábrica mostrar o nosso esforço a produzirmos prás massas populares, mas quando tem maka vêm logo só pra chatear. O que fez, claro, porque no dia seguinte o jornal tinha reportagem a acusar candonga na fábrica. Veja lá a sacanice! É por isso eu não posso com jornalistas...

Com a ODP e a Polícia, a confusão lá parou. As pessoas dispersaram, houve mesmo feridos evacuados no hospital. Roupas rasgadas pelo chão, nem falar. Eu vi kitandeiros quase nus a bazar dali, os panos todos ficaram. Uma tragédia. Ganhamos tão pouco e ainda temos de montar mais esquemas para revestir as nossas baronas. É isso mesmo a exploração.

O pior não foi nada disso. Foi mesmo aquele filho-da-puta do jornalista — um mulato, se o agarro... A reportagem obrigou a fazer inquérito. Veio gente do Ministério em Ladas e Fiats a investigar... Bom, claro, o inquérito deles não deu nada.... Dar deu, graças a mim!¹⁵⁶

Este trecho insere-se num capítulo onde além de conter uma súpil alegoria dos novos burgueses membros do MPLA que se tornaram chefes só por serem deste partido, também retrata sobre esta questão dos jornais ignorarem a maioria dos problemas sociais da sociedade, como a fome e o alto preço dos produtos alimentícios e o facto de se focar mais em questões poucos relevantes para a sociedade, como por exemplo a construção milionária de um metro de superfície¹⁵⁷ que possivelmente não terá qualquer impacto na maioria da população que sobrevive com um salário mínimo de vinte e oito euros, sendo que o bilhete custará dois euros¹⁵⁸, mais ou menos.

Nesta mesma obra, também é abordada a questão da imparcialidade jornalística, isto no capítulo décimo segundo no qual é contado pelo próprio autor/narrador sobre a

¹⁵⁶ Pepetela. *O Cão e os Caluandas*. p. 101-102.

¹⁵⁷ Disponível em <https://www.jornaldeangola.ao/ao/noticias/metro-de-superficie-tem-obras-em-janeiro/>.

¹⁵⁸ Disponível em <https://www.angonoticias.com/Artigos/item/68552/bilheteira-do-metro-de-superficie-preve-facturar-mais-de-mil-milhoes-usd>.

participação do cão pastor-alemão que involuntariamente ajudou o considerado pior grupo a vencer aquela edição carnavalesca, confira-se o excerto abaixo:

(...) O jornal da época reportava:

«[..]

No entanto, um acto que se pode apenas explicar pela negligência pequeno-burguesa da organização, veio tirar o lustre a tão importante acontecimento cultural. Um cão, ao introduzir-se no meio dos grupos carnavalescos, impediu estes de mostrarem a sua arte. E, sabe-se lá porquê, não o fez com o União Kianda da Corimba — talvez o dono estivesse no grupo. O União Kianda, sendo dos mais fracos, com uma canção corriqueira do dia-a-dia, foi assim o vencedor.

Outros grupos mais estruturados, mais corretamente trajados e, sobretudo, com canções de um conteúdo político, foram prejudicados.

Não se podem admitir casos destes num acontecimento tão vital para a nossa cultura, festa em que se homenageia a Vitória.

[...] Que se apurem as responsabilidades e se castiguem os negligentes. O Povo o exige! [...]

Mas a Televisão, que não fez comentários, só apresentou as cenas, permitia tirarem-se outras ilações, por exemplo a minha. Pelo menos via-se bem que o Povo não exigiu castigo, contrariamente ao que dizia o jornal(...).¹⁵⁹

Conforme se pode observar o jornal criticou bastante esta situação toda que ocorreu ao fazer juízo de valores, e chegou mesmo a inventar calúnias sobre o ato que não é mentira, como há provas de que o que escreveram não condiz com a realidade.

Já em *Sua Excelência, de Corpo Presente* no terceiro capítulo onde o ex-ditador morto continua com a sua narração do espaço e das pessoas que o rodeiam, como a esposa, os filhos, as amantes e os depois presentes naquela atividade fúnebre, bem como narra os seus golpes corruptos e formas de governar que o tornaram num ditador e é nessa narrativa em que nos deparamos com a primeira descrição da obra sobre o funcionamento dos órgãos de comunicação social dentro desta obra. Segundo o que pode ser lido, está-se perante um tipo de jornal “calunioso” que é criado somente com o objetivo de denunciar as ações do governo, ou de inventar eventos nunca ocorridos, conforme pode-se conferir no excerto abaixo:

Ele renunciou ao cargo e não resistiu ao sofrimento da perda. Morreu uma semana depois, não por doze punhaladas como César, nem com cicuta como Sócrates, mas por ataque de melancolia líquida, expressa em diarreia persistente. Assim falou o porta-voz dos médicos que o atenderam, diarreiou até se finar. Coitado do velho! Só queria que ele nos deixasse governar como a nação merecia e visse tranquilo os últimos tempos da sua longa vida. Apesar do nosso humanismo, pois não houve nenhum morto ou ferido na ação, planificada e executada com rigor, nem sequer mesmo uma ameaça muito forte a eventuais oponentes, tudo se passou na descrição dessas paredes, os jornais do partido rival logo gritaram ao morticínio, cresceram os números das supostas vítimas a cada edição que faziam, multiplicadas sempre por cem, até um velho que abandona a vida por ataque melancólico, uma semana depois de deposto, se traduzir em centenas de milhares

¹⁵⁹ Pepetela. *O Cão e os Caluandas*. p. 93-94.

de vítimas. Tanto esse pasquim e a rádio irmã berraram, que muita gente acreditou e até mesmo o *Financial* de Zurique chamou ao nosso golpe limpo um massacre.¹⁶⁰

Além disso, no quinto capítulo há a menção de os órgãos de comunicação do estados serem os que favorecem o governo¹⁶¹, isto porque são os que bendizem o regime e engrandecem, em oposição aos jornais privados ou particulares que ora estão a favor do governo totalitarista, ora estão contra eles, publicando notícias danosas.

Todas essas descrições sustentam o nosso argumento de que neste caso estamos perante uma alegoria crítica ao *Jornal de Angola*, isto porque este jornal, tal como muitos outros órgãos de comunicação social, pertence ao estado e todas as notícias que publicam correspondem sempre com a vontade do governo.

Um exemplo bastante claro que suporta o nosso argumento tem a ver com a vaga de manifestações que ocorreram em Angola durante os dois últimos trimestres do ano dois mil e vinte, manifestações essas que se devem ao desemprego e burlas de investidores, a corrupção e a impunidade, e o aumento salarial em Angola, chegando mesmo a haver confronto entre a população de manifestantes e a polícia nacional angolana, semelhante ao que ocorre no livro *Sua Excelência, de Corpo Presente*, conforme se pode observar no excerto abaixo:

— Um grupo de jovens preparava uma manifestação contra a corrupção e a falha na luta contra a pobreza — ouvi uma voz, cuja origem não reconheci. — Será isto?
— Isso foi ontem - respondeu outro desconhecido.
— Como sempre, a polícia caiu em cima dos manifestantes, não tinham pedido autorização para se reunirem. Mandaram uns tanto para o hospital com uns ossos partidos, outros para a cadeia, desfizeram a manifestação. Se desconseguiam de se reunir com o chefe vivo, iam fazer quando estamos a lamentar a sua morte? Querem gozo ou quê?¹⁶²

Durante uma das manifestações pacíficas contra a corrupção e o governo angolano sob o lema “Não é esta a Angola que sonhámos!”, esperava-se que houvesse algum tipo de cobertura jornalística por parte dos maiores órgãos de comunicação social de Angola como a Televisão Pública de Angola (TPA) ou o *Jornal de Angola*; contudo, tal não chegou a acontecer na TPA, nem no *Jornal de Angola* o que causou mais tristeza na população.

Durante este confronto com a polícia nacional, vários jovens saíram feridos e houve uma vítima mortal, de acordo com os ativistas sociais presentes no local, contudo tanto a

¹⁶⁰ Pepetela. *Sua Excelência, de Corpo Presente*. p. 67-68.

¹⁶¹ *Ibidem*. p. 115.

¹⁶² *Ibidem*. p. 254.

polícia nacional quanto o jornal de Angola afirmam que não houve nenhuma vítima mortal¹⁶³, apesar das provas publicadas na internet, bem como o lamento da família do malogrado.¹⁶⁴

Toda esta situação cá mencionada sobre o *Jornal de Angola* vai contra os primeiros cinco artigos do código de ética e deontologia dos jornalistas angolanos¹⁶⁵ que retratam sobre relatar os factos com rigor e exatidão, lutar contra a autocensura e as restrições às fontes de informação, não abusar da boa-fé da população e assumir as responsabilidades com o seu trabalho.

3.2. Diferenças alegóricas

3.2.1. Diferenças alegóricas entre os protagonistas

No seu livro *A Construção da Personagem Romanesca*¹⁶⁶, Cristina Vieira discorre sobre alguns elementos necessários para a construção de uma personagem, dirigindo os seus estudos essencialmente nos aspetos linguísticos, retóricos, axiológicos e os semiótico-contextuais. Neste trabalho iremos focar-nos apenas num dos processos analisados pela ensaísta, o processo axiológico, especificamente do critério axiológico, que, segundo Vieira, “o eixo avaliativo estrutura-se para o romancista como uma dualidade de polos dicotómicos (o positivo ou eufórico e o negativo ou disfórico).”

Ao analisarmos alegoricamente os personagens protagonistas das duas obras com que nos ocupamos, não pudemos deixar de reparar que ambas apresentam características listadas no ensaio, em particular a positivização polarizada e a negativização polarizada (a euforização e a disforização¹⁶⁷), ou seja, em *O Cão e os Caluandas*, o cão apresenta características “tão positivas que esta se encontra como que num estado de graça”, enquanto que em *Sua Excelência, de Corpo Presente*, o ex-ditador morto apresenta, neste caso apresentava, “uma estrutura axiológica fortemente negativa”, devido à sua característica maquiavélica ou vilanesca.

A nossa asserção parte do princípio de que estes dois protagonistas representam respetivamente nas suas obras ideias polarizadas que sustentam o conceito de que estão a alegorizar.

¹⁶³ Disponível em <https://www.jornaldeangola.ao/ao/noticias/policia-nacional-frustra-tentativa-de-manifestacao/>.

¹⁶⁴ Disponível em <https://www.dw.com/pt-002/angola-morreu-jovem-angolano-ferido-na-cabe%C3%A7a-durante-manifesta%C3%A7%C3%A3o-em-luanda/a-55579481>.

¹⁶⁵ Disponível em <https://cce.ao/ao/codigo-deontologico/>.

¹⁶⁶ Cristina Vieira. *A Construção da Personagem Romanesca*. Edições Colibri. Lisboa. 2008.

¹⁶⁷ Termos cunhados pela autora com objetivo de distanciar-se dos sentidos de estados de euforia e disforia.

No caso de *O Cão e os Caluandas* o protagonista, neste caso o cão, representa a ideia de salvador ou de herói, disposto a sacrificar-se pela ideia de um bem maior, e pode-se confirmar isso em vários momentos da obra.

O cão dentro da literatura universal desempenha vários papéis de acordo com o género literário da obra. Eduardo Viana da Silva discorre sobre o papel ou simbolismo do cão na literatura universal afirmando que o cão tanto representa o insulto como a fidelidade.

No caso do insulto, Michael Ferber demonstra como na Bíblia “cão” era sinónimo de “sodomita” e como nos clássicos gregos a palavra “cão” e os seus derivados lexicais para adjectivar as mulheres num sentido promíscuo¹⁶⁸. E no caso da fidelidade, Viana da Silva afirma que até aos dias de hoje, *fido*, palavra que deriva de fidelidade em italiano, é usado como nome carinhoso para os cães, sendo que o ensaísta aborda sobre a obra *Quincas Borba*, de Machado de Assis, o mesmo destaca que neste caso o cão Quincas Borba além de ser descrito como um humano também “é duplamente amigo”, tendo em conta o facto do cão ser o melhor amigo do homem¹⁶⁹.

O cão nas diversas culturas mundiais representa diversos papéis, sendo mais notável o seu papel de guias espirituais dos seres humanos depois da morte ou guardião dos portões do submundo, como é o caso do deus canino Anúbis na mitologia egípcia e de Cérbero na mitologia grega.

Tal como Viana da Silva, Maria Teresa Salgado também partilha a ideia do papel dicotómico dos cães, contudo, no caso da ensaísta, os cães podem representar a ideia de herói, como no caso da cultura dos Bantu ou a de figura imunda, como no caso das religiões muçulmanas e cristãs.

Em *O Cão e os Caluandas*, o cão assume vários papéis, de acordo com a interpretação dos vários personagens com quem convive; contudo, a nossa opinião é que o heroísmo seja o papel que melhor o assenta. Maria Teresa Salgado alude sobre o papel heroico do cão ao ilustrar como

O cão desmascararia “Tico, o poeta”, pretendo intelectual revolucionário, mostrando que ele é, na verdade, um parasita social. O cão revelaria como “o primeiro oficial”, supostamente defensor do sistema, deixa-se corromper por esquemas e trocas de favores.

¹⁶⁸ Michael Ferber, apud. Eduardo Viana da Silva. *Um zoológico de significados: a função dos animais em alguns textos de Machado de Assis*. p. 140. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/262650387_A_zoological_of_meanings_the_function_of_animals_in_some_texts_by_Machado_de_Assis/fulltext/03908da80cf26e6d78517996/A-zoological-of-meanings-the-function-of-animals-in-some-texts-by-Machado-de-Assis.pdf

¹⁶⁹ *Ibidem*. p. 141.

O cão desvelaria o racismo e o tribalismo, no relato “Luanda assim nossa”. O cão exibiria um ex-militante, agora membro do governo, preocupado apenas com a sua imagem, comportando-se com rispidez, agressividade e radicalismo em relação à própria família, em “O mal é a televisão”.¹⁷⁰

Por outras palavras, o que defendemos aqui é essencialmente a narrativa de que o cão representa alegoricamente o autor que, intencionalmente ou não, auto retrata-se como o herói que desmascara os problemas sociais que coabitam na sociedade angolana, como por exemplo, os aspetos insólitos, além de representar de igual modo o conceito de sábio que já referimos no capítulo anterior e que também foi referido por Robson Dutra (ver o preâmbulo do 3º capítulo), contudo, contrariamente ao “sábios” dos outros livros pepetelianos, em *O Cão e os Caluandas* o cão não se restringe neste tropo ou nesta alegoria, ou seja, o cão decide entrar em ação ao focar todas as suas energias na resolução de um problema que acabaria por destruir a sua nação. O que se está aqui a retratar é o caso da luta entre a buganvília e o cão, e a ideia que representa, neste caso a luta contra um estado opressor, representando uma dicotomia entre o bem e o mal, isto porque, no caso da árvore,

vemos que ela se relaciona com o cão, na medida em que o seu crescimento é cada vez mais inquietante para ele, que passa a odiá-la. Ao pensarmos que o animal não se liga a personagens corruptas ou venais, podemos pensar que a árvore poderia remeter a tudo de mal que o corpo social daquele período apresentava, ao contrário do cão que procurava por valores autênticos.¹⁷¹

Em suma, toda esta luta contra a buganvília e o seu heroísmo no decorrer da obra sem pedir nada em troca ou, por vezes, sem ninguém notar tornam o cão numa personagem que vai evoluindo intensamente a sua característica até ao que Cristina Vieira chama de positivização escalar ou escalarização¹⁷².

Por outro lado, em *Sua Excelência, de Corpo Presente* o protagonista é completamente o oposto do cão pastor-alemão d’*O Cão e os Caluandas*, ou seja, está-se diante de um protagonista anti-herói a que podemos classificar como disfórica de acordo com os critérios estabelecidos por Vieira, além disso, devido à gradação dos seus atos no decorrer da obra, presume-se que o protagonista desta obra esteja no processo da negativização polarizada ou da disforização porquanto, mesmo após descobrir que estava morto e que ainda possuía algumas das suas habilidades sensoriais e outras extrassensoriais, o ex-ditador morto não mudou de valores morais para mais positivos,

¹⁷⁰ Maria Teresa Salgado. “O Cão e os Caluandas: O texto, o leitor e o mundo” in Rita Chaves e Tânia Macedo (org.). *Portanto... Pepetela*. Luanda. Edições Chá de Caxinde. 200. p. 300.

¹⁷¹ Tânia Macedo. “A crítica de Pepetela” Prefácio, In PEPETELA. *O cão e os caluandas*. São Paulo: Kapulana. 2019. [Vozes da África]. Disponível em: <https://www.kapulana.com.br/a-critica-de-pepetela-tania-macedo/>

¹⁷² Cristina Vieira. *A Construção da Personagem Romanesca*. Edições Colibri. Lisboa. 2008. p. 405.

pelo contrário, a sua axiologia piorou precisamente por estar morto e já não ter que responder a ninguém.

No entanto, entre os presentes, quem não mete bens do Estado no bolso? Só as crianças, inocentes. Por enquanto. Basta crescerem um pouco... O que é de todos (o Estado) não tem dono, pode ser cassumbulado, ideia persistente e que ultrapassa este país, atingindo o continente e outros. Os críticos do meu regime nos chamam a todos de corruptos oportunistas, aproveitadores. Gostaria de os ver embriagados pelo poder que de facto possuímos. Ainda roubavam mais, ao pé deles seríamos considerados arcanjos. Só criticam porque estão longe do favo de mel. Portanto, não me chateia o hábito do Estêvão encher os bolsos. O problema é dar nas vistas, nem saber ocultar a mão entrando no cofre do ministério. Noutros cofres também, mas não tão literalmente.¹⁷³

Portanto o que se pode verificar no excerto supracitado é que se está perante um dos pensamentos do ex-ditador morto que informa sobre a sua opinião quanto ao nepotismo e a corrupção de um parente seu. É então óbvio que não houve qualquer progresso nos seus valores até ao momento da sua morte.

As campanhas eleitorais eram caras, mesmo para escolhas viciadas, cada vez mais difíceis. Só com muito dinheiro se ganhava com certeza. Derrotar o inimigo por se ter o bolso mais recheado sempre foi a melhor estratégia. Por isso achei ser, sim, o momento de criar e fazer engordar tais empresas do partido, com benefício não só da organização, mas de todos nós que teríamos quotas nessas empresas, mais ou menos, conforme a importância política de cada um.

Assim todos ficavam contentes e solidários, defendendo com unhas e dentes o que era seu.

Foi nessa altura que a maldita doença me pegou, nem deu tempo para nada. Oportunidade perdida.¹⁷⁴

Contudo, é precisamente por estar morto que nada importa, aliás, tal como diz o próprio protagonista,

Neste momento não é relevante. Nem o que realmente se passa no salão. Vejo, constato, recordo cenas, mas para usar uma palavra mais forte, estou-me cagando. Os vivos que se chateiem e até considerem má educação. Já não me podem mandar castigar, apenas julgar moralmente.¹⁷⁵

No decorrer da narrativa, o ex-ditador morto trata a situação em que se encontra, não tanto como um infortúnio, mas mais como uma situação tragicómica, fazendo uso do seu passamento físico para tecer os seus verdadeiros pensamentos sobre as pessoas ao seu redor bem como fazer uso da sua capacidade extrassensorial para garantir que as suas ordens *post mortem* sejam cumpridas através de um intermediário, o seu agente-de-um-olho-só.

— Tudo controlado, chefe — me transmitiu ele sem mover um lábio nem fazer estremecer uma bochecha. — Compreendo quando quer entrar em contacto comigo, até consigo ler algumas perguntas. Não tem sucessor nem designado nem calha. Antes pelo contrário,

¹⁷³ Pepetela. *Sua Excelência, de Corpo Presente*. p. 18-19.

¹⁷⁴ *Ibidem*. p. 61.

¹⁷⁵ *Ibidem*. p. 24.

parece tudo enalçado. Ainda não começaram a apontar as armas uns aos outros, mas poderão fazer. O que aumenta as possibilidades do seu filho Nhonho. Estou a trabalhar com o Vidal, ele só sonha com passar metade do ano na Flórida e a outra parte em Cancun, já cumpriu o seu dever de patriota, segundo me disse. Mas primeiro instala o seu filho no poder. Pelo menos foi o que me garantiu, quando o encostei a uma daquelas paredes, mas o chefe sabe, não tenho total confiança na palavra do Vidal, já nos pregou algumas partidas.¹⁷⁶

Todos os seus defeitos, o nepotismo, a corrupção, o machismo, o oportunismo e a sede de poder, tornaram-se mais agudos após a sua morte, não por intermédio das suas ações, mas sim pelas suas opiniões e comandos, e tudo isso contribui para o facto de considerarmos que a sua posição axiológica enquanto personagem fictícia insere-se dentro do processo da negativização polarizada, para ser mais preciso insere-se no processo da negativização escalar, tendo em conta que, e concordando com Cristina Vieira, “a negativização escalar depende da escalarização do que é entendido como vício”¹⁷⁷.

Tal como já referimos quando abordamos a ideia de o ex-ditador ser baseado em José Eduardo dos Santos, também concordamos com o facto de que este personagem foi criado com objetivo de alegorizar todos os ditadores dos países africanos totalitários mascarados de democráticos e, enquanto alegoria de um ditador totalitário, a mensagem fica ainda mais clara quando juntamos este facto com a nossa ideia de que estamos perante uma alegoria de José Eduardo dos Santos e do seu governo, isto se considerarmos o que é narrado na obra e compararmos com a realidade vivida em Angola durante o governo eduardista, bem como a atual presidência de João Lourenço.

De acordo com a *Freedom House*, Angola pode ser considerado um país não livre, ou seja, um estado totalitário disfarçado de democracia, atribuindo ao país uma pontuação de 30 valores em 100, dos quais de zero a quarenta o país obteve apenas dez valores nos direitos políticos e vinte e um no caso da liberdade civil, isto de zero a sessenta pontos.¹⁷⁸

Esses valores são baseados nos seguintes critérios: (1) separação de poderes dentro do governo; (2) se há condições no terreno onde os direitos políticos e as liberdades civis são significativamente diferentes dentro do país ou comparando com outros países relevantes; (3) se o território está sujeito a constantes tensões populares ou diplomáticas por autonomia, independência ou incorporação a outro país; (4) se os limites do território são suficientemente estáveis para permitir uma avaliação das condições para o

¹⁷⁶ *Ibidem.* p. 125.

¹⁷⁷ Cristina Vieira. *A Construção da Personagem Romanesca*. p. 405.

¹⁷⁸ Para a obtenção de um relatório mais detalhado consultar o sítio da *Freedom House*, disponível em <https://freedomhouse.org/country/angola/freedom-world/2021>.

ano em análise, e se se pode esperar que permaneçam estáveis nos anos vindouros para que as comparações ano a ano sejam possíveis; (5) e se o território é grande ou politicamente significativo. A *Freedom House* normalmente não toma posição sobre disputas territoriais ou separatistas como tais, focalizando em vez disso o nível de direitos políticos e liberdades civis de uma determinada área geográfica.

Além disso, estes dados refletem o governo angolano, nas suas duas últimas presidências, a fim de obter uma classificação que melhor condiz com a realidade. Apesar do governo de João Lourenço demonstrar progressos na gestão de Angola, principalmente considerando a sua luta contra a corrupção e o desemprego, o país está longe de ser o paraíso socialista que aspira ser.

Tal como vimos na primeira secção do terceiro capítulo, o país passou por uma onda gigantesca de protestos nacionais, alguns pacíficos outros nem tanto assim, de maneira que houve confronto entre a polícia nacional e a população, o que sustenta a ideia de um governo totalitário. No entanto, o problema que mais surpreendeu o país foi o “Caso Lussaty”, em que um major com fortes ligações à Casa do Presidente da República de Angola é acusado de fazer parte de um esquema de corrupção e fraude.

Segundo o Jornal de Angola,

O trabalho de investigação jornalística apresentado pelo jornalista Cabingano Manuel expõe ao pormenor todos os esquemas fraudulentos e enriquecimento ilícito de Pedro Lussaty, com prejuízos avultados aos cofres do Estado.

No primeiro episódio, a TPA apresentou com exclusividade revelações inéditas de uma operação liderada pelo Serviço de Informação e Segurança do Estado (SINSE) e Serviço de Investigação Criminal (SIC), que visou recolher à mesa de um "banquete milionário", alegadamente com o envolvimento de algumas altas patentes da Casa de Segurança do Presidente da República.

A TPA relatou que ação inicial teve como destino o Condómino Imbondeiro, Talatona, onde Pedro Lussaty possui um apartamento. Na residência, os oficiais de investigação encontraram 19 malas com milhões de dólares, kwanzas e ainda 21 caixas seladas com mais de meio bilião de kwanzas.

"Só em kwanzas Major tinha no apartamento 800 milhões. Contas feitas, levando em consideração que Angola tem aproximadamente 30 milhões de habitantes, com 800 milhões de kwanzas dava para pagar quase um salário mínimo à todos os angolanos", relatou a TPA.

Ouvido pela reportagem, o jurista Bernardo Milonga sublinha que a dimensão do dano causado à esfera do Estado "leva em crer que se está diante de uma associação criminosa"¹⁷⁹.

¹⁷⁹ SN. “Pedro Lussaty: O “Banquete” do misterioso Major das malas milionárias”. *Jornal de Angola*. Luanda. Edição de 01/06/2021. Disponível em <https://www.jornaldeangola.ao/ao/noticias/pedro-lussaty-o-banquete-do-misterioso-major-das-malas-milionarias/>.

Toda esta situação fez com que houvesse uma situação de preocupação por todo o país, sendo que os críticos e alguns partidos da oposição consideraram que este caso “demonstra a gravidade que atingiu o problema da corrupção em Angola”¹⁸⁰, na medida em que este caso não só revela a fragilidade tanto da Casa do Presidente da República, como também “a fragilidade com o processo de combate à corrupção está a ser levado”.

3.2.2. A alegoria da sociedade angolana

Até agora abordamos os aspetos alegóricos que ambas as obras têm em comum ou que as distinguem, além disso pudemos também mostrar como cada um destes aspetos se relacionam com a realidade angolana que as mesmas querem representar. Seguindo esta linha de pensamento, neste último ponto iremos retratar as obras num ponto de vista mais generalizado, isto é, iremos analisar as obras na sua plenitude, com base no que elas querem representar, suportando-nos nesta ideia de que as obras representam Angola, mais concretamente a representação dos principais problemas da sociedade Angola.

Primeiramente focar-nos-emos na questão do racismo interno ou do tribalismo, que, das duas obras em análise, é apenas abordado em *O Cão e os Caluandas*. Antes de tudo, considerámos substituir o termo “tribalismo”, referente aos problemas interétnicos vivenciados em Angola, por discriminação interétnica, isto porque, no nosso entender, o uso do termo “tribalismo” tem vindo a ser considerado pejorativo devidos às suas origens¹⁸¹. Na obra *O Cão e os Caluandas* a discriminação interétnica pode ser observada no terceiro capítulo intitulado “Luanda assim, nossa” onde um homem afirma que o problema de Luanda são as pessoas que migraram para lá em busca de melhores condições de vida, com particular desdém pelos “malanjinios”, isto acontece devido a uma confusão que houve numa igreja, segundo o narrador deste capítulo epistolar o problema está na diversidade étnica que há em Luanda, conforme se pode ver no excerto a seguir:

É isso, não há outra definição. A maka foi fruto de ressentimentos antigos deles que ainda hoje estão vivos; os malanjinios escondem, mas esperam a desforra. Digo-lhe, deixem os malanjinios tentar levantar a cabeça que lha cortamos de vez. Depois da maka acabar, ficámos amigos. É a única exceção que faço, é o Malaquias. Porque em minha casa nem cão, nem gato, nem malanjino.

-Luanda não é cidade para cão andar. É uma confusão. Vou tomar conta dele - disse o meu amigo.

¹⁸⁰ S/N. ““Caso Lussati” demonstra o nível de gravidade que atingiu o problema da corrupção em Angola”. *Club K*. Luanda. Edição de 04/06/2021. Disponível em https://club-k.net/index.php?option=com_content&view=article&id=44637:caso-lussati-demonstra-o-nivel-de-gravidade-que-atingiu-o-problema-da-corrupcao-em-angola&catid=23:politica&lang=pt&Itemid=641.

¹⁸¹ O que está em torno deste problema terminológico é o facto de este ter sido usado pelos colonialistas para designar pejorativamente as sociedades africanas, ou seja, eles usavam este termo para referir-se aos povos africanos e aos seus grupos étnicos, insinuando um grau de inferioridade e subdesenvolvimento comparando com os europeus. Ver Serrano e Waldman. *Memória d’África: A temática africana em sala de aula*. 2^a. Ed. Cortez Editora. São Paulo. 2008. p. 118.

Todos falam mal da nossa cidade e lá estava o Malaquias inocentemente a pôr isto direito. Desde que o colono bazou, passou ainda pouco tempo. Mas como querem que se ponha esta Babilónia em ordem se aqui vivem malanjinós, ilhéus, ambakas, umbundos, quiocos e até mesmo mulatos? Dos brancos já nem se fala, é uma confusão de brancos de vários cambiantes, angolanos (dizem!), suecos, franceses, soviéticos, brasileiros, cubanos, portugueses... Uns mais rosados, outros mais tismados... E se falar nos kikongos que sonham tornar Luanda na nova capital do novo Reino do Kongo (julga que não lhes conheço os intentos?). E os lingalas então, os recentíssimos angolanos? Isto é uma Babilónia ingovernável, uma Terra de Babel. Os esgotos não funcionam, as ruas parecem queijos, as árvores imitam as ovelhas da Europa, tosquiadas rentes, os ratos confundem-se com coelhos, os passeios sujos, os prédios a feder de podres, a luz elétrica sempre com falhas, os jardins mortos. De quem é a culpa? A gente não trabalha, dizem os não filhos da terra. Mas nós, os genuínos, sabemos que o problema reside na diversidade da população.¹⁸²

O excerto selecionado reflete o problema da discriminação étnica vivida em Angola antecedente à chegada dos colonizadores portugueses, ou seja, antes mesmo de existir Angola enquanto país. No excerto podemos analisar que o emissor da carta menciona que se trata de ressentimentos antigos, isto porque na origem de Angola estão vários grupos etnolinguísticos, alguns dos quais mantinham relações de hostilidade entre si, tendo sido amalgamados dentro de uma linha imaginária que posteriormente se tornou no território nacional angolano, durante o processo de delimitação e divisão territorial entre os colonizadores.

Durante este processo de divisão territorial em África, mais conhecido como “A Partilha de África”, não se levou em consideração o facto de existirem grupos etnolinguísticos inimigos ou que pertencem a diferentes reinos, e obrigando-os a se tornarem parte de um só povo, o povo da África ocidental portuguesa, que mais tarde veio dar origem ao povo angolano. Francisco Cambanda explica melhor a dimensão deste problema na sua tese de doutoramento, afirmando que

Para a África e para os africanos, e mesmo para o mundo ocidental, pensamos ser ponto assente que os graves problemas que ocorrem na maioria dos países africanos, de uma forma geral, têm as suas raízes e parte das suas responsabilidades no sistema colonial, e muito em particular na Conferência de Berlim, ocorrida no fim do século XIX. A divisão “a régua e esquadro” do continente, não respeitando os diferentes grupos étnicos, culturais e linguísticos, criando fronteiras irrealistas, será a causa razoavelmente mais remota e ainda hoje mais importante dos conflitos em África, sendo por isso a partilha da África, a divisão dos territórios africanos pelas principais potências europeias durante a conferência de Berlim, a principal consequência do colonialismo. Nos períodos subsequentes, as divisões etno-tribais, acentuadas pelas potências coloniais europeias nos mais diversos países colonizados, seguindo o princípio de “dividir para reinar”, opondo povos do Norte aos do Sul e vice-versa, subalternizando alguns grupos étnicos e submetendo de forma violenta outros, no interior de cada país, deve plausivelmente ser a causa mais próxima dos problemas.¹⁸³

¹⁸² Pepetela. *O Cão e os Caluandas*. p. 30-31.

¹⁸³Francisco Cambanda. *A Questão Étnica como Fator de Estabilidade do Processo Político e do Desenvolvimento Socioeconómico em Angola*. tese de doutoramento em sociologia económica e das organizações. Universidade de Lisboa. Lisboa. 2015. p. 95. Disponível em <https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/10592/1/TD-FDC-2015.pdf>.

Contudo, não podemos simplesmente usar este facto como justificação de todos os problemas vividos em Angola, conforme fazem alguns governantes em prol dos seus projetos pessoais, conforme afirma Francisco Cambanda.

Ainda assim, resta-nos deixar claro que o problema da discriminação interétnica é algo que aflige a população angolana até aos dias de hoje, tanto que em 2019, quando o músico angolano Yannick Afroman ganhou a edição do “Top dos Mais Queridos em Angola” do ano em referência com a música “Eu sou Bakongo”, o cantor recebeu muitos louvores por parte da população, principalmente por parte dos Bakongo, que são os que mais têm sofrido com toda esta situação. Segundo a notícia do *Voice Of America* o músico lançou a sua música em referência à importância da valorização da cultura e das tradições angolanas, tendo o cantor afirmado que o objetivo desta música é o de “[...] combater o processo discriminatório que ainda vivemos contra quem nasceu nas províncias de Cabinda, Zaire e Uíge. Bakongo é o orgulho do resgate dos valores culturais africanos.”¹⁸⁴

Um outro problema de discriminação interétnica tem a ver com a discriminação linguística, também conhecida por discriminação etnolinguística ou preconceito linguístico que é o

juízo depreciativo, desrespeitoso, jocoso e, conseqüentemente, humilhante da fala do outro ou da própria fala. O problema maior é que as variedades mais sujeitas a esse tipo de preconceito são, normalmente, as com características associadas a grupos de menos prestígio na escala social ou a comunidades da área rural ou do interior.¹⁸⁵

Um exemplo claro de preconceito linguístico é o caso que envolveu o Secretário de Estado para a Saúde Pública do Ministério da Saúde da República de Angola, Franco Mufinda, que, durante um dos seus anúncios sobre a situação pandémica do Covid-19 em Angola na Televisão Pública de Angola, pronunciava palavras como “chechento” em vez de seiscentos e sujeto/suspeto em vez de sujeito/suspeito.¹⁸⁶

Franco Mufinda é natural da província do Moxico, leste de Angola, na qual a maior parte dos habitantes dessa província pertence ao grupo etnolinguístico *tucokwe* ou *cokwe*, que abrange também as províncias das Lundas, norte e sul, os mesmos têm como língua o *ucokwe* ou *cokwe*. Esta língua tem um sistema diferente da língua portuguesa, pois não

¹⁸⁴ S/A. ““Eu sou Bakongo” o canto de Yannick Afroman”. *Voice Of America Português*. Edição de 13/10/2019. Luanda. Disponível em <https://www.voaportugues.com/a/eu-sou-bakongo-yannick-afroman/5122040.html>.

¹⁸⁵ Marta Scherre. *O Preconceito Linguístico Deveria Ser Crime*. Revista Galileu. S/D. Disponível em <http://revistagalileu.globo.com/Revista/Galileu/0,,EDR87198-7962,00.html>.

¹⁸⁶ As explicações linguísticas para esta parte do trabalho foram influenciadas pela tese de Xavier Chipuleno Ualhanga. cf. Xavier Chipuleno Ualhanga. *Antroponímia na língua cokwe (Lunda-Norte)*. Universidade Nova de Lisboa. Lisboa. 2017. Disponível in <https://run.unl.pt/bitstream/10362/21952/1/XAVIER-Disserta%C3%A7%C3%A3o%20de%20Mestrado-29.06.2017.pdf>.

pertence à família neolatina como o português, daí as interferências que tanto uma língua pode causar noutra língua.

Em cokwe, o plural encontra-se no princípio da palavra, ou seja, podemos notar a diferença de números numa palavra através da mudança que ocorre nas primeiras letras, por exemplo, **mufu**- singular morto, **afu**- plural mortos, diferente do português que é uma língua sufixada onde o plural, normalmente, é marcado por um “s” final. Outra diferença notória é que nesta língua, a consoante “c” corresponde ao som /tò/, ou seja, se tivermos “Ca” lê-se/tòa/ e o mesmo acontece com a junção da consoante “c” com qualquer outra vogal, por isso escreve-se cokwe e lê-se /tòokwe/.

Portanto, indo para a abordagem do caso do Dr. Franco Mufinda, o problema está na pronúncia do ditongo “ei” e é, também, importante salientar que estamos perante um processo de monotongação.

No caso de sujeito para “sujeito”, na pronúncia, há a omissão da semivogal /i/. Esse fenómeno acontece porque não existem ditongos na língua cokwe, fazendo com que as pessoas que a têm como língua materna tenham dificuldades em falar ou pronunciar palavras que contenham ditongos, principalmente, os orais. Já no caso de seiscentos, há uma mudança da fricativa sibilante alveolar /s/ para uma sibilante pós-alveolar /ò/ por influência desta última.

Com essa explicação linguística queremos afirmar que o facto de o Dr. Franco Mufinda como ter o cokwe como língua materna, faz com que haja essas dificuldades em pronunciar as palavras “sujeito, suspeito e seiscentos”, pois dentro do processo de construção da sua personalidade linguística, não há um contato com ditongos dentro sua realidade linguística de base até à introdução da língua portuguesa.

Portanto, com base nestes casos de discriminação interétnica não se pode negar a conexão entre a obra e a realidade que a mesma pretende representar a partir deste problema satirizado por Pepetela.

Quanto ao problema do desemprego em *O Cão e os Caluandas* é abordado no décimo quarto capítulo sobre os “Regressados”, um grupo de sete angolanos que regressaram do Zaire após terem se refugiado naquele país como forma de escapar à guerra; contudo, depois de regressarem ao país vêem-se impossibilitados de conseguir emprego tanto por falta de vontade sua como por culpa do sistema burocrático que não valoriza os seus diplomas ou experiências.

8.º R (sorrindo) - Viste-me? Fui à Universidade para ver o caso do diploma. Eles lá disseram que eu deveria fazer exames, para provar que o diploma é verdadeiro.

3.º R - E aceitaste?

8.º R - Claro. É uma chance. Posso mostrar que sei mesmo medicina. Não tenho medo dos exames.

3.º R - Mas isso é abuso! Então um tipo apresenta um diploma ainda tem que fazer exame? Eu nunca aceitaria!

8.º R - Porque o teu diploma é falso. O meu não é. Não tenho medo do exame. Mas então quando saí, um cão pastor-alemão, desses grandes, abordou-me. Andou toda a manhã comigo, dum lado para o outro. Um cão porteiro.

[...]

— 7.º R - Só às vezes.

3.º R - Então? Eu vi um dia vocês a trabalhar. Os dois a carregar um motor bem pesado. Macacos, segurem bem isso, não têm força? E os dois a morrerem de fome. Mentira ou verdade?

4.º R - Sim, o belga explorava-nos.

8.º R - E viviam melhor que aqui?

2.º R - Trabalhavam mesmo duro assim? E então aqui porque não vão trabalhar embora numa oficina? Se vocês conhecem a profissão...

7.º R - Chega de exploração lá. Aqui não aceito.

1.º R - Lá na bicha do emprego, há desses trabalhos. Para a construção, para arranjar as ruas, para as oficinas. Eu não aceito, porque sou fraco do peito e tenho diploma. Mas vocês podiam ir lá na bicha do emprego. Logo no primeiro dia arranjavam um trabalho que conhecem.

7.º R - Eu já disse. Chega de exploração.

8.º R - Aqui na terra, para vocês, trabalhar é ser explorado. Preferem ficar nas bichas do cinema ou do futebol, comprar bilhetes para revender mais caro. Isso é vida?

4.º R - Cansa menos.¹⁸⁷

O assunto narrado no excerto acima reflete o que é vivido em Angola. De acordo com o Instituto Nacional de Estatística de Angola, a taxa de desemprego no quarto trimestre de 2020 caiu 3,7% em relação ao ano de 2019 e, de acordo com Mário Caetano João, secretário de estado para a economia em Angola, quando questionado sobre a criação de postos de emprego, em 2020 foram criados “mais de 35 mil e desde o início do ano temos cerca de quatro mil postos criados. [...] Portanto, desde 2019, temos já um acumulado de cerca de 45 mil empregos criados”¹⁸⁸. Contudo, conforme consta na reportagem Deutsche Welle (DW), a realidade é diferente, na realidade a população não chega sequer de notar quem foi ou não contratado por intermédio de concursos públicos nos raros momentos em que se realizam, o que faz com que haja maior desconfiança quanto aos dados avançados pelo governo. Conforme é do conhecimento geral, durante a sua campanha eleitoral, o atual presidente de Angola, João Lourenço, prometeu criar cinco mil postos de emprego no seu mandato, mas até agora “não se sabe ao certo quantos já foram criados.”¹⁸⁹

¹⁸⁷ Pepetela. *O Cão e os Caluandas*. p. 114.

¹⁸⁸ Manuel Luamba. “O desemprego está mesmo a baixar em Angola?”. DW. Edição de 11/02/2021. Luanda. Disponível em <https://www.dw.com/pt-002/o-desemprego-est%C3%A1-mesmo-a-baixar-em-angola/a-56533545>.

¹⁸⁹ *Ibidem*.

O que se sabe é que a população quer trabalhar, prova disso foram as diversas manifestações em Angola por parte do povo devido à falta de emprego, esta situação obriga a que muitos recorram a meios ilegais ou pouco rentáveis para conseguir sobreviver.

Por último, a questão do lixo é outro dos grandes problemas dentro da sociedade angolana e na obra *Sua Excelência, de Corpo Presente* chega a ser mesmo um grande *Plot Point* dentro da narrativa.

Por trás do sítio onde estaria o Atroz, para lá das árvores e das casas, onde começavam os pântanos do Norte e terminava a cidade, se divisava o monte feito pelo lixo. A lixeira principal da capital era ao ar livre e em breve se veriam as centenas de gaivotas e outras aves a sobrevoar o verdadeiro morro, de altura correspondente a uma casa de dois andares que ia crescendo, apesar dos protestos e irritação de jornalistas, estudiosos e povo em geral. As aves iam competir ferozmente com as pessoas pela porcaria, também às centenas, na esperança de encontrar algo para comer, vender ou trocar. O presidente inapto nada fazia para acabar com aquela vergonha nacional. Do lado esquerdo do palácio se via a catedral, velha e mal rebocada, como a tentar não contrastar com o monte da lixeira que lhe fazia concorrência.

Pobre e desleixada terra.¹⁹⁰

O excerto acima parte de uma narração do tempo antes de o ex-ditador morto se tornar presidente, isto é, quando era um major do exército, essa informação é importante porque mais a frente, quando este se tornar presidente, hipocritamente vai tomar a mesma atitude que criticou do antigo presidente.

Se bem me lembro, perto estaria a lixeira. Discutimos bastante a necessidade de tirar a lixeira dali, demasiado perto do centro do poder, uma vergonha e a prova de que pouco nos interessávamos pelo meio ambiente. Mas havia sempre dificuldades de última hora, constrangimentos, e por mais que os ministros discutissem de como e quando fazer, outros assuntos nos distraíam e a lixeira permanecia no mesmo sítio. Foi crescendo, se tornou na maior montanha da região, atingia já uma altura superior a qualquer prédio e se estendia por uma extensão equivalente a vários bairros. O lixo se misturava com a água dos pântanos, o cheiro devia ser sufocante. Havia derrocadas frequentes, e quando isso acontecia, sobretudo por causa da chuva, havia sempre vidas a lamentar. Lamentavam as famílias e nós, as eternas vítimas dos jornalistas, criticando-nos pela ineficácia. Quem mais se importava com catadores de lixo?¹⁹¹

Ao que parece este problema de lixo não é algo tão recente assim em Angola. Em *O Cão e os Caluandas*, apesar de não ser retratado aprofundadamente sobre o lixo, é possível notar que o autor denuncia sobre este problema quando diz “Os esgotos não funcionam, as ruas parecem queijos, [...] os ratos confundem-se com coelhos, os passeios sujos, os prédios a feder de podres, a luz eléctrica sempre com falhas, os jardins mortos [...]”. Face ao que verificamos nesta obra de Pepetela, pode-se concluir que o problema é mais grave

¹⁹⁰ Pepetela. *Sua Excelência, de Corpo Presente*. p.190-191.

¹⁹¹ *Ibidem*. p. 259-260.

do que se pensa tendo em conta que não houve grande progresso na luta pela resolução deste problema sanitário.

De acordo com uma reportagem da Lusa publicada pela RTP, os amontoados de lixo nas ruas, paragens de táxi e mercados “são agora um dos principais postais de Luanda, desagradando a moradores e transeuntes que temem doenças e queixam-se da demora na recolha e mau cheiro.”¹⁹² Os montes de lixo são facilmente observáveis no centro da cidade ou nas zonas periféricas, “onde as bermas das estradas se transformaram em lixeiras”¹⁹³ dificultando tanto automobilistas como os peões e isto porque passam semanas e o lixo não é recolhido nessas zonas.

Nesta mesma reportagem pode-se constatar que as vias principais e secundárias de Luanda “não tem contentores de pequeno ou médio porte e os que ainda resistem estão a transbordar de tanto lixo” o que tem vindo a causar lamentos por parte da população.

O governo reconhece este problema e já vem desde há muito tempo prometer à população que esses problemas sanitários serão ultrapassado. Contudo, na prática tem-se verificado o contrário, sendo que, em dezembro de 2020, Joana Lina, ex-governadora de Luanda, “suspendeu o contrato com seis operadoras de limpeza e recolha de resíduos, por incapacidade de suportar o pagamento contratual”¹⁹⁴, fazendo assim com que algumas empresas removessem os contentores dos locais onde recolhiam os resíduos, que estão agora a ser depositados no chão em muitas ruas e bairros.

¹⁹²RTP. “Amontoados de lixo em Luanda ameaçam saúde pública”. *Lusa*. Edição de 10/02/2021. Lisboa. Disponível em https://www.rtp.pt/noticias/mundo/amontoados-de-lixo-em-luanda-ameacam-saude-publica_n1296292.

¹⁹³ *Ibidem*.

¹⁹⁴ *Ibidem*.

Considerações finais

O estudo da representação alegórica de Angola passou por analisar comparativamente as obras *O Cão e os Caluandas* e *Sua Excelência, de Corpo Presente*, duas obras pepetelianas selecionadas pelo seu conteúdo sociopolítico, na medida em que aí são representados aspetos da sociedade angolana. Para tal, fizemos uso do método comparativo porque entendemos que seria a melhor estratégia para contrastar as duas obras com o objetivo de melhor recolher e analisar as informações contidas nelas.

No decorrer do estudo abordámos a situação etnográfica e a História de Angola, desde a pré-história até à independência, tendo em consideração o carácter social e histórico que Pepetela demonstra nas suas obras literárias. Um outro motivo foi para que qualquer um que entrasse em contato com a nossa dissertação pudesse ter a noção do contexto angolano a fim de melhor compreender as nossas ideias, sabendo que nem todos são versados em História, sociologia e política deste país africano.

O estudo da representação alegórica de Angola, por assim dizer, passou por tentar compreender em primeiro lugar que tipo de visão Pepetela tinha e tem sobre o seu país, portanto, era necessário que se fizesse um estudo geral básico sobre o seu trabalho literário onde não só pudemos descobrir o seu carácter socialista utópico que, aliás, é próprio das suas obras iniciais, mas também comprovamos a sua decepção pelo rumo que o seu país tomou depois da independência, e, tal como foi (pre)ditado por nós, pode-se observar a partir das suas obras uma certa decepção que fez com que deixasse de lado o contexto político e se refugia-se apenas na literatura e no ensino.

Seguindo a linha dos objetivos traçados por nós, procedemos com a análise comparativa de *O Cão e os Caluandas* e de *Sua Excelência, de Corpo Presente* no sentido alegórico a fim de podermos demonstrar como Angola é representada alegoricamente nas duas obras. Para tal, destacamos que certos indícios linguísticos necessários como o uso óbvio do português angolano e outras línguas nacionais, bem como certas alcunhas, acabam por restringir o contexto de *Sua Excelência, de Corpo Presente* como sendo Angola, passo este crucial para a nossa dissertação, isto porque na obra não se sabe qual é o país em referência, portanto para avançarmos com os nossos argumentos convinha deixar claro este ponto.

De seguida, começámos a analisar comparativamente as duas obras, tendo sido possível comprovar certos aspetos alegoricamente similares e diferentes entre as obras e a realidade angolana. Nas semelhanças alegóricas, focamo-nos essencialmente na

corrupção e no governo angolano, e nas diferenças focamo-nos na sociedade angolana em si e noutros aspetos narrativos entre as duas. Desta forma, acabamos por responder às questões que nos predispusemos a responder, conseguindo alcançar assim o nosso objetivo principal, o de demonstrar que, de facto, existe uma representação alegórica de Angola nas duas obras pepetelianas selecionadas, em *O Cão e os Caluandas* de forma mais patente, com topónimos que claramente remetem para esse país africano, e em *Sua Excelência, de Corpo Presente* de forma mais camuflada, pela ausência de topónimos angolanos.

No entanto, os traços do protagonista humano tal como os do protagonista animal de *O Cão e os Caluandas* remetem alegoricamente para Angola. Num são retratados os tiques das classes menos favorecidas; noutro romance, os tiques das elites, sobretudo políticas. Em ambos os casos, uma alegoria da nação angolana, ou seja, da política angolana, comprovando a relação íntima na obra pepeteliana entre a literatura e a política.

Referências

1. Bibliografia ativa

PEPETELA. *O Cão e os Caluandas*, 6.^a Ed. Publicações Dom Quixote. Alfragide, Portugal. 2014.

PEPETELA. *Sua Excelência, de Corpo Presente*. Publicações Dom Quixote. Alfragide, Portugal. 2018.

2. Bibliografia Passiva

ABDALA JR., Benjamin. "Notas sobre a utopia, em Pepetela". In *Portanto... Pepetela*. Org. Rita Chaves e Tânia Macedo. Edições Chá de Caxinde. Luanda. 2002.

ERVEDOSA, Carlos. *A literatura angolana: resenha histórica*. 2.^a ed. Edição da Casa dos Estudantes do Império. Lisboa. 1963.

MANASSA, João Baptista Abreu. *Lunda: História e Sociedade*. Luanda. Mayamba Editora. 2011.

MATA, Inocência. *Ficção e História na Literatura Angolana: O Caso de Pepetela*. Edições Colibri. Lisboa. 2010.

MATA, Inocência. "Pepetela: a releitura da história entre gestos de reconstrução". In Rita Chaves e Tânia Macedo (org.). *Portanto...Pepetela*. Chá de Caxinde. Luanda. 2002.

PINTO, Alberto Oliveira. *História de Angola*. Lisboa. Mercado de Letras Editores. 2015.

PÉLISSIER, René. *História das Campanhas de Angola*. Vol. 1. Lisboa. Editorial Estampa.

PEREIRA, Adriano. *Dicionário Glossográfico e Toponímico da documentação sobre Angola*. Séculos XV-XVII. Lisboa. Editorial Estampa. 1990.

SALGADO, Maria Teresa. "O Cão e os Caluandas: O texto, o leitor e o mundo" in Rita Chaves e Tânia Macedo (org.). *Portanto... Pepetela*. Luanda. Edições Chá de Caxinde. 200.

ZAU, Filipe. *Angola: Trilhos para o desenvolvimento*. Universidade Aberta. Lisboa. 2002.

3. Bibliografia Geral

AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel de. *Teoria da Literatura*. Coimbra. Portugal: Edições Almedina. AS. 8^a ed. 2011.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras. 2008.

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. IX. 1169 b 18/20. Trad. Leonel Valandro e Gerd Bornheim. São Paulo: Abril Cultural, 1973. Vol. IV: Os Pensadores.

BUESCU, Helena. «Literatura comparada e Teoria da Literatura: relações e fronteiras». in Helena Buescu, João Duarte, Miguel Gusmão (Org.). *Floresta encantada: novos caminhos da Literatura comparada*. Lisboa. Dom Quixote. 2002.

CÂNDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade*. 9.^a ed. Revista Ouro sobre Azul. Rio de Janeiro. 2006.

CARVALHO, Marcelle Ventura. “Vieira e a alegoria dos teólogos e do renascimento” in Aldinida Medeiros. *Travessias pela literatura portuguesa: estudos críticos de Saramago a Vieira*. Campina Grande: EDUEPB. 2013.

CLAUDON, Francis e HADDAD-WOTLING, Karen. *Elementos da Literatura Comparada*. Trad. Luís Serrão. Lisboa. Inquérito.1992.

DOSTOEVSKY, Fyodor. *A Writer's Diary*. Trad. Kenneth Lant. Northwestern University Press. 1994.

FERBER, Michael, *apud* Eduardo Viana da Silva. *Um zoológico de significados: a função dos animais em alguns textos de Machado de Assis*. P. 140. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/262650387_A_zoological_of_meanings_the_function_of_animals_in_some_texts_by_Machado_de_Assis/fulltext/03908da80cf26e6d78517996/A-zoological-of-meanings-the-function-of-animals-in-some-texts-by-Machado-de-Assis.pdf (Acesso em 01/07/2021).

HANSEN, João Adolfo. *Alegoria: construção e interpretação da metáfora*. São Paulo: Hedra. Campinas. Editora da UNICAMP. 2006.

KRISTEVA, Julia. *Introdução à semântica*. Trad. Lúcia Helena França Ferraz. Perspectiva. São Paulo. 1974.

LAUSBERG, Heinrich. *Elementos de retórica literária*. Trad. R. Rosado Fernandes. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian. 2004.

LEWIS, M. Paul (2009). *Ethnologue: Languages of the World* (em Inglês). 6.^a ed. Dallas, Texas: SIL International. ISBN 978-1-55671-216-6

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de Termos Literários*. 12.^a ed. São Paulo. Cultrix. 2004.

PLATÃO. *A República*, Livro IV. Trad. Maria Helena Pereira. 12.^a ed. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa. S/d.

SARGENT, Lyman. *Utopianism: A very short introduction*. Oxford University Press. Oxford. 2010.

VIEIRA, Cristina. *A Construção da Personagem Romanesca*. Edições Colibri. Lisboa. 2008.

4. Sítios da Internet

ANDRADE, Domingos Freire de. “Dos Porcos Capitalistas ao Triunfo dos Porcos”. *Observador*. Disponível em <https://observador.pt/opiniao/dos-porcos-capitalistas-ao-triunfo-dos-porcos/>. (Acesso em 14/11/2020).

Ango Notícias. 11/07/2021. Disponível em <https://www.angonoticias.com/Artigos/item/68552/bilheteira-do-metro-de-superficie-preve-facturar-mais-de-mil-milhoes-usd>. (Acesso em 19/07/2021).

BARBOSA, Márcia. “Nação, um discurso simbólico da modernidade”. *Revista Crítica Cultural*. Vol. 6. p. 203-216. disponível em http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Critica_Cultural/article/view/734 (Acesso em 12/02/2021).

CAMBANDA, Francisco. *A Questão Étnica como Fator de Estabilidade do Processo Político e do Desenvolvimento Socioeconómico em Angola*. tese de doutoramento em sociologia económica e das organizações. Universidade de Lisboa. Lisboa. 2015. P. 95.

Disponível em <https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/10592/1/TD-FDC-2015.pdf> (Acesso em 10/07/2021).

CASTRO, Fernanda. “Entrevista a Pepetela”. *Navegações*, 7 (2). Funchal, Portugal. P. 213, disponível em <https://doi.org/10.15448/1983-4276.2014.2.21054>. (Acesso em 05/04/2021).

"**cazumbi**", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha]. 2008-2021. Disponível em <https://dicionario.priberam.org/cazumbi> (Acesso em 26/06/2021).

Club K. 04/06/2021. “Caso Lussati” demonstra o nível de gravidade que atingiu o problema da corrupção em Angola”. Luanda. Disponível em https://club-k.net/index.php?option=com_content&view=article&id=44637:caso-lussati-demonstra-o-nivel-de-gravidade-que-atingiu-o-problema-da-corrupcao-em-angola&catid=23:politica&lang=pt&Itemid=641. (Acesso em 14/07/2021).

Código Deontológico de Angola. Disponível em <https://cce.ao/ao/codigo-deontologico/> (Acesso em 29/07/2021).

Consulado Geral de Angola. Disponível em <https://www.consuladogeral-angola.pt/geografia/> (Acesso em 23/10/2020).

Deutsche Welle. 12/11/2020. Disponível em <https://www.dw.com/pt-002/angola-morreu-jovem-angolano-ferido-na-cabe%C3%A7a-durante-manifesta%C3%A7%C3%A3o-em-luanda/a-55579481>. (Acesso em 29/07/2021).

Diário de Notícias. 04/09/2020. Disponível em <https://www.dn.pt/mundo/medico-angolano-apanhado-pela-policia-sem-mascara-na-rua-morre-na-esquadra-12630867.html>. (Acesso em 28/06/2021).

DUTRA, Robson. “Literatura e nação - Pepetela e a história de Angola”. *Revista de História Comparada*. Rio de Janeiro. Vol. 5-1. 2011. p. 149-178. Disponível em <https://revistas.ufrj.br/index.php/RevistaHistoriaComparada/article/view/71/65> (Acesso em 12/12/2020).

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. s/l, s/d/. Disponível em [https://www.intaead.com.br/ebooks1/livros/hist%F3ria/12.Hist%F3ria%20do%20Brasil%20-%20Boris%20Fausto%20\(Col%F4nia\).pdf](https://www.intaead.com.br/ebooks1/livros/hist%F3ria/12.Hist%F3ria%20do%20Brasil%20-%20Boris%20Fausto%20(Col%F4nia).pdf) (Acesso em 03/12/2020).

Freedom House. Disponível em <https://freedomhouse.org/country/angola/freedom-world/2021>. (Acesso em 03/07/2021).

Frontline Defenders. “Histórico do caso: Angola 15+2”. Disponível em <https://www.frontlinedefenders.org/pt/case/case-history-angola-15> (09/02/2020).

JORGE, Helena Isabel. *Literatura e Política, uma meditação à margem*. Disponível em https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/29082/1/helena_jorge.pdf (Acesso em 13/12/2020).

Jornal de Angola. 12/05/2018. Disponível em <https://www.jornaldeangola.ao/ao/noticias/detalhes.php?id=404376>. (Acesso em 18/06/2021).

Jornal de Angola. 12/11/2020. Disponível em <https://www.jornaldeangola.ao/ao/noticias/policia-nacional-frustra-tentativa-de-manifestacao/>. (Acesso em 29/07/2021).

Jornal de Angola. 24/11/2020. Disponível em <https://www.jornaldeangola.ao/ao/noticias/metro-de-superficie-tem-obras-em-janeiro/>. (Acesso em 29/06/2021).

Jornal de Angola. 01/06/2021. “Pedro Lussaty: O “Banquete” do misterioso Major das malas milionárias”. Luanda. Disponível em <https://www.jornaldeangola.ao/ao/noticias/pedro-lussaty-o-banquete-do-misterioso-major-das-malas-milionarias/>. (Acesso em 03/07/2021).

Jornal de Negócios. 19/08/2017. Disponível em <https://www.jornaldenegocios.pt/weekend/detalhe/o-adeus-de-jose-eduardo-dos-santos-38-anos-depois>. (Acesso em 29/06/2021).

LUAMBA, Manuel. “O desemprego está mesmo a baixar em Angola?”. *Deutsche Welle*. Edição de 11/02/2021. Luanda. Disponível em <https://www.dw.com/pt-002/o-desemprego-est%C3%A1-mesmo-a-baixar-em-angola/a-56533545>. (Acesso em 13/07/2021).

MACEDO, Tânia. “A crítica de Pepetela” Prefácio, In PEPETELA. *O cão e os caluandas*. São Paulo: Kapulana. 2019. [Vozes da África] Disponível em: <https://www.kapulana.com.br/a-critica-de-pepetela-tania-macedo/> (Acesso em 03/07/2021).

MARCON, Frank. “Os romances de Pepetela e a imaginação da nação em Angola.” *História Revista*. Vol. 16. N1. 2011. Pp. 31, 51. Disponível em <https://doi.org/10.5216/hr.v16i1.14703> (Acesso em 13/12/2020).

MARQUES, Rafael. *O perigo do excesso de normativismo do combate à corrupção*. 17/06/2021. Disponível em <https://www.makaangola.org/2021/06/o-perigo-do-excesso-de-normativismo-no-combate-a-corrupcao/> (Acesso em 27/06/2021).

MARTINS, Aulus Mandagará. “Sátira, Utopia e Distopia em O Cão e os Caluandas de Pepetela”. in *Anais do XI Congresso Internacional da Abralic - Tessituras, Interações, Convergências*, São Paulo: 13 a 17 de julho de 2008. disponível em https://abralic.org.br/eventos/cong2008/anaisonline/simposios/pdf/076/aulus_martins.pdf. (Acesso em 23/01/2021).

MORAIS, Rafael Marques de. “Corrupção em Angola, Branqueamento de Capitais em Portugal e Impacto sobre os Direitos Humanos”. *Maka Angola*. Luanda. 2013. Disponível em <http://www.makaangola.org/wp-content/uploads/2013/05/CorrupcaoAngolaPortugal.pdf> (Acesso em 27/06/2021).

Moura, Flávio. *A propaganda no estado novo: Uma abordagem de ensino/aprendizagem construtiva e cooperativa*. Relatório de Mestrado em Ensino da História no 2º e ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário. Universidade de Coimbra. 2018. p. 27. Disponível em https://eg.uc.pt/bitstream/10316/81905/1/FlavioMoura_versaofinal.pdf (Acesso em 07/11/2020).

"**mujimbo**", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha]. 2008-2021. Disponível em <https://dicionario.priberam.org/mujimbo> (Acesso em 26/06/2021).

Novo Jornal. 28/01/2017. Disponível em https://novojornal.co.ao//opinioao/interior/nao-liga-isso-e-angola---porque-aqui-e-normal-os-mambos-nao-funcionarem-e-nos-aceitarmos-e-pausarmos-numa-boia-36622.html?seccao=NJ_Opi. (Acesso em 27/06/2021).

Novo Jornal. 25/02/2021. Disponível em <https://novojornal.co.ao/sociedade/interior/policia-nacional-suspende-operacoes-stop-por-tempo-indeterminado-101031.htm> (Acesso em 15/06/2021).

PADILHA, Laura *apud* MENEZES, Carlos. “Entre dribles e máscaras: a construção do mosaico em o cão e os caluandas”. *Mulemba*, vol. 12. Rio de Janeiro, Brasil. 2015.

Disponível em <https://doi.org/10.35520/mulemba.2015.v7n12a5022> (Acesso em 10/04/2021).

Proclamação da independência de Angola por Agostinho Neto. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=6NAYCTCkfw>. (Acesso em 10/12/2020).

RTP. “Amontoados de lixo em Luanda ameaçam a saúde pública”. *Lusa*. Edição de 10/02/2021. Lisboa. Disponível em https://www.rtp.pt/noticias/mundo/amontoados-de-lixo-em-luanda-ameacam-saude-publica_n1296292. (Acesso em 17/07/2021).

SEMANA. “Toda la literatura es politica”. (Entrevista a Manuel Scorza). Disponível em <https://www.semana.com/toda-la-literatura-es-politica/3108-3/> (Acesso em 01/12/2020).

SCHERRE, Marta. *O Preconceito Linguístico Deveria Ser Crime*. Revista Galileu. S/D. Disponível em <http://revistagalileu.globo.com/Revista/Galileu/0,,EDR87198-7962,00.html>. (Acesso em 12/07/2021).

UALHANGA, Xavier Chipuleno. *Antroponímia na língua cokwe (Lunda-Norte)*. Universidade Nova de Lisboa. Lisboa. 2017. Disponível em <https://run.unl.pt/bitstream/10362/21952/1/XAVIER-Disserta%C3%A7%C3%A3o%20de%20Mestrado-29.06.2017.pdf>. (Acesso em 12/10/2021).

Voice Of America Português. ““Eu sou Bakongo” o canto de Yannick Afroman”. Edição de 13/10/2019. Luanda. Disponível em <https://www.voaportugues.com/a/eu-sou-bakongo-yannick-afroman/5122040.html>. (Acesso em 10/07/2021).